Uma Compilação dos poemas do maior poeta da língua portuguesa do século XX

ANTOLOGIA POÉTICA

POEMAS PESSOANOS

(Poemas Ortónimos)

FERNANDO PESSOA

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

BREVE NOTA SOBRE FERNANDO PESSOA

Fernando António Nogueira Pessoa (1888 - 1935), mais conhecido como Fernando Pessoa, é considerado um dos maiores poetas da Língua Portuguesa, e da Literatura Universal, muitas vezes comparado com Luís de Camões. O crítico literário Harold Bloom considerou a sua obra um "legado da língua portuguesa ao mundo".

Pessoa foi igualmente empresário, editor, crítico literário, jornalista, comentador político, tradutor, inventor, astrólogo e publicitário, ao mesmo tempo que produzia a sua obra literária em verso e em prosa. Como poeta, desdobrou-se em múltiplas personalidades conhecidas como heterónimos, objeto da maior parte dos estudos sobre sua vida e sua obra. Centro irradiador da heteronímia, auto denominou-se um "drama em gente".

Considera-se que a grande criação estética de Pessoa foi a invenção heteronímica que atravessa toda a sua obra. Os heterónimos, diferentemente dos pseudónimos, são

personalidades poéticas completas: identidades que, em princípio falsas, se tornam verdadeiras através da sua manifestação artística própria e diversa do autor original. Entre os heterónimos, o próprio Fernando Pessoa passou a ser chamado ortónimo, porquanto era a personalidade original. Entretanto, com o amadurecimento de cada uma das outras personalidades, o próprio ortónimo tornou-se apenas mais um heterónimo entre os outros. Os três heterónimos mais conhecidos (e também aqueles com maior obra poética) foram Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro. Um quarto heterónimo de grande importância na obra de Pessoa é Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego, importante obra literária do século XX.

A obra ortónima de Pessoa passou por diferentes fases, mas envolve basicamente a procura de um certo patriotismo perdido, através de uma atitude sebastianista reinventada. O ortónimo foi profundamente influenciado, em vários momentos, por doutrinas religiosas (como a teosofia) e sociedades secretas (como a Maçonaria). A poesia resultante tem um certo ar mítico, heroico (quase épico,

mas não na aceção original do termo) e por vezes trágico. Pessoa é um poeta universal, na medida em que nos foi dando, mesmo com contradições, uma visão simultaneamente múltipla e unitária da vida. Uma explicação para a criação dos três principais heterónimos e o semi-heterónimo Bernardo Soares, reside nas várias formas que tinha de olhar o mundo, apoiando-se no racionalismo e pensamento oriental.

O ortónimo é considerado, só por si, como simbolista e modernista pela evanescência, indefinição e insatisfação, bem como pela inovação praticada através de diversas sendas de formulação do discurso poético.

O compêndio que se segue reúne toda a composição poética ortónima de Pessoa.

FICHA PESSOAL

Ficha pessoal, também referida como nota autobiográfica, intitulada no original "Fernando Pessoa", dactilografada e assinada pelo escritor em 30 de Março de 1935 (em algumas edições está 1933, por lapso). Publicada pela primeira vez, muito incompleta, como introdução ao poema À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais, editado pela Editorial Império em 1940. Publicada em versão integral em Fernando Pessoa no seu Tempo, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1988, pp. 17–22.

***

FERNANDO PESSOA

Nome completo: Fernando António Nogueira Pessoa.

Idade e naturalidade: Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Diretório) em 13 de Junho de 1888.

Filiação: Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto e Diretor-Geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral: misto de fidalgos e judeus.

Estado civil: Solteiro.

Profissão: A designação mais própria será "tradutor", a mais exata a de "correspondente estrangeiro" em casas comerciais. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

Morada: Rua Coelho da Rocha, 16, 1º. Dto. Lisboa. (Endereço postal - Caixa Postal 147, Lisboa).

Funções sociais que tem desempenhado: Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque,

nenhumas.

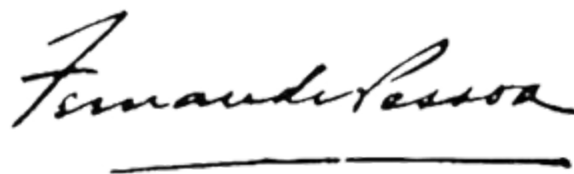
Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. É o seguinte o que, de livros ou folhetos, considera como válido: "35 Sonnets" (em inglês), 1918; "English Poems I-II" e "English Poems III" (em inglês também), 1922; livro "Mensagem", 1934, premiado pelo "Secretariado de Propaganda Nacional" na categoria Poema". O folheto "O Interregno", publicado em 1928 e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.

Educação: Em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, Cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prémio Rainha Vitória de estilo inglês na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

Ideologia Política: Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a

Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti reacionário.

Posição religiosa: Cristão gnóstico e portanto inteiramente oposto a todas as igrejas organizadas e, sobretudo, à Igreja Católica. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

Posição iniciática: Iniciado, por comunicação direta de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da Ordem dos Templários de Portugal.

Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católico-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista

que se guia por este lema: "Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação".

Posição social: Anti-comunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

Resumo de estas últimas considerações: Ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de Março de 1935.

Fernando Pessoa

[assinatura autógrafa]

NOTA PRELIMINAR

1 - Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de perceção: ao mesmo tempo que tempos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa perceção.

2 - Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E - mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem - pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol

nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.

3 - Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, tempos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo - num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva - e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma - é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que "na ausência da amada o sol não brilha", e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser - não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem - que se queira simplesmente intersecionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior.

Fernando Pessoa

(in Cancioneiro)

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama coração.

ANÁLISE

Tão abstrata é a ideia do teu ser

Que me vem de te olhar, que, ao entreter

Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,

E nada fica em meu olhar, e dista

O teu corpo do meu ver tão longemente,

E a ideia do teu ser fica tão rente

Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me

Sabendo que tu és, que, só por ter-me

Consciente de ti, nem a mim sinto.

E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto

A ilusão da sensação, e sonho,

Não te vendo, nem vendo, nem sabendo

Que te vejo, ou sequer que sou, risonho

Do interior crepúsculo tristonho

Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.

12-1911

DOBRE

Peguei no meu coração

E pu-lo na minha mão

Olhei-o como quem olha

Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pávido e absorto

Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida

Do sonho e pouco da vida.

1913

INTERVALO

Quem te disse ao ouvido esse segredo

Que raras deusas têm escutado -

Aquele amor cheio de crença e medo

Que é verdadeiro só se é segredado?...

Quem te disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.

Não foi um outro, porque não sabia.

Mas quem roçou da testa teu cabelo

E te disse ao ouvido o que sentia?

Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?

Foi só qualquer ciúme meu de ti

Que o supôs dito, porque o não direi,

Que o supôs feito, porque o só fingi

Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,

A teu ouvido vagamente atento,

Te falou desse amor em mim presente

Mas que não passa do meu pensamento

Que anseia e que não sente?

DESEJO

Foi um desejo que, sem corpo ou boca,

Aos teus ouvidos de eu sonhar-te disse

A frase eterna, imerecida e louca -

A que as deusas esperam da ledice

Com que o Olimpo se apouca.

1913

ABDICAÇÃO

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços

E chama-me teu filho... eu sou um rei

que voluntariamente abandonei

O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,

Em mão viris e calmas entreguei;

E meu cetro e coroa - eu os deixei

Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,

Minhas esporas de um tinir tão fútil,

Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,

E regressei à noite antiga e calma

Como a paisagem ao morrer do dia.

1913

IMPRESSÕES DO CREPÚSCULO

Pauis de roçarem ânsias pela minha alma em ouro...

Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro

Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minha alma...

Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...

Silêncio que as folhas fitam em nós... Outono delgado

Dum canto de vaga ave... Azul esquecido em estagnado...

Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!

Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!

Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo

Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...

Címbalos de Imperfeição... Ó tão antiguidade

A hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade

O meu abandonar-me a mim próprio até desfalecer,

E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...

Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se...

O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...

A sentinela é hirta - a lança que finca no chão

É mais alta do que ela... Para que é tudo isto... Dia chão...

Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os Aléns...

Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro...

Fanfarras de ópios de silêncios futuros... Longes trens...

Portões vistos longe... através de árvores... tão de ferro!

29-03-1913

HORA ABSURDA

O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...

Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...

E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas

Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...

O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...

Minha ideia de ti é um cadáver que o mar traz à praia…, e entanto

Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte...

Abre todas as portas e que o vento varra a ideia

Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões...

Minha alma é uma caverna enchida pela maré cheia,

E a minha ideia de te sonhar uma caravana de histriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fora...É em mim...Sou a Hora,

E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...

Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...

No meu céu interior nunca houve uma única estrela...

Hoje o céu é pesado como a ideia de nunca chegar a um porto...

A chuva miúda é vazia...A Hora sabe a ter sido...

Não haver qualquer coisa como leitos para as naus!...Absorto

Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,

Minhas ânsias todas talhadas num mármore que não há,

Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro,

E a minha bondade inversa não é nem boa nem má...

Os feixes dos lictores abriram-se à beira dos caminhos...

Os pendões das vitórias medievais nem chegaram às cruzadas...

Puseram in-fólios úteis entre as pedras das barricadas...

E a erva cresceu nas vias férreas com viços daninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!

Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam

De longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram

Aquela angústia de sonhar mais que até para si calam...

O palácio está em ruínas... Dói ver no parque o abandono

Da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada

E sente saudade de si ante aquele lugar-outono...

Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela cortada...

A doida partiu todos os candelabros glabros,

Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...

E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos candelabros...

E que querem ao lago aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?...

Por que me aflijo e me enfermo?...Deitam-se nuas ao luar

Todas as ninfas... Veio o sol e já tinham partido...

O teu silêncio que me embala é a ideia de naufragar,

E a ideia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido...

Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora...

As próprias sombras estão mais tristes...Ainda

Há rastros de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora

Um como que eco de passos pela alameda que eis finda...

Todos os ocasos fundiram-se na minha alma...

As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...

Secou em teu olhar a ideia de te julgares calma,

E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos...pelo ouro das searas

Passou uma saudade de não serem o mar...Em frente

Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras...

Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!

Todas as princesas sentiram o seio oprimido...

Da última janela do castelo só um girassol

Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...

Repique de sinos para além, no Outro Vale... Perto?...

Arde o colégio e uma criança ficou fechada na aula...

Por que não há de ser o Norte e Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso...Fito-te...

E o teu silêncio é uma cegueira minha...Fito-te e sonho...

Há coisas rubras e cobras no modo como medito-te,

E a tua ideia sabe à lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?...

Ah, deixa que eu te ignore...O teu silêncio é um leque -

Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,

Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos....

Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...

O meu amar-te é uma catedral de silêncio eleitos,

E os meus sonhos uma escada sem princípio mas com fim...

Alguém vai entrar pela porta...Sente-se o ar sorrir...

Tecedeiras viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem...

Ah, o teu tédio é uma estátua de uma mulher que há de vir,

O perfume que os crisântemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o propósito de todas as pontes,

Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras,

Endireitar à força a curva dos horizontes,

E gemer por ter de viver, como um ruído brusco de serras...

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...

Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã - como nos desalegra!...

Que o meu ouvir o teu silêncio não seja nuvens que atristem

O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tédio, auréola negra...

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...

Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...

A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece,

E o meu saber-te a sorrir é uma flor murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!...

Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória!...

Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia batismal,

Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema - Vitória!

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma

Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos...

Não sei...Eu sou um doido que estranha a sua própria alma...

Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos...

4-7-1913

Ó SINO DA MINHA ALDEIA

Ó sino da minha aldeia,

Dolente na tarde calma,

Cada tua badalada

Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,

Tão como triste da vida,

Que já a primeira pancada

Tem o som de repetida.

Por mais que tanjas perto

Quando passo, sempre errante,

És para mim como um sonho,

Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,

Vibrante no céu aberto,

Sinto mais longe o passado,

Sinto a saudade mais perto

1914

Que os olhos se me vão acostumando

À escuridão.

13-1-1920.

VENDAVAL

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,

Não achas, soprando por tanta solidão,

Deserto, penhasco, coval mais vazio

Que o meu coração!

Indómita praia, que a raiva do oceano

Faz louco lugar, caverna sem fim,

Não são tão deixados do alegre e do humano

Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,

Só têm a tristeza que a gente lhes vê

E nisto que em mim é vácuo e tristeza

É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!

Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,

Que rasgas os robles - teu pulso divida

Minha alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,

A alma que tenho pudesses levar -

Fosse para onde fosse, pra longe da ideia

De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,

Mar torvo do caos que parece volver -

Porque é que não entras no meu pensamento

Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!

Horror de sentir a alma sempre a pensar!

Arranca-me, é vento; do chão da existência,

De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais escura,

Pelo caos furioso que crias no mundo,

Dissolve em areia esta minha amargura,

Meu tédio profundo.

E contra as vidraças dos que há que têm lares,

Telhados daqueles que têm razão,

Atira, já pária desfeito dos ares,

O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,

Tornado a substância dispersa e negada

Do vento sem forma, da noite sem termo,

Do abismo e do nada!

16-2-1920.

AO LONGE, AO LUAR

Ao longe, ao luar,

No rio uma vela

Serena a passar,

Que é que me revela?

Não sei, mas meu ser

Tornou-se-me estranho,

E eu sonho sem ver

Os sonhos que tenho.

Que angústia me enlaça?

Que amor não se explica?

É a vela que passa

Na noite que fica.

5-08-1921

SONHO

Sonho. Não sei quem sou neste momento.

Durmo sentindo-me. Na hora calma

Meu pensamento esquece o pensamento,

Minha alma não tem alma.

Se existo é um erro eu o saber. Se acordo

Parece que erro. Sinto que não sei.

Nada quero nem tenho nem recordo.

Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões,

Fantasmas me limitam e me contêm.

Dorme insciente de alheios corações,

Coração de ninguém.

6-1-1923

DORME ENQUANTO EU VELO...

Dorme enquanto eu velo...

Deixa-me sonhar...

Nada em mim é risonho.

Quero-te para sonho,

Não para te amar.

A tua carne calma

É fria em meu querer.

Os meus desejos são cansaços.

Nem quero ter nos braços

Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme. dorme,

Vaga em teu sorrir...

Sonho-te tão atento

Que o sonho é encantamento

E eu sonho sem sentir.

1924

PÕE-ME AS MÃOS NOS OMBROS...

Põe-me as mãos nos ombros...

Beija-me na fronte...

Minha vida é escombros,

A minha alma insonte.

Eu não sei por quê,

Meu desde onde venho,

Sou o ser que vê,

E vê tudo estranho.

Põe a tua mão

Sobre o meu cabelo...

Tudo é ilusão.

Sonhar é sabê-lo.

1924

MELANCOLIA

Ah quanta melancolia!

Quanta, quanta solidão!

Aquela alma, que vazia,

Que sinto inútil e fria

Dentro do meu coração!

Que angústia desesperada!

Que mágoa que sabe a fim!

Se a nau foi abandonada,

E o cego caiu na estrada -

Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,

Nenhum momento de meu

Onde for que a alma emprego -

Na estrada morreu o cego

A nau desapareceu.

3-9-1924.

O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado

Que a morna brisa aquece,

De balas traspassado

– Duas, de lado a lado –,

Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue

De braços estendidos,

Alvo, louro, exangue,

Fita com olhar langue

E cego os céus perdidos.

Tão jovem! Que jovem era!

(Agora que idade tem?)

Filho único, a mãe lhe dera

Um nome e o mantivera:

«O menino da sua mãe».

Caiu-lhe da algibeira

A cigarreira breve.

Dera-lhe a mãe. Está inteira

É boa a cigarreira,

Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada

Ponta a roçar o solo,

A brancura embainhada

De um lenço... Deu-lho a criada

Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:

"Que volte cedo, e bem!"

(Malhas que o Império tece!)

Jaz morto, e apodrece,

O menino da sua mãe.

5 -1926

TOMAMOS A VILA DEPOIS DE UM INTENSO BOMBARDEAMENTO

A criança loura

Jaz no meio da rua.

Tem as tripas de fora

E por uma corda sua

Um comboio que ignora.

A cara está um feixe

De sangue e de nada.

Luz um pequeno peixe

— Dos que boiam nas banheiras —

À beira da estrada.

Cai sobre a estrada o escuro.

Longe, ainda uma luz doura

A criação do futuro...

E o da criança loura?

1926

ISTO

Dizem que finjo ou minto

Tudo que escrevo. Não.

Eu simplesmente sinto

Com a imaginação.

Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,

O que me falha ou finda,

É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.

Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio

Do que não está ao pé,

Livre do meu enleio,

Sério do que não é.

Sentir? Sinta quem lê!

1928

O LAGO

Contemplo o lago mudo

Que uma brisa estremece.

Não sei se penso em tudo

Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,

Não sinto a brisa mexê-lo

Não sei se sou feliz

Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos

Na água adormecida.

Por que fiz eu dos sonhos

A minha única vida?

4-8-1930

MINHA MULHER, A SOLIDÃO

Minha mulher, a solidão,

Consegue que eu não seja triste.

Ah, que bom é o coração

Ter este bem que não existe!

Recolho a não ouvir ninguém,

Não sofro o insulto de um carinho

E falo alto sem que haja alguém:

Nascem-me os versos do caminho.

Senhor, se há bem que o céu conceda

Submisso à opressão do Fado,

Dá-me eu ser só - veste de seda -,

E fala só - leque animado.

27-8-1930

SORRISO AUDÍVEL DAS FOLHAS

Sorriso audível das folhas

Não és mais que a brisa ali

Se eu te olho e tu me olhas,

Quem primeiro é que sorri?

O primeiro a sorrir ri.

Ri e olha de repente

Para fins de não olhar

Para onde nas folhas sente

O som do vento a passar

Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando

Onde não olha, voltou

E estamos os dois falando

O que se não conversou

Isto acaba ou começou?

27-11-1930

POR QUEM FOI QUE ME TROCARAM

Por quem foi que me trocaram

Quando estava a olhar pra ti?

Pousa a tua mão na minha

E, sem me olhares, sorri.

Sorri do teu pensamento

Porque eu só quero pensar

Que é de mim que ele está feito

É que tens para mo dar.

Depois aperta-me a mão

E vira os olhos a mim...

Por quem foi que me trocaram

Quando estás a olhar-me assim?

1930

CAI CHUVA

Cai chuva do céu cinzento

Que não tem razão de ser.

Até o meu pensamento

Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza

Acrescentada à que sinto.

Quero dizer-ma mas pesa

O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente

Não sei se estou triste ou não.

E a chuva cai levemente

(Porque Verlaine consente)

Dentro do meu coração.

15-11-1930.

EU AMO TUDO O QUE FOI

Eu amo tudo o que foi,

Tudo o que já não é,

A dor que já me não dói,

A antiga e errónea fé,

O ontem que dor deixou,

O que deixou alegria

Só porque foi, e voou

E hoje é já outro dia.

1931.

NUVENS

As nuvens são sombrias

Mas, nos lados do sul,

Um bocado do céu

É tristemente azul.

Assim, no pensamento,

Sem haver solução,

Há um bocado que lembra

Que existe o coração.

E esse bocado é que é

A verdade que está

A ser beleza eterna

Para além do que há.

5-4-1931

UMA MAIOR SOLIDÃO

Uma maior solidão

Lentamente se aproxima

Do meu triste coração.

Enevoa-se-me o ser

Como um olhar a cegar,

A cegar, a escurecer.

Jazo-me sem nexo, ou fim...

Tanto nada quis de nada,

Que hoje nada o quer de mim.

23-10-1931

CHOVE

Chove. Que fiz eu da vida?

Fiz o que ela fez de mim...

De pensada, mal vivida...

Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio

Tenho febre na alma, e, ao ser,

Tenho saudade, entre o tédio,

Só do que nunca quis ter...

Quem eu pudera ter sido,

Que é dele? Entre ódios pequenos

De mim, estou de mim partido.

Se ao menos chovesse menos!

23-10-1931

A LUA

A Lua (dizem os ingleses),

É feita de queijo verde.

Por mais que pense mil vezes

Sempre uma ideia se perde.

E era essa, era, era essa,

Que haveria de salvar

Minha alma da dor da pressa

De... não sei se é desejar.

Sim, todos os meus desejos

São de estar sentir pensando...

A Lua (dizem os ingleses)

É azul de vez em quando.

14-11-1931

CAI AMPLO O FRIO

Cai amplo o frio e eu durmo na tardança

De adormecer.

Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança,

Nem desejo de os ter.

E um choro por meu ser me inunda

A imaginação.

Saudade vaga, anônima, profunda,

Náusea da indecisão.

Frio do Inverno duro, não te tira

Agasalho ou amor.

Dentro em meus ossos teu tremor delira.

Cessa, seja eu quem for!

19-1-1931.

GATO QUE BRINCAS NA RUA

Gato que brincas na rua

Como se fosse na cama,

Invejo a sorte que é tua

Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais

Que regem pedras e gentes,

Que tens instintos gerais

E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,

Todo o nada que és é teu.

Eu vejo-me e estou sem mim,

Conheço-me e não sou eu.

1-1931

NÃO DIGAS NADA I

Não: não digas nada!

Supor o que dirá

A tua boca velada

É ouvi-lo já

É ouvi-lo melhor

Do que o dirias.

O que és não vem à flor

Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.

Não digas nada: sê!

Graça do corpo nu

Que invisível se vê.

5/6-2-1931

NÃO DIGAS NADA II

Não digas nada!

Nem mesmo a verdade

Há tanta suavidade em nada se dizer

E tudo se entender —

Tudo metade

De sentir e de ver...

Não digas nada

Deixa esquecer

Talvez que amanhã

Em outra paisagem

Digas que foi vã

Toda essa viagem

Até onde quis

Ser quem me agrada...

Mas ali fui feliz

Não digas nada.

5/6-2-1931

VAGA, NO AZUL AMPLO SOLTA

Vaga, no azul amplo solta,

Vai uma nuvem errando.

O meu passado não volta.

Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.

Entra mais na alma da alma.

Mas como, no céu sem gente,

A nuvem flutua calma.

E isto lembra uma tristeza

E a lembrança é que entristece,

Dou à saudade a riqueza

De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora

Na minha amarga ansiedade

Mais alto que a nuvem mora,

Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto

À alma que o saiba bem.

Visto da dor com que minto

Dor que a minha alma tem.

29-3-1931

O ANDAIME

O tempo que eu hei sonhado

Quantos anos foi de vida!

Ah, quanto do meu passado

Foi só a vida mentida

De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio

Sossego sem ter razão.

Este seu correr vazio

Figura, anónimo e frio,

A vida vivida em vão.

A esperança que pouco alcança!

Que desejo vale o ensejo?

E uma bola de criança

Sobre mais que minha esperança,

Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves

Que não sois ondas sequer,

Horas, dias, anos, breves

Passam - verduras ou neves

Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha.

Sou mais velho do que sou.

A ilusão, que me mantinha,

Só no palco era rainha:

Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,

Gulosas da margem ida,

Que lembranças sonolentas

De esperanças nevoentas!

Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me

Quando estava já perdido.

Impaciente deixei-me

Como a um louco que teime

No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas

Que correm por ter que ser,

Leva não só lembranças -

Mortas, porque hão de morrer.

Sou já o morto futuro.

Só um sonho me liga a mim -

O sonho atrasado e obscuro

Do que eu devera ser - muro

Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me

Para o alvido do mar!

Ao que não serei legai-me,

Que cerquei com um andaime

A casa por fabricar.

1931

EU TENHO IDEIAS E RAZÕES

Eu tenho ideias e razões,

Conheço a cor dos argumentos

E nunca chego aos corações.

1932

Aquele peso em mim - meu coração.

1932

BASTA PENSAR EM SENTIR

Basta pensar em sentir

Para sentir em pensar.

Meu coração faz sorrir

Meu coração a chorar.

Depois de parar de andar,

Depois de ficar e ir,

Hei de ser quem vai chegar

Para ser quem quer partir.

Viver é não conseguir.

14-6-1932

COMO NUVENS PELO CÉU

Como nuvens pelo céu

Passam os sonhos por mim.

Nenhum dos sonhos é meu

Embora eu os sonhe assim.

São coisas no alto que são

Enquanto a vista as conhece,

Depois são sombras que vão

Pelo campo que arrefece.

Símbolos? Sonhos? Quem torna

Meu coração ao que foi?

Que dor de mim me transtorna?

Que coisa inútil me dói?

17-6-1932

Minhas mesmas emoções

São coisas que me acontecem.

31-8-1932

QUE SUAVE É O AR

Que suave é o ar! Como parece

Que tudo é bom na vida que há!

Assim meu coração pudesse

Sentir essa certeza já.

Mas não; ou seja a selva escura

Ou seja um Dante mais diverso,

A alma é literatura

E tudo acaba em nada e verso.

6-11-1932

SOSSEGA, CORAÇÃO

Sossega, coração! Não desesperes!

Talvez um dia, para além dos dias,

Encontres o que queres porque o queres.

Então, livre de falsas nostalgias,

Atingirás a perfeição de seres.

Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo!

Pobre esperança a de existir somente!

Como quem passa a mão pelo cabelo

E em si mesmo se sente diferente,

Como faz mal ao sonho o concebê-lo!

Sossega, coração, contudo! Dorme!

O sossego não quer razão nem causa.

Quer só a noite plácida e enorme,

A grande, universal, solene pausa

Antes que tudo em tudo se transforme.

2-8-1933.

TODAS AS COISAS QUE HÁ NESTE MUNDO

Todas as coisas que há neste mundo

Têm uma história,

Exceto estas rãs que coaxam no fundo

Da minha memória.

Qualquer lugar neste mundo tem

Um onde estar,

Salvo este charco de onde me vem

Esse coaxar.

Ergue-se em mim uma lua falsa

Sobre juncais,

E o charco emerge, que o luar realça

Menos e mais.

Onde, em que vida, de que maneira

Fui o que lembro

Por este coaxar das rãs na esteira

Do que deslembro?

Nada. Um silêncio entre juncos dorme.

Coaxam ao fim

De uma alma antiga que tenho enorme

As rãs sem mim.

13-8-1933.

O QUE ME DÓI

O que me dói não é

O que há no coração

Mas essas coisas lindas

Que nunca existirão...

São as formas sem forma

Que passam sem que a dor

As possa conhecer

Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza

Fosse árvore e, uma a uma,

Caíssem suas folhas

Entre o vestígio e a bruma.

5-9-1933

A LAVADEIRA

A lavadeira no tanque

Bate roupa em pedra bem.

Canta porque canta e é triste

Porque canta porque existe;

Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez

Pudesse fazer nos versos

O que a essa roupa ela fez,

Eu perderia talvez

Os meus destinos diversos.

Há uma grande unidade

Em, sem pensar nem razão,

E até cantando a metade,

Bater roupa em realidade...

Quem me lava o coração?

15-9-1933

ENTRE O SONO E SONHO

Entre o sono e sonho,

Entre mim e o que em mim

É o quem eu me suponho

Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,

Diversas mais além,

Naquelas várias viagens

Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito

A casa que hoje sou.

Passa, se eu me medito;

Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre

No que me liga a mim

Dorme onde o rio corre -

Esse rio sem fim.

11-9-1933

TUDO O QUE FAÇO OU MEDITO

Tudo o que faço ou medito

Fica sempre pela metade.

Querendo, quero o infinito.

Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim fica

Ao olhar para o que faço!

Minha alma é lúcida e rica

E eu sou um mar de sargaço –

Um mar onde boiam lentos

Fragmentos de um mar de além...

Vontades ou pensamentos?

Não o sei e sei-o bem.

13-9-1933

TENHO TANTO SENTIMENTO

Tenho tanto sentimento

Que é frequente persuadir-me

De que sou sentimental,

Mas reconheço, ao medir-me,

Que tudo isso é pensamento,

Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,

Uma vida que é vivida

E outra vida que é pensada,

E a única vida que temos

É essa que é dividida

Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira

E qual errada, ninguém

Nos saberá explicar;

E vivemos de maneira

Que a vida que a gente tem

É a que tem que pensar.

18-9-1933

REALIDADE

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,

Mas, quando despertei da confusão,

Vi que esta vida aqui e este universo

Não são mais claros do que os sonhos são

Obscura luz paira onde estou converso

A esta realidade da ilusão

Se fecho os olhos, sou de novo imerso

Naquelas sombras que há na escuridão.

Escuro, escuro, tudo, em sonho ou vida,

É a mesma mistura de entre-seres

Ou na noite, ou ao dia transferida.

Nada é real, nada em seus vãos moveres

Pertence a uma forma definida,

Rastro visto de coisa só ouvida.

28-9-1933.

VIAGEM

Viajar! Perder países!

Ser outro constantemente,

Por a alma não ter raízes

De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!

Ir em frente, ir a seguir

A ausência de ter um fim,

E a ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.

Mas faço-o sem ter de meu

Mais que o sonho da passagem.

O resto é só terra e céu.

20-9-1933

MISTÉRIOS

Grandes mistérios habitam

O limiar do meu ser,

O limiar onde hesitam

Grandes pássaros que fitam

Meu transpor tardo de os ver.

São aves cheias de abismo,

Como nos sonhos as há.

Hesito se sondo e cismo,

E à minha alma é cataclismo

O limiar onde está.

Então desperto do sonho

E sou alegre da luz,

Inda que em dia tristonho;

Porque o limiar é medonho

E todo passo é uma cruz.

2-10-1933

ESPERANÇA

Tenho esperança ? Não tenho.

Tenho vontade de a ter?

Não sei. Ignoro a que venho,

Quero dormir e esquecer.

Se houvesse um bálsamo da alma,

Que a fizesse sossegar,

Cair numa qualquer calma

Em que, sem sequer pensar,

Pudesse ser toda a vida,

Pensar todo o pensamento

Então ...

11-12-1933.

EROS E PSIQUE

...E assim vedes, meu Irmão, que as verdades

que vos foram dadas no Grau de Neófito, e

aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto

Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

(Do Ritual Do Grau De Mestre Do Átrio

Na Ordem Templária De Portugal)

Conta a lenda que dormia

Uma Princesa encantada

A quem só despertaria

Um Infante, que viria

De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,

Vencer o mal e o bem,

Antes que, já libertado,

Deixasse o caminho errado

Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,

Se espera, dormindo espera,

Sonha em morte a sua vida,

E orna-lhe a fronte esquecida,

Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,

Sem saber que intuito tem,

Rompe o caminho fadado,

Ele dela é ignorado,

Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino

Ela dormindo encantada,

Ele buscando-a sem tino

Pelo processo divino

Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro

Tudo pela estrada fora,

E falso, ele vem seguro,

E vencendo estrada e muro,

Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,

À cabeça, em maresia,

Ergue a mão, e encontra hera,

E vê que ele mesmo era

A Princesa que dormia.

Publicado pela primeira vez in Presença, nºs 41-42, Coimbra, maio de 1934. Acerca da epígrafe que encabeça este poema diz o próprio autor a uma interrogação levantada pelo crítico A. Casais Monteiro, em carta a este último:

A citação, epígrafe ao meu poema "Eros e Psique", de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente - o que é facto - que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não

devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho

OUTROS TERÃO

Outros terão

Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.

A inteira, negra e fria solidão

Está comigo.

A outros talvez

Há alguma coisa quente, igual, afim

No mundo real. Não chega nunca a vez

Para mim.

"Que importa?"

Digo, mas só Deus sabe que o não creio.

Nem um casual mendigo à minha porta

Sentar-se veio.

"Quem tem de ser?"

Não sofre menos quem o reconhece.

Sofre quem finge desprezar sofrer

Pois não esquece.

Isto até quando?

Só tenho por consolação

COMO É POR DENTRO OUTRA PESSOA

Como é por dentro outra pessoa

Quem é que o saberá sonhar?

A alma de outrem é outro universo

Com que não há comunicação possível,

Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma

Senão da nossa;

As dos outros são olhares,

São gestos, são palavras,

Com a suposição de qualquer semelhança

No fundo.

SE ALGUÉM BATER UM DIA À TUA PORTA

Se alguém bater um dia à tua porta,

Dizendo que é um emissário meu,

Não acredites, nem que seja eu;

Que o meu vaidoso orgulho não comporta

Bater sequer à porta irreal do céu.

Mas se, naturalmente, e sem ouvir

Alguém bater, fores a porta abrir

E encontrares alguém como que à espera

De ousar bater, medita um pouco. Esse era

Meu emissário e eu e o que comporta

O meu orgulho do que desespera.

Abre a quem não bater à tua porta!

5-9-1934.

A CIÊNCIA

A ciência, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha

Como uma santa em sacrifício,

Com quanto esforço dado ralha!

Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!

Rico é o que alma dá e tem.

4-10-1934

NÃO QUERO ROSAS

Não quero rosas, desde que haja rosas.

Quero-as só quando não as possa haver.

Que hei de fazer das coisas

Que qualquer mão pode colher?

Não quero a noite senão quando a aurora

A fez em ouro e azul se diluir.

O que a minha alma ignora

É isso que quero possuir.

Para quê?... Se o soubesse, não faria

Versos para dizer que inda o não sei.

Tenho a alma pobre e fria...

Ah, com que esmola a aquecerei?...

7-1-1935.

TUDO QUANTO PENSO

Tudo quanto penso,

Tudo quanto sou

É um deserto imenso

Onde nem eu estou.

Extensão parada

Sem nada a estar ali,

Areia peneirada

Vou dar-lhe a ferroada

Da vida que vivi.

18-3-1935

OS TEUS OLHOS ENTRISTECEM

Os teus olhos entristecem.

Nem ouves o que digo.

Dormem, sonham esquecem...

Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,

Te disse tanta vez...

Creio que nunca o ouviste

De tão tua que és.

Olhas-me de repente

De um distante impreciso

Com um olhar ausente.

Começas um sorriso.

Continuo a falar.
Continuas ouvindo
O que estás a pensar,
Já quase não sorrindo.

Até que neste ocioso
Sumir da tarde fútil,
Se esfolha silencioso
O teu sorriso inútil.

19-10-1935

LIBERDADE

Ai que prazer

não cumprir um dever.

Ter um livro para ler

e não o fazer!

Ler é maçada,

estudar é nada.

O sol doira sem literatura.

O rio corre bem ou mal,

sem edição original.

E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal

como tem tempo, não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.

Estudar é uma coisa em que está indistinta

A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto melhor é quando há bruma.

Esperar por D. Sebastião,

Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...

Mas o melhor do mundo são as crianças,

Flores, música, o luar, e o sol que peca

Só quando, em vez de criar, seca.

E mais do que isto

É Jesus Cristo,

Que não sabia nada de finanças,

Nem consta que tivesse biblioteca...

TUDO QUE FAÇO OU MEDITO

Tudo que faço ou medito

Fica sempre na metade

Querendo, quero o infinito.

Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica

Ao olhar para o que faço!

Minha alma é lúdica e rica,

E eu sou um mar de sargaço —

Um mar onde boiam lentos

Fragmentos de um mar de além...

Vontades ou pensamentos?

Não o sei e sei-o bem.

SOU O ESPÍRITO DA TREVA

Sou o Espírito da treva,

A Noite me traz e leva;

Moro à beira irreal da Vida,

Sua onda indefinida

Refresca-me a alma de espuma...

Pra além do mar há a bruma...

E pra aquém? há Coisa ou Fim?

Nunca olhei para trás de mim...

A ALMA POÉTICA DO UNIVERSO

Era eu um poeta estimulado pela filosofia

E não um filosofo com faculdades poéticas.

Gostava de admirar a beleza das coisas,

Descobrir no impercetivel, através do diminuto,

A alma poética do universo.

CATIVEIRO

Quando é que o cativeiro

Acabará em mim,

E, próprio dianteiro,

Avançarei enfim?

Quando é que me desato

Dos laços que me dei?

Quando serei um facto?

Quando é que me serei?

Quando, ao virar da esquina

De qualquer dia meu,

Me acharei alma digna

Da alma que Deus me deu?

Quando é que será quando?

Não sei. E até então

Viverei perguntando:

Perguntarei em vão.

SEM REMÉDIO

Tudo o que sou não é mais do que abismo

Em que uma vaga luz

Com que sei que sou eu, e nisto cismo,

Obscura me conduz.

Um intervalo entre não-ser e ser

Feito de eu ter lugar

Como o pó, que se vê o vento erguer,

Vive de ele o mostrar.

A MINHA ALMA DOENTE

Não sei o quê desgosta

A minha alma doente.

Uma dor suposta

Dói-me realmente.

Como um barco absorto

Em se naufragar

À vista do porto

E num calmo mar,

Por meu ser me afundo,

Pra longe da vista

Durmo o incerto mundo.

BOIAM FARRAPOS DE SOMBRA

Boiam farrapos de sombra

Em torno ao que não sei ser.

É todo um céu que se escombra

Sem me o deixar entrever.

O mistério das alturas

Desfaz-se em ritmos sem forma

Nas desregradas negruras

Com que o ar se treva torna.

Mas em tudo isto, que faz

O universo um ser desfeito,

Guardei, como a minha paz,

A esperança, que a dor me traz,

Apertada contra o peito.

NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO

Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem,

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo

Como páginas, meu ser.

O que segue não prevendo,

O que passou a esquecer.

Noto à margem do que li

O que julguei que senti.

Releio e digo: <<Fui eu?>>

Deus sabe, porque o escreveu.

A MISÉRIA DO MEU SER

A miséria do meu ser,

Do ser que tenho a viver,

Tornou-se uma coisa vista.

Sou nesta vida um qualquer

Que roda fora da pista.

Ninguém conhece quem sou

Nem eu mesmo me conheço

E, se me conheço, esqueço,

Porque não vivo onde estou.

Rodo, e o meu rodar apresso.

É uma carreira invisível,

Salvo onde caio e sou visto,

Porque cair é sensível

Pelo ruído imprevisto...

Sou assim. Mas isto é crível?

JÁ NÃO ME IMPORTO

Já não me importo

Até com o que amo ou creio amar.

Sou um navio que chegou a um porto

E cujo movimento é ali estar.

Nada me resta

Do que quis ou achei.

Cheguei da festa

Como fui para lá ou ainda irei

Indiferente

A quem sou ou suponho que mal sou,

Fito a gente

Que me rodeia e sempre rodeou,

Com um olhar

Que, sem o poder ver,

Sei que é sem ar

De olhar a valer.

E só me não cansa

O que a brisa me traz

De súbita mudança

No que nada me faz.

FRESTA

Em meus momentos escuros

Em que em mim não há ninguém,

E tudo é névoas e muros

Quanto a vida dá ou tem,

Se, um instante, erguendo a fronte

De onde em mim sou aterrado,

Vejo o longínquo horizonte

Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,

E, ainda que seja ilusão

O exterior em que me esqueço,

Nada mais quero nem peço.

Entrego-lhe o coração.

MEU CORAÇÃO

Meu coração tardou. Meu coração

Talvez se houvesse amor nunca tardasse;

Mas, visto que, se o houve, houve em vão,

Tanto faz que o amor houvesse ou não.

Tardou. Antes, de inútil, acabasse.

Meu coração postiço e contrafeito

Finge-se meu. Se o amor o houvesse tido,

Talvez, num rasgo natural de eleito,

O seu próprio ser do nada houvesse feito,

E a sua própria essência conseguido.

Mas não. Nunca nem eu nem coração

Fomos mais que um vestígio de passagem

Entre um anseio vão e um sonho vão.

Parceiros em prestidigitação,

Caímos ambos pelo alçapão.

Foi esta a nossa vida e a nossa viagem.

TENHO PENA E NÃO RESPONDO

Tenho pena e não respondo.

Mas não tenho culpa enfim

De que em mim não correspondo

Ao outro que amaste em mim.

Cada um é muita gente.

Para mim sou quem me penso,

Para outros - cada um sente

O que julga, e é um erro imenso.

Ah, deixem-me sossegar.

Não me sonhem nem me outrem.

Se eu não me quero encontrar,

Quererei que outros me encontrem?

QUANDO ESTOU SÓ RECONHEÇO

Quando estou só reconheço

Se por momentos me esqueço

Que existo entre outros que são

Como eu sós, salvo que estão

Alheados desde o começo.

E se sinto quanto estou

Verdadeiramente só,

Sinto-me livre mas triste.

Vou livre para onde vou,

Mas onde vou nada existe.

Creio contudo que a vida

Devidamente entendida

É toda assim, toda assim.

Por isso passo por mim

Como por coisa esquecida.

SOU O FANTASMA DE UM REI

Sou o fantasma de um rei

Que sem cessar percorre

As salas de um palácio abandonado...

Minha história não sei...

Longe em mim, fumo de eu pensá-la, morre

A ideia de que tive algum passado...

Eu não sei o que sou.

Não sei se sou o sonho

Que alguém do outro mundo esteja tendo...

Creio talvez que estou

Sendo um perfil casual de rei tristonho

Numa história que um deus está relendo...

SE PENSO MAIS QUE UM MOMENTO

Se penso mais que um momento

Na vida que eis a passar,

Sou para o meu pensamento

Um cadáver a esperar.

Dentro em breve (poucos anos

É quanto vive quem vive),

Eu, anseios e enganos,

Eu, quanto tive ou não tive,

Deixarei de ser visível

Na terra onde dá o Sol,

E, ou desfeito e insensível,

Ou ébrio de outro arrebol,

Terei perdido, suponho,

O contacto quente e humano

Com a terra, com o sonho,

Com mês a mês e ano a ano.

Por mais que o Sol doire a face

Dos dias, o espaço mudo

Lembra-nos que isso é disfarce

E que é a noite que é tudo.

INSÓNIA

Nas grandes horas em que a insónia avulta

Como um novo universo doloroso,

E a mente é clara com um ser que insulta

O uso confuso com que o dia é ocioso,

Cismo, embebido em sombras de repouso

Onde habitam fantasmas e a alma é oculta,

Em quanto errei e quanto ou dor ou gozo

Me farão nada, como frase estulta.

Cismo, cheio de nada, e a noite é tudo.

Meu coração, que fala estando mudo,

Repete seu monótono torpor

Na sombra, no delírio da clareza,

E não há Deus, nem ser, nem Natureza

E a própria mágoa melhor fora dor.

HORIZONTE

O mar anterior a nós, teus medos

Tinham coral e praias e arvoredos.

Desvendadas a noite e a cerração,

As tormentas passadas e o mistério,

Abria em flor o Longe, e o Sul sidério

Esplendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa -

Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta

Em árvores onde o Longe nada tinha;

Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:

E, no desembarcar, há aves, flores,

Onde era só, de longe a abstrata linha.

O sonho é ver as formas invisíveis

Da distância imprecisa, e, com sensíveis

Movimentos da esperança e da vontade,

Buscar na linha fria do horizonte

A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -

Os beijos merecidos da Verdade.

DEUS

Às vezes sou o Deus que trago em mim

E então eu sou o Deus e o crente e a prece

E a imagem de marfim

Em que esse deus se esquece.

Às vezes não sou mais do que um ateu

Desse deus meu que eu sou quando me exalto.

Olho em mim todo um céu

E é um mero oco céu alto.

DURMO OU NÃO

Durmo ou não? Passam juntas em minha alma

Coisas da alma e da vida em confusão,

Nesta mistura atribulada e calma

Em que não sei se durmo ou não.

Sou dois seres e duas consciências

Como dois homens indo braço-dado.

Sonolento revolvo omnisciências,

Turbulentamente estagnado.

Mas, lento, vago, emerjo de meu dois.

Desperto. Enfim: sou um, na realidade.

Espreguiço-me. Estou bem... Porquê depois,

De quê, esta vaga saudade?

OLHANDO O MAR

Olhando o mar, sonho sem ter de quê.

Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.

Mas de se nada ver quanto a alma sonha!

De que me servem a verdade e a fé?

Ver claro! Quantos, que fatais erramos,

Em ruas ou em estradas ou sob ramos,

Temos esta certeza e sempre e em tudo

Sonhamos e sonhamos e sonhamos.

As árvores longínquas da floresta

Parecem, por longínquas, 'star em festa.

Quanto acontece porque se não vê!

Mas do que há pouco ou não há o mesmo resta.

Se tive amores? Já não sei se os tive.

Quem ontem fui já hoje em mim não vive.

Bebe, que tudo é líquido e embriaga,

E a vida morre enquanto o ser revive.

Colhes rosas? Que colhes, se hão de ser

Motivos coloridos de morrer?

Mas colhe rosas. Porque não colhê-las

Se te agrada e tudo é deixar de o haver?

SORRISO AUDÍVEL DAS FOLHAS

Sorriso audível das folhas

Não és mais que a brisa ali

Se eu te olho e tu me olhas,

Quem primeiro é que sorri?

O primeiro a sorrir ri.

Ri e olha de repente

Para fins de não olhar

Para onde nas folhas sente

O som do vento a passar

Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando

Onde não olha, voltou

E estamos os dois falando

O que se não conversou

Isto acaba ou começou?

POBRE VELHA MÚSICA!

Pobre velha música!

Não sei por que agrado,

Enche-se de lágrimas

Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te,

Não sei se te ouvi

Nessa minha infância

Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva

Quero aquele outrora!

E eu era feliz? Não sei:

Fui-o outrora agora.

DREAM

Qualquer coisa de obscuro permanece

No centro do meu ser. Se me conheço,

É até onde, por fim mal, tropeço

No que de mim em mim de si se esquece.

Aranha absurda que uma teia tece

Feita de solidão e de começo

Fruste, meu ser anónimo confesso

Próprio e em mim mesmo a externa treva desce.

Mas, vinda dos vestígios da distância

Ninguém trouxe ao meu pálio por ter gente

Sob ele, um rasgo de saudade ou ânsia.

Remiu-se o pecador impenitente

À sombra e cisma. Teve a eterna infância,

Em que comigo forma um mesmo ente.

GUIA-ME A SÓ A RAZÃO

Guia-me a só a razão.

Não me deram mais guia.

Alumia-me em vão?

Só ela me alumia.

Tivesse quem criou

O mundo desejado

Que eu fosse outro que sou,

Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.

Olho, vejo, acredito.

Como ousarei dizer:

«Cego, fora eu bendito» ?

Como olhar, a razão

Deus me deu, para ver

Para além da visão —

Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,

Pensar um descaminho,

Não sei. Deus os quis dar-me

Por verdade e caminho.

GOMES LEAL

Sangra, sinistro, a alguns o astro baço.

Os seus três anéis irreversíveis são

A desgraça, a tristeza, a solidão.

Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço

A Saturno entregou. A plúmbea mão

Lhe ergueu ao alto o aflito coração.

E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura

Quando a cintura tríplice denota

Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,

Vestígios de maligna formosura:

É a lua além de Deus, álgida e ignota.

GLOSA I

Quem me roubou a minha dor antiga,

E só a vida me deixou por dor?

Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga,

Me deixou só no fogo e no torpor?

Quem fez a fantasia minha amiga,

Negando o fruto e emurchecendo a flor?

Ninguém ou o Fado, e a fantasia siga

A seu infiel e irreal sabor...

Quem me dispôs para o que não pudesse?

Quem me fadou para o que não conheço

Na teia do real que ninguém tece?

Quem me arrancou ao sonho que me odiava

E me deu só a vida em que me esqueço,

“Onde a minha saudade a cor se trava ?”

GLOSA II

Minha alma sabe-me a antiga

Mas sou de minha lembrança,

Como um eco, uma cantiga.

Bem sei que isto não é nada,

Mas quem dera a alma que seja

O que isto é, como uma estrada.

Talvez eu fosse feliz

Se houvesse em mim o perdão

Do que isto quase que diz.

Porque o esforço é vil e vão,

A verdade, quem a quis?

Escuta só meu coração.

GLOSAS III

Toda a obra é vã, e vã a obra toda.

O vento vão, que as folhas vãs enroda,

Figura nosso esforço e nosso estado.

O dado e o feito, ambos os dá o Fado.

Sereno, acima de ti mesmo, fita

A possibilidade erma e infinita

De onde o real emerge inutilmente,

E cala, e só para pensares sente.

Nem o bem nem o mal define o mundo.

Alheio ao bem e ao mal, do céu profundo

Suposto, o Fado que chamamos Deus

Rege nem bem nem mal a terra e os céus.

Rimos, choramos através da vida.

Uma coisa é uma cara contraída

E a outra uma água com um leve sal,

E o Fado fada alheio ao bem e ao mal.

Doze signos do céu o Sol percorre,

E, renovando o curso, nasce e morre

Nos horizontes do que contemplamos.

Tudo em nós é o ponto de onde estamos.

Ficções da nossa mesma consciência,

Jazemos o instinto e a ciência.

E o sol parado nunca percorreu

Os doze signos que não há no céu

FÚRIA NAS TREVAS O VENTO

Fúria nas trevas o vento

Num grande som de alongar,

Não há no meu pensamento

Senão não poder parar.

Parece que a alma tem

Treva onde sopre a crescer

Uma loucura que vem

De querer compreender.

Raiva nas trevas o vento

Sem se poder libertar.

Estou preso ao meu pensamento

Como o vento preso ao ar.

FOSSE EU APENAS, NÃO SEI ONDE OU COMO

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,

Uma coisa existente sem viver,

Noite de Vida sem amanhecer

Entre as sirtes do meu dourado assomo....

Fada maliciosa ou incerto gnomo

Fadado houvesse de não pertencer

Meu intuito gloríola com Ter

A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente

Escrita nalgum livro insubsistente

Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e , num crepúsculo de espadas,

Morrendo entre bandeiras desfraldadas

Na última tarde de um império em chamas...

FOI UM MOMENTO

Foi um momento

O em que pousaste

Sobre o meu braço,

Num movimento

Mais de cansaço

Que pensamento,

A tua mão

E a retiraste.

Senti ou não?

Não sei. Mas lembro

E sinto ainda

Qualquer memória

Fixa e corpórea

Onde pousaste

A mão que teve

Qualquer sentido

Incompreendido.

Mas tão de leve!...

Tudo isto é nada,

Mas numa estrada

Como é a vida

Há muita coisa

Incompreendida...

Sei eu se quando

A tua mão

Senti pousando

‘Sobre o meu braço,

E um pouco, um pouco,

No coração,

Não houve um ritmo

Novo no espaço?

Como se tu,

Sem o querer,

Em mim tocasses

Para dizer

Qualquer mistério,

Súbito e etéreo,

Que nem soubesses

Que tinha ser.

Assim a brisa

Nos ramos diz

Sem o saber

Uma imprecisa

Coisa feliz.

FLOR QUE NÃO DURA

Flor que não dura

Mais do que a sombra dum momento

Tua frescura

Persiste no meu pensamento.

Não te perdi

No que sou eu,

Só nunca mais, ó flor, te vi

Onde não sou senão a terra e o céu.

FELIZ DIA PARA QUEM É

Feliz dia para quem é

O igual do dia,

E no exterior azul que vê

Simples confia!

Azul do céu faz pena a quem

Não pode ser

Na alma um azul do céu também

Com que viver

Ah, e se o verde com que estão

Os montes quedos

Pudesse haver no coração

E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar

Igual do dia

Insciente e sem querer passar.

Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu

Tão belo ser

Quem de si sente que perdeu

A alma para os ter!

ESTA ESPÉCIE DE LOUCURA

Esta espécie de loucura

Que é pouco chamar talento

E que brilha em mim, na escura

Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade;

Porque, enfim, sempre haverá

Sol ou sombra na cidade.

Mas em mim não sei o que há

PASSOS DA CRUZ

Esqueço-me das horas transviadas

O outono mora mágoas nos outeiros

E põe um roxo vago nos ribeiros...

Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paisagem, fadas

De sepulcros a orgíaco... Trigueiros

Os céus da tua face, e os derradeiros

Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro sequestrando a lucidez

Um espasmo apagado em ódio à ânsia

Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos

E a cor do outono é um funeral de apelos

Pela estrada da minha dissonância...

ENTRE O BATER RASGADO DOS PENDÕES

Entre o bater rasgado dos pendões

E o cessar dos clarins na tarde alheia,

A derrota ficou: como uma cheia

Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rei louco os seus varões

Trouxe ao prolixo prélio, sem ideia.

Água que mão infiel verteu na areia —

Tudo morreu, sem rastro e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino

Com a morte tornou abandonado.

Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos

Estrelam no absurdo campo desolado

Uma derrota heráldica de ignotos.

ALÉM-DEUS

I / ABISMO

OLHO O TEJO, e de tal arte

Que me esquece olhar olhando,

E súbito isto me bate

De encontro ao devaneando —

O que é ser-rio, e correr?

O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,

Vácuo, o momento, o lugar.

Tudo de repente é oco —

Mesmo o meu estar a pensar.

Tudo — eu e o mundo em redor —

Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,

E do pensar se me some.

Fico sem poder ligar

Ser, ideia, alma de nome

A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus.

***

II / PASSOU

Passou, fora de Quando,

De Porquê, e de Passando...,

Turbilhão de Ignorado,

Sem ter turbilhonado...,

Vasto por fora do Vasto

Sem ser, que a si se assombra...

O Universo é o seu rasto...

Deus é a sua sombra...

***

III/ A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noite...

De dentro de Fora ouvi-a...

Ó Universo, eu sou-te...

Oh, o horror da alegria

Deste pavor, do archote

Se apagar, que me guia!

Cinzas de ideia e de nome

Em mim, e a voz: Ó mundo,

Ser mente em ti eu sou-me...

Mero eco de mim, me inundo

De ondas de negro lume

Em que para Deus me afundo.

***

IV / A QUEDA

Da minha ideia do mundo

Caí...

Vácuo além de profundo,

Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos

De ser pensado como ser...

Escada absoluta sem degraus...

Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...

Clarão de Desconhecido...

Tudo tem outro sentido, ó alma,

Mesmo o ter-um-sentido...

***

V / BRAÇO SEM CORPO

BRANDINDO UM GLÁDIO

(Entre a árvore e o vê-la)

Entre a árvore e o vê-la

Onde está o sonho?

Que arco da ponte mais vela

Deus?... E eu fico tristonho

Por não saber se a curva da ponte

É a curva do horizonte...

Entre o que vive e a vida

Pra que lado corre o rio?

Árvore de folhas vestida —

Entre isso e Árvore há fio?

Pombas voando — o pombal

Está-lhes sempre à direita, ou é real?

Deus é um grande Intervalo,

Mas entre quê e quê?...

Entre o que digo e o que calo

Existo? Quem é que me vê?

Erro-me... E o pombal elevado

Está em torno na pomba, ou de lado?

EM PLENA VIDA E VIOLÊNCIA

Em plena vida e violência

De desejo e ambição,

De repente uma sonolência

Cai sobre a minha ausência.

Desce ao meu próprio coração.

Será que a mente, já desperta

Da noção falsa de viver,

Vê que, pela janela aberta,

Há uma paisagem toda incerta

E um sonho todo a apetecer?

QUINTO IMPÉRIO

Vibra, clarim, cuja voz diz.

Que outrora ergueste o grito real

Por D. João, Mestre de Aviz,

E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo

Com que impeliste, como um remo,

Em El-Rei D. João Segundo

O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com lei,

Como aclamaste outrora em vão

O morto que hoje é vivo - El-Rei

D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca

O inteiro exército fadado

Cuja extensão os pólos toca

Do mundo dado!

Aquele exército que é feito

Do quanto em Portugal é o mundo

E enche este mundo vasto e estreito

De ser profundo.

Para a obra que há que prometer

Ao nosso esforço alado em si,

Convoco todos sem saber

(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,

Deram batalhas com um nome,

E de cuia alma a voz da história

Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,

No ver e crer da externa sorte,

Convoco todos sem saber

Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império;

Heróis sem ter para quem o ser,

Chama-os aqui, ó som etéreo

Que vibra a arder!

E, se o futuro é já presente

Na visão de quem sabe ver,

Convoca aqui eternamente

Os que hão de ser!

Todos, todos! A hora passa,

O gênio colhe-a quando vai.

Vibra! Forma outra e a mesma raça

Da que se esvai.

A todos, todos, feitos num

Que é Portugal, sem lei nem fim,

Convoca, e, erguendo-os um a um,

Vibra, clarim!

E outros, e outros, gente vária,

Oculta neste mundo misto.

O seu peito atrai, rubra e templária,

A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,

Dados no idioma do Mistério -

Soldados não, mas sacerdotes,

Do Quinto império.

Aqui! Aqui! Todos que são.

O Portugal que é tudo em si,

Venham do abismo ou da ilusão,

Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,

Sobre ondas de uma vida estranha.

Do que por haver ou do que é vindo -

É o mesmo: venha!

Vós não soubesses o que havia

No fundo incógnito da raça,

Nem como a Mão, que tudo guia,

Os seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,

Um ímpeto de Portugal,

Encheu vosso destino vário

De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,

De passar para além de Deus,

E, abandonando o Gládio e o escudo,

Galgar os céus.

Titãs de Cristo! Cavaleiros

De uma cruzada além dos astros,

De que esses astros, aos milheiros,

São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,

No ar do mundo que há de ser.

Nada pequeno é justo e bom.

Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história

Que em nosso sangue continua!

Deixa atrás Roma e a sua glória

E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor

E a todos chama ao mundo visto.

Hereges por um Deus maior

E um novo Cristo!

Vinde aqui todos os que sois,

Sabendo-o bem, sabendo-o mal,

Poetas, ou Santos ou Heróis

De Portugal.

Não foi para servos que nascemos

De Grécia ou Roma ou de ninguém.

Tudo negamos e esquecemos:

Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!

Grita a nossa ânsia já ciente

Que o seu inteiro vôo libra

De poente a oriente.

Vibra, clarim! A todos chama!

Vibra! E tu mesmo, voz a arder,

O Portugal de Deus proclama

Com o fazer!

O Portugal feito Universo,

Que reúne, sob amplos céus,

O corpo anônimo e disperso

De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta

Do fundo surdo do Destino,

E, como a Grécia, obscuro canta

Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,

Que, universal perante a Cruz,

Reza, ante à Cruz universal,

Do Deus Jesus.

EMISSÁRIO DE UM REI DESCONHECIDO

Emissário de um rei desconhecido,

Eu cumpro informes instruções de além,

E as bruscas frases que aos meus lábios vêm

Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido

Entre mim e a missão que o meu ser tem,

E a glória do meu Rei dá-me desdém

Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.

Minha missão será eu a esquecer,

Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições

De antes de tempo e espaço e vida e ser...

Já viram Deus as minhas sensações...

EM BUSCA DA BELEZA

I

Soam vãos, dolorido epicurista,

Os versos teus, que a minha dor despreza;

Já tive a alma sem descrença presa

Desse teu sonho, que perturba a vista.

Da Perfeição segui em vã conquista,

Mas vi depressa, já sem a alma acesa,

Que a própria ideia em nós dessa beleza

Um infinito de nós mesmos dista.

Nem à nossa alma definir podemos

A Perfeição em cuja estrada a vida,

Achando-a intérmina, a chorar perdemos.

O mar tem fim, o céu talvez o tenha,

Mas não a ânsia da Coisa indefinida

Que o ser indefinida faz tamanha.

II

Nem defini-la, nem achá-la, a ela -

A Beleza. No mundo não existe.

Ai de quem coma alma inda mais triste

Nos seres transitórios quer colhê-la!

Acanhe-se a alma porque não conquiste

Mais que o banal de cada cousa bela,

Ou saiba que ao ardor de querer havê-la -

À Perfeição - só a desgraça assiste.

Só quem da vida bebeu todo o vinho,

Dum trago ou não, mas sendo até o fundo,

Sabe (mas sem remédio) o bom caminho;

Conhece o tédio extremo da desgraça

Que olha estupidamente o nauseabundo

Cristal inútil da vazia taça.

III

Só que puder obter a estupidez

Ou a loucura pode ser feliz.

Buscar, querer, amar . . . tudo isto diz

Perder, chorar, sofrer, vez após vez.

A estupidez achou sempre o que quis

Do círculo banal da sua avidez;

Nunca aos loucos o engano se desfez

Com quem um falso mundo seu condiz.

Há dois males: verdade e aspiração,

E há uma forma só de os saber males:

É conhecê-los bem, saber que são

Um o horror real, o outro o vazio -

Horror não menos - dois como que vales

Duma montanha que ninguém subiu.

IV

Leva-me longe, meu suspiro fundo,

Além do que deseja e que começa,

Lá muito longe, onde o viver se esqueça

Das formas metafísicas do mundo.

Aí que o meu sentir vago e profundo

O seu lugar exterior conheça,

Aí durma em fim, aí enfim faleça

O cintilar do espírito fecundo.

Aí . . . mas de que serve imaginar

Regiões onde o sonho é verdadeiro

Ou terras para o ser atormentar?

É elevar demais a aspiração,

E, falhando esse sonho derradeiro,

Encontrar mais vazio o coração

V

Braços cruzados, sem pensar nem crer,

Fiquemos pois sem mágoas nem desejos.

Deixemos beijos, pois o que são beijos?

A vida é só o esperar morrer.

Longe da dor e longe do prazer,

Conheçamos no sono os benfazejos

Poderes únicos; sem urzes, brejos,

A sua estrada sabe apetecer.

Coroado de papoilas e trazendo

Artes porque com sono tira sonhos,

Venha Morfeu, que as almas envolvendo,

Faça a felicidade ao mundo vir

Num nada onde sentimo-nos risonhos

Só de sentirmos nada já sentir.

VI

O sono - Oh, ilusão! - o sono? Quem

Logrará esse vácuo ao qual aspira

A alma que de aspirar em vão delira

E já nem força para querer tem?

Que sono apetecemos? O d’alguém

Adormecido na feliz mentira

Da sonolência vaga que nos tira

Todo o sentir na qual a dor nos vem?

Ilusão tudo! Querer um sono eterno,

Um descanso, uma paz, não é senão

O último anseio desesperado e vão.

Perdido, resta o derradeiro inferno

Do tédio intérmino, esse de já não

Nem aspirar a ter aspiração.

MINUETE INVISÍVEL

Elas são vaporosas,

Pálidas sombras, as rosas

Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar

Com perfumes soltos

Entre os canteiros e os buxos...

Chora no som dos repuxos

O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...

Pálida, a pompa indecisa

Da sua flébil demora

Paira em auréola à hora...

Passam nos ritmos da sombra...

Ora é uma folha que tomba,

Ora uma brisa que treme

Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo

O seu perfil único e lindo,

O seu vulto feito de todas,

Nas alamedas, em rodas,

No jardim lívido e frio...

Passam sozinhas, a fio,

Como um fumo indo, a rarear,

Pelo ar longínquo e vazio,

Sob o, disperso pelo ar,

Pálido pálio lunar ...

ESCREVO MEU LIVRO À BEIRA-MÁGOA

Escrevo meu livro à beira-mágoa.

Meu coração não tem que ter.

Tenho meus olhos quentes de água.

Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar

Meus dias vácuos enche e doura.

Mas quando quererás voltar?

Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo

De a quem morreu o falso Deus,

E a despertar do mal que existo

A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,

Sonho das eras português,

Tornar-me mais que o sopro incerto

De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quererás voltando,

Fazer minha esperança amor?

Da névoa e da saudade quando?

Quando, meu Sonho e meu Senhor?

ELA IA, TRANQUILA PASTORINHA

Ela ia, tranquila pastorinha,

Pela estrada da minha imperfeição.

Segui-a, como um gesto de perdão,

O seu rebanho, a saudade minha...

"Em longes terras hás de ser rainha"

Um dia lhe disseram, mas em vão...

O seu vulto perde-se na escuridão...

Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,

E em terras longe do que eu hoje sinto

Serás, rainha não, mas só pastora

Só sempre a mesma pastorinha a ir,

E eu serei teu regresso, esse indistinto

Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

ELA CANTA, POBRE CEIFEIRA

Ela canta, pobre ceifeira,

Julgando-se feliz talvez;

Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia

De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave

No ar limpo como um limiar,

E há curvas no enredo suave

Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegra e entristece,

Na sua voz há o campo e a lida,

E canta como se tivesse

Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!

O que em mim sente está pensando.

Derrama no meu coração a tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!

Ter a tua alegre inconsciência,

E a consciência disso! Ó céu!

Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!

Entrai por mim dentro!

Tornai Minha alma a vossa sombra leve!

Depois, levando-me, passai!

É BRANDO O DIA, BRANDO O VENTO

É brando o dia, brando o vento

É brando o sol e brando o céu.

Assim fosse meu pensamento!

Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias

Deste céu limpo e este ar sem mim

Intervêm sonhos e memórias...

Ser eu assim ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.

Existe tudo porque existo.

Há porque vemos.

E tudo é isto, tudo é isto!

DO VALE À MONTANHA

Do vale à montanha,

Da montanha ao monte, cavalo de sombra,

Cavaleiro monge,

Por casas, por prados,

Por Quinta e por fonte,

Caminhais aliados.

Do vale à montanha,

Da montanha ao monte,

Cavalo de sombra,

Cavaleiro monge,

Por penhascos pretos,

Atrás e defronte,

Caminhais secretos.

Do vale à montanha,

Da montanha ao monte,

Cavalo de sombra,

Cavaleiro monge,

Por quanto é sem fim,

Sem ninguém que o conte,

Caminhais em mim.

NAVEGAR É PRECISO

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso."

Quero para mim o espirito desta frase, transformada

A forma para a casar com o que eu sou: Viver não

É necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em goza-la penso.

Só quero torna-la grande, ainda que para isso

Tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.

Só quero torna-la de toda a humanidade; ainda que para isso

Tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho

Na essência anímica do meu sangue o propósito

Impessoal de engrandecer a pátria e contribuir

Para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

DORME SOBRE O MEU SEIO

Dorme sobre o meu seio,

Sonhando de sonhar...

No teu olhar eu leio

Um lúbrico vagar.

Dorme no sonho de existir

E na ilusão de amar.

Tudo é nada, e tudo

Um sonho finge ser.

O espaço negro é mudo.

Dorme, e, ao adormecer,

Saibas do coração sorrir

Sorrisos de esquecer.

Dorme sobre o meu seio,

Sem mágoa nem amor...

No teu olhar eu leio

O íntimo torpor

De quem conhece o nada-ser

De vida e gozo e dor.

DORME, QUE A VIDA É NADA!

Dorme, que a vida é nada!

Dorme, que tudo é vão!

Se alguém achou a estrada,

Achou-a em confusão,

Com a alma enganada.

Não há lugar nem dia

Para quem quer achar,

Nem paz nem alegria

Para quem, por amar,

Em quem ama confia.

Melhor entre onde os ramos

Tecem doceis sem ser

Ficar como ficamos,

Sem pensar nem querer,

Dando o que nunca damos.

DIZEM?

Dizem?

Esquecem.

Não dizem?

Disseram.

Fazem?

Fatal.

Não fazem?

Igual.

Por quê

Esperar?

Tudo é

Sonhar.

MARINHA

Ditosos a quem acena

Um lenço de despedida!

São felizes: têm pena...

Eu sofro sem pena a vida.

Dói-me até onde penso,

E a dor é já de pensar,

Órfão de um sonho suspenso

Pela maré a vazar...

E sobe até mim, já farto

De improfícuas agonias,

No cais de onde nunca parto,

A maresia dos dias.

DE QUEM É O OLHAR

De quem é o olhar

Que espreita por meus olhos?

Quando penso que vejo,

Quem contínua vendo

Enquanto estou pensando?

Por que caminhos seguem,

Não os meus tristes passos,

Mas a realidade

De eu ter passos comigo ?

Às vezes, na penumbra

Do meu quarto, quando eu

Por mim próprio mesmo

Em alma mal existo,

Toma um outro sentido

Em mim o Universo —

É uma nódoa esbatida

De eu ser consciente sobre

Minha ideia das coisas.

Se acenderem as velas

E não houver apenas

A vaga luz de fora —

Não sei que candeeiro

Aceso onde na rua —

Terei foscos desejos

De nunca haver mais nada

No Universo e na Vida

De que o obscuro momento

Que é minha vida agora!

Um momento afluente

Dum rio sempre a ir

Esquecer-se de ser,

Espaço misterioso

Entre espaços desertos

Cujo sentido é nulo

E sem ser nada a nada.

E assim a hora passa

Metafisicamente.

DE ONDE É QUASE O HORIZONTE

De onde é quase o horizonte

Sobe uma névoa ligeira

E afaga o pequeno monte

Que pára na dianteira.

E com braços de farrapo

Quase invisíveis e frios,

Faz cair seu ser de trapo

Sobre os contornos macios.

Um pouco de alto medito

A névoa só com a ver.

A vida? Não acredito.

A crença? Não sei viver.

DA MINHA IDEIA DO MUNDO

Da minha ideia do mundo

Caí...

Vácuo além do profundo,

Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos

De ser pensado como ser...

Escada absoluta sem degraus...

Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...

Clarão do Desconhecido...

Tudo tem outro sentido, ó alma,

Mesmo o ter-um-sentido...

DÁ A SURPRESA DE SER

Dá a surpresa de ser.

É alta, de um louro escuro.

Faz bem só pensar em ver

O seu corpo meio maduro.

Os seus seios altos parecem

(Se ela tivesse deitada)

Dois montinhos que amanhecem

Sem Ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco

Assenta em palmo espalhado

Sobre a saliência do flanco

Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.

Tem qualquer coisa de gomo.

Meu Deus, quando é que eu embarco?

Ó fome, quando é que eu como ?

CONTEMPLO O QUE NÃO VEJO

Contemplo o que não vejo.

É tarde, é quase escuro.

E quanto em mim desejo

Está parado ante o muro.

Por cima o céu é grande;

Sinto árvores além;

Embora o vento abrande,

Há folhas em vaivém.

Tudo é do outro lado,

No que há e no que penso.

Nem há ramo agitado

Que o céu não seja imenso.

Confunde-se o que existe

Com o que durmo e sou.

Não sinto, não sou triste.

Mas triste é o que estou.

COMO UMA VOZ DE FONTE QUE CESSASSE

Como uma voz de fonte que cessasse

(E uns para os outros nossos vãos olhares

Se admiraram), para além dos meus palmares

De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce

De música longínqua, asas nos ares,

O mistério silente como os mares,

Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe

Para haver nela um silêncio em descida

Para o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,

O mundo, o informe mundo onde há a vida...

E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

COMO INÚTIL TAÇA CHEIA

Como inútil taça cheia

Que ninguém ergue da mesa,

Transborda de dor alheia

Meu coração sem tristeza.

Sonhos de mágoa figura

Só para Ter que sentir

E assim não tem a amargura

Que se temeu a fingir.

Ficção num palco sem tábuas

Vestida de papel seda

Mima uma dança de mágoas

Para que nada suceda.

COMO A NOITE É LONGA!

Como a noite é longa!

Toda a noite é assim...

Senta-te, ama, perto

Do leito onde esperto.

Vem para o pé de mim...

Amei tanta coisa...

Hoje nada existe.

Aqui ao pé da cama

Canta-me, minha ama,

Uma canção triste.

Era uma princesa

Que amou... Já não sei...

Como estou esquecido!

Canta-me ao ouvido

E adormecerei...

Que é feito de tudo?

Que fiz eu de mim?

Deixa-me dormir,

Dormir a sorrir

E seja isto o fim.

COMEÇA A SER DIA

Começa a ser dia,

O céu negro começa,

Numa menor negrura

Da sua noite escura,

A Ter uma cor fria

Onde a negrura cessa.

Um negro azul-cinzento

Emerge vagamente

De onde o oriente dorme

O seu tardo sono informe,

E há um frio sem vento

Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o mal dormido,

Não sinto noite ou frio,

Nem sinto vir o dia

Da solidão vazia.

Só sinto o indefinido

Do coração vazio.

Em vão o dia chega

Quem não dorme, a quem

Não tem que ter razão

Dentro do coração,

Que quando vive nega

E quando ama não tem.

Em vão, em vão, e o céu

Azula-se de verde

Acinzentadamente.

Que é isto que a minha alma sente?

Nem isto, não, nem eu,

Na noite que se perde.

CHOVE ? NENHUMA CHUVA CAI...

Chove? Nenhuma chuva cai...

Então onde é que eu sinto um dia

Em que ruído da chuva atrai

A minha inútil agonia ?

Onde é que chove, que eu o ouço?

Onde é que é triste, ó claro céu?

Eu quero sorrir-te, e não posso,

Ó céu azul, chamar-te meu...

E o escuro ruído da chuva

É constante em meu pensamento.

Meu ser é a invisível curva

Traçada pelo som do vento...

E eis que ante o sol e o azul do dia,

Como se a hora me estorvasse,

Eu sofro... E a luz e a sua alegria

Cai aos meus pés como um disfarce.

Ah, na minha alma sempre chove.

Há sempre escuro dentro de mim.

Se escuro, alguém dentro de mim ouve

A chuva, como a voz de um fim...

Os céus da tua face, e os derradeiros

Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro sequestrando a lucidez

Um espasmo apagado em ódio à ânsia

Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos,

E a cor do outono é um funeral de apelos

Pela estrada da minha dissonância...

POR QUE É QUE UM SONO AGITA...

Por que é que um sono agita

Em vez de repousar

O que em mim a alma habita

E a faz não descansar?

CHOVE. HÁ SILÊNCIO

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva

Não faz ruído senão com sossego.

Chove. O céu dorme. Quando a alma é viúva

Do que não sabe, o sentimento é cego.

Chove. Meu ser (quem sou) renego...

Tão calma é a chuva que se solta no ar

(Nem parece de nuvens) que parece

Que não é chuva, mas um sussurrar

Que de si mesmo, ao sussurrar, se esquece.

Chove. Nada apetece...

Não paira vento, não há céu que eu sinta.

Chove longínqua e indistintamente,

Como uma coisa certa que nos minta,

Como um grande desejo que nos mente.

Chove. Nada em mim sente...

CHOVE. É DIA DE NATAL

Chove. É dia de Natal.

Lá para o Norte é melhor:

Há a neve que faz mal,

E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente

Porque é dia de o ficar.

Chove no Natal presente.

Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse

O Natal da convenção,

Quando o corpo me arrefece

Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra

E o Natal a quem o fez,

Pois se escrevo ainda outra quadra

Fico gelado dos pés.

ABAT-JOUR

A lâmpada acesa

(Outrem a acendeu)

Baixa uma beleza

Sobre o chão que é meu.

No quarto deserto

Salvo o meu sonhar,

Faz no chão incerto

Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz

Que oscila no chão

Meu sonho conduz

Minha inatenção.

Bem sei ... Era dia

E longe de aqui...

Quanto me sorria

O que nunca vi!

E no quarto silente

Com a luz a ondear

Deixei vagamente

Até de sonhar...

CESSA O TEU CANTO!

Cessa o teu canto!

Cessa, que, enquanto

O ouvi, ouvia

Uma outra voz

Com que vindo

Nos interstícios

Do brando encanto

Com que o teu canto

Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvi-a

No mesmo tempo

E diferentes

Juntas cantar.

E a melodia

Que não havia.

Se agora a lembro,

Faz-me chorar.

CONSELHO

Cerca de grandes muros quem te sonhas.

Depois, onde é visível o jardim

Através do portão de grade dada,

Põe quantas flores são as mais risonhas,

Para que te conheçam só assim.

Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,

Onde os olhares possam entrever

O teu jardim com lho vais mostrar.

Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,

Deixa as flores que vêm do chão crescer

E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;

E que ninguém, que veja e fite, possa

Saber mais que um jardim de quem tu és -

Um jardim ostensivo e reservado,

Por trás do qual a flor nativa roça

A erva tão pobre que nem tu a vês...

CANSA SENTIR QUANDO SE PENSA

Cansa sentir quando se pensa.

No ar da noite a madrugar

Há uma solidão imensa

Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone e triste

Em que não sei quem hei de ser,

Pesa-me o informe real que existe

Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.

E é uma noite a ter um fim

Um negro astral silêncio surdo

E não poder viver assim.

(Tudo isto me parece tudo.

Mas noite, frio, negror sem fim,

Mundo mudo, silêncio mudo -

Ah, nada é isto, nada é assim!)

BRILHA UMA VOZ NA NOITE...

Brilha uma voz na noite

De dentro de Fora ouvi-a...

Ó Universo, eu sou-te...

Oh, o horror da alegria

Deste pavor, do archote

Se apagar, que me guia!

Cinzas de ideia e de nome

Em mim, e a voz: Ó mundo,

Ser mente em ti eu sou-me...

Mero eco de mim, me inundo

De ondas de negro lume

Em que pra Deus me afundo.

PRECE

Senhor, que és o céu e a terra, que és a vida e a morte!

O sol és tu e a lua és tu e o vento és tu! Tu és os nossos

corpos e as nossas almas e o nosso amor és tu também. Onde

nada está tu habitas e onde tudo está - (o teu templo) -

eis o teu corpo.

Dá-me alma para te servir e alma para te amar. Dá-me vista

para te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para te ouvir

no vento e no mar, e meios para trabalhar em teu nome.

Torna-me puro como a água e alto como o céu. Que não haja

lama nas estradas dos meus pensamentos nem folhas mortas

nas lagoas dos meus propósitos. Faze com que eu saiba amar

os outros como irmãos e servir-te como a um pai.

Minha vida seja digna da tua presença. Meu corpo seja

digno da terra, tua cama. Minha alma possa aparecer diante

de ti como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o Sol, para que eu te possa adorar

em mim; e torna-me puro como a lua, para que eu te possa

rezar em mim; e torna-me claro como o dia para que eu te

possa ver sempre em mim e rezar-te e adorar-te.

Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta teu.

Senhor, livra-me de mim.

BATE A LUZ NO CIMO...

Bate a luz no cimo

Da montanha, vê...

Sem querer eu cismo

Mas não sei em quê....

Não sei que perdi

Ou que não achei...

Vida que vivi,

Que mal eu a amei !...

Hoje quero tanto

Que o não posso ter,

De manhã há o pranto

E ao anoitecer...

Tomara eu ter jeito

Para ser feliz...

Como o mundo é estreito,

E o pouco que eu quis !

Vai morrendo a luz

No alto da montanha...

Como um rio a flux

A minha alma banha,

Mas não me acarinha,

Não me acalma nada...

Pobre criancinha

Perdida na estrada!...

QUENTE E ABSTRATA SINGELEZA

Que fútil toda essa tristeza

Que uns vagos versos vácuos dão,

Num modo de nem sim nem não,

A quente e abstrata singeleza

De sentir o coração!

CHUVA OBLÍQUA

I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito

E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios

Que largam do cais arrastando nas águas por sombra

Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido

E esta paisagem é cheia de sol deste lado...

Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio

E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...

O vulto do cais é a estrada nítida e calma

Que se levanta e se ergue como um muro,

E os navios passam por dentro dos troncos das árvores

Com uma horizontalidade vertical,

E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...

Súbito toda a água do mar do porto é transparente

E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse

desdobrada,

Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele

porto,

E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa

Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem

E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,

E passa para o outro lado da minha alma...

II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,

E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...

Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,

E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro ...

O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes

Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar...

Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça

E sente-se chiar a água no fato de haver coro...

A missa é um automóvel que passa

Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste...

Súbito vento sacode em esplendor maior

A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo

Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe

Com o som de rodas de automóvel...

E apagam-se as luzes da igreja

Na chuva que cessa ...

III

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...

Escrevo - e ela aparece-me através da minha mão transparente

E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo - perturbo-me de ver o bico da minha pena

Ser o perfil do rei Quéops ...

De repente paro...

Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste

candeeiro

E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com

a pena...

Ouço a Esfinge rir por dentro

O som da minha pena a correr no papel...

Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,

Varre tudo para o canto do teto que fica por detrás de mim,

E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve

Jaz o cadáver do rei Quéops, olhando-me com olhos muito abertos,

E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo

E uma alegria de barcos embandeirados erra

Numa diagonal difusa

Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim! ...

IV

Que pandeiretas o silêncio deste quarto!...

As paredes estão na Andaluzia...

Há danças sensuais no brilho fixo da luz...

De repente todo o espaço pára...,

Pára, escorrega, desembrulha-se...,

E num canto do teto, muito mais longe do que ele está,

Abrem mãos brancas janelas secretas

E há ramos de violetas caindo

De haver uma noite de Primavera lá fora

Sobre o eu estar de olhos fechados...

V

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do carrossel...

Árvores, pedras, montes, bailam parados dentro de mim...

Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de sol lá fora,

E as luzes todas da feira fazem ruídos dos muros do quintal...

Ranchos de raparigas de bilha à cabeça

Que passam lá fora, cheias de estar sob o sol,

Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda na feira,

Gente toda misturada com as luzes das barracas, com a noite e com o luar,

E os dois grupos encontram-se e penetram-se

Até formarem só um que é os dois...

A feira e as luzes das feiras e a gente que anda na feira,

E a noite que pega na feira e a levanta no ar,

Andam por cima das copas das árvores cheias de sol,

Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,

Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam à cabeça,

E toda esta paisagem de primavera é a lua sobre a feira,

E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol...

De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira

E, misturado, o pó das duas realidades cai

Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos

Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar...

Pó de oiro branco e negro sobre os meus dedos...

As minhas mãos são os passos daquela rapariga que abandona a feira,

Sozinha e contente como o dia de hoje..

VI

O maestro sacode a batuta,

A lânguida e triste a música rompe ...

Lembra-me a minha infância, aquele dia

Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal

Atirando-lhe com, uma bola que tinha dum lado

O deslizar dum cão verde, e do outro lado

Um cavalo azul a correr com um jockey amarelo ...

Prossegue a música, e eis na minha infância

De repente entre mim e o maestro, muro branco,

Vai e vem a bola, ora um cão verde,

Ora um cavalo azul com um jockey amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância

Está em todos os lugares e a bola vem a tocar música,

Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal

Vestida de cão verde tornando-se jockey amarelo...

(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontra à minha infância e ela

Atravessa o teatro todo que está aos meus pés

A brincar com um jockey amarelo e um cão verde

E um cavalo azul que aparece por cima do muro

Do meu quintal... E a música atira com bolas

À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos

De batuta e rotações confusas de cães verdes

E cavalos azuis e jockeys amarelos ...

Todo o teatro é um muro branco de música

Por onde um cão verde corre atrás de minha saudade

Da minha infância, cavalo azul com um jockey amarelo...

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,

Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa

Com orquestras a tocar música,

Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei

E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...

E a música cessa como um muro que desaba,

A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,

E do alto dum cavalo azul, o maestro, jockey amarelo tornando-se preto,

Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,

E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,

Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

ÀS VEZES ENTRE A TORMENTA

Às vezes entre a tormenta,

quando já umedeceu,

raia uma nesga no céu,

com que a alma se alimenta.

E às vezes entre o torpor

que não é tormenta da alma,

raia uma espécie de calma

que não conhece o langor.

E, quer num quer noutro caso,

como o mal feito está feito,

restam os versos que deito,

vinho no copo do acaso.

Porque verdadeiramente

sentir é tão complicado

que só andando enganado

é que se crê que se sente.

Sofremos? Os versos pecam.

Mentimos? Os versos falham.

E tudo é chuvas que orvalham

folhas caídas que secam.

AS TUAS MÃOS TERMINAM EM SEGREDO

As tuas mãos terminam em segredo.

Os teus olhos são negros e macios

Cristo na cruz os teus seios (?) esguios

E o teu perfil princesas no degredo...

Entre buxos e ao pé de bancos frios

Nas entrevistas alamedas, quedo

O vendo põe o seu arrastado medo

Saudoso o longes velas de navios.

Mas quando o mar subir na praia e for

Arrasar os castelos que na areia

As crianças deixaram, meu amor,

Será o haver cais num mar distante...

Pobre do rei pai das princesas feias

No seu castelo à rosa do Levante!

ASSIM, SEM NADA FEITO E O POR FAZER

Assim, sem nada feito e o por fazer

Mal pensado, ou sonhado sem pensar,

Vejo os meus dias nulos decorrer,

E o cansaço de nada me aumentar.

Perdura, sim, como uma mocidade

Que a si mesma se sobrevive, a esperança,

Mas a mesma esperança o tédio invade,

E a mesma falsa mocidade cansa.

Tênue passar das horas sem proveito,

Leve correr dos dias sem ação,

Como a quem com saúde jaz no leito

Ou quem sempre se atrasa sem razão.

Vadio sem andar, meu ser inerte

Contempla-me, que esqueço de querer,

E a tarde exterior seu tédio verte

Sobre quem nada fez e nada quere.

Inútil vida, posta a um canto e ida

Sem que alguém nela fosse, nau sem mar,

Obra solentemente por ser lida,

Ah, deixem-se sonhar sem esperar!

AS MINHAS ANSIEDADES

As minhas ansiedades caem

Por uma escada abaixo.

Os meus desejos balouçam-se

Em meio de um jardim vertical.

Na Múmia a posição é absolutamente exata.

Música longínqua,

Música excessivamente longínqua,

Para que a Vida passe

E colher esqueça aos gestos

AS HORAS PELA ALAMEDA

As horas pela alameda

Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada

Pela alameda alongada

Sob o azular do luar...

E ouve-se no ar a expirar -

A expirar mas nunca expira -

Uma flauta que delira,

Que é mais a ideia de ouvi-la

Que ouvi-la quase tranquila

Pelo ar a ondear e a ir...

Silêncio a tremeluzir...

AQUI ONDE SE ESPERA

Aqui onde se espera

- Sossego, só sossego -

Isso que outrora era,

Aqui onde, dormindo,

-Sossego, só sossego-

Se sente a noite vindo,

E nada importaria

-Sossego, só sossego-

Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei

-Sossego, só sossego -

Como no exílio um rei,

Gozando da ventura

- Sossego, só sossego -

De não ter a amargura

De reinar, mas guardando

- Sossego, só sossego -

O nome venerando...

Que mais quer quem descansa

- Sossego, só sossego -

Da dor e da esperança,

Que ter a negação

- Sossego, só sossego -

De todo o coração?

BRINCAVA A CRIANÇA

Brincava a criança

Com um carro de bois.

Sentiu-se brincado

E disse, eu sou dois !

Há um brincar

E há outro a saber,

Um vê-me a brincar

E outro vê-me a ver.

Estou atrás de mim

Mas se volto a cabeça

Não era o que eu queria

A volta só é essa...

O outro menino

Não tem pés nem mãos

Nem é pequenino

Não tem mãe ou irmãos.

E havia comigo

Por trás de onde eu estou,

Mas se volto a cabeça

Já não sei o que sou.

E o tal que eu cá tenho

E sente comigo,

Nem pai, nem padrinho,

Nem corpo ou amigo,

Tem alma cá dentro

Está a ver-me sem ver,

E o carro de bois

Começa a parecer.

ANDEI LÉGUAS DE SOMBRA

Andei léguas de sombra

Dentro em meu pensamento.

Floresceu às avessas

Meu ócio com sem-nexo,

E apagaram-se as lâmpadas

Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve

Um deserto macio

Visto pelo meu tato

Dos veludos da alcova,

Não pela minha vista.

Há um oásis no Incerto

E, como uma suspeita

De luz por não-há-frinchas,

Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito

Como é o espaço, e o tempo

Em vez de horizontal

É vertical.

A MORTE CHEGA CEDO

A morte chega cedo,

Pois breve é toda vida

O instante é o arremedo

De uma coisa perdida.

O amor foi começado,

O ideal não acabou,

E quem tenha alcançado

Não sabe o que alcançou.

E tudo isto a morte

Risca por não estar certo

No caderno da sorte

Que Deus deixou aberto.

A MINHA VIDA É UM BARCO ABANDONADO

A minha vida é um barco abandonado

Infiel, no ermo porto, ao seu destino.

Por que não ergue ferro e segue o atino

De navegar, casado com o seu fado?

Ah! falta quem o lance ao mar, e alado

Torne seu vulto em velas; peregrino

Frescor de afastamento, no divino

Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da ação sem vontade

Que o viva, vulto estéril de viver,

Boiando à tona inútil da saudade.

Os limos esverdeiam tua quilha,

O vento embala-te sem te mover,

E é para além do mar a ansiada Ilha.

ESPERANÇA

A esperança, como um fósforo inda aceso,

Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.

A falha social do meu destino

Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que esperar

O que dia nenhum poderá dar.

Cada dia me cansa de Esperança...

Mas viver é esperar e se cansar.

O prometido nunca será dado

Porque no prometer cumpriu-se o fado.

O que se espera, se a esperança e gosto,

Gastou-se no esperá-lo, e está acabado.

Quanta ache vingança contra o fado

Nem deu o verso que a dissesse, e o dado

Rolou da mesa abaixo, oculta a conta.

Nem o buscou o jogador cansado.

A PÁLIDA LUZ DA MANHÃ DE INVERNO

A pálida luz da manhã de inverno,

O cais e a razão

Não dão mais esperança, nem menos esperança sequer,

Ao meu coração.

O que tem que ser

Será, quer eu queira que seja ou que não.

No rumor do cais, no bulício do rio

Na rua a acordar

Não há mais sossego, nem menos sossego sequer,

Para o meu 'esperar.

O que tem que não ser

Algures será, se o pensei; tudo mais é sonhar.

A TUA VOZ FALA AMOROSA...

Qual é a tarde por achar

Em que teremos todos razão

E respiraremos o bom ar

Da alameda sendo verão,

Ou, sendo inverno, baste 'star

Ao pé do sossego ou do fogão?

Qual é a tarde por voltar?

Essa tarde houve, e agora não.

Qual é a mão cariciosa

Que há de ser enfermeira minha —

Sem doenças minha vida ousa —

Oh, essa mão é morta e osso...

Só a lembrança me acarinha

O coração com que não posso.

AQUI ESTÁ-SE SOSSEGADO

Aqui está-se sossegado,

Longe do mundo e da vida,

Cheio de não ter passado,

Até o futuro se olvida.

Aqui está-se sossegado.

Tinha os gestos inocentes,

Os seus olhos riam no fundo.

Mas invisíveis serpentes

Faziam-na ser do mundo.

Tinha os gestos inocentes.

Aqui tudo é paz e mar.

Que longe a vista se perde

Na solidão a tornar

Em sombra o azul que é verde!

Aqui tudo é paz e mar.

Sim, poderia ter sido...

Mas vontade nem razão

O mundo têm conduzido

A prazer ou conclusão.

Sim, poderia ter sido...

Agora não esqueço e sonho.

Fecho os olhos, oiço o mar

E de ouvi-lo bem, suponho

Que veio azul a esverdear.

Agora não esqueço e sonho.

Não foi propósito, não.

Os seus gestos inocentes

Tocavam no coração

Como invisíveis serpentes.

Não foi propósito, não.

Durmo, desperto e sozinho.

Que tem sido a minha vida?

Velas de inútil moinho —

Um movimento sem lida...

Durmo, desperto e sozinho.

Nada explica nem consola.

Tudo está certo depois.

Mas a dor que nos desola,

A mágoa de um não ser dois

Nada explica nem consola.

AQUI NESTE PROFUNDO APARTAMENTO

Aqui neste profundo apartamento

Em que, não por lugar, mas mente estou,

No claustro de ser eu, neste momento

Em que me encontro e sinto-me o que vou,

Aqui, agora, rememoro

Quanto de mim deixei de ser

E, inutilmente, — choro

O que sou e não pude ter.

ÁRVORE VERDE

Árvore verde,

Meu pensamento

Em ti se perde.

Ver é dormir

Neste momento.

Que bom não ser

Estando acordado!

Também em mim enverdecer

Em folhas dado!

Tremulamente

Sentir no corpo

Brisa na alma!

Não ser quem sente,

Mas tem a calma.

Eu tinha um sonho

Que me encantava.

Se a manhã vinha,

Como eu a odiava!

Volvia a noite,

E o sonho a mim.

Era o meu lar,

Minha alma afim.

Depois perdi-o.

Lembro? Quem dera!

Se eu nunca soube

O que ele era.

AS LENTAS NUVENS FAZEM SONO

As lentas nuvens fazem sono,

O céu azul faz bom dormir.

Boio, num íntimo abandono,

À tona de me não sentir.

E é suave, como um correr de água,

O sentir que não sou alguém,

Não sou capaz de peso ou mágoa.

Minha alma é aquilo que não tem.

Que bom, à margem do ribeiro

Saber que é ele que vai indo...

E só em sono eu vou primeiro.

E só em sonho eu vou seguindo.

CAMINHO AO TEU LADO MUDO

Caminho ao teu lado mudo

Sentes-me, vês-me alheado...

Perguntas: Sim... Não... Não sei...

Tenho saudades de tudo...

Até, porque está passado,

Do próprio mal que passei.

Sim, hoje é um dia feliz.

Será, não será, por certo

Num princípio não sei que

Há um sentido que me diz

Que isto — o céu longe e nós perto

É só a sombra do que é...

E lembro-me em meia-amargura

Do passado, do distante,

E tudo me é solidão...

Que fui nessa morte escura?

Quem sou neste morto instante?

Não perguntes... Tudo é vão.

CANTA ONDE NADA EXISTE

Canta onde nada existe

O rouxinol para seu bem — ,

Ouço-o, cismo, fico triste

E a minha tristeza também — .

Janela aberta, para onde

Campos de não haver são

O onde a dríade se esconde

Sem ser imaginação.

Quem me dera que a poesia

Fosse mais do que a escrever!

Canta agora a cotovia

Sem se lembrar de viver...

CEIFEIRA

Mas não, é abstrata, é uma ave

De som volteando no ar do ar,

E a alma canta sem entrave

Pois que o canto é que faz cantar.

CORPOS

O meu corpo é o abismo entre eu e eu

Se tudo é um sonho sob o sonho aberto

Do céu irreal, sonhar-te é possuir-te,

E possuir-te é sonhar-te de mais perto

As almas sempre separadas,

Os corpos são o sonho de uma ponte

Sobre um abismo que nem margens tem

Eu porque me conheço, me separo

De mim, e penso, e o pensamento é avaro

A hora passa. Mas meu sonho é meu.

DESCE A NEVOA DA MONTANHA

Desce a nevoa da montanha,

Desce ou nasce ou não sei que...

Minha alma é a tudo estranha,

Quando vê, vê que não vê.

Mais vale a nevoa que a vida...

Desce, ou sobe: enfim, existe.

E eu não sei em que consiste

Ter a emoção por vivida,

E, sem querer, estou triste.

HOJE QUE ESTOU SÓ E POSSO VER

Bem, hoje que estou só e posso ver

Com o poder de ver do coração

Quanto não sou, quanto não posso ser,

Quanto se o for, serei em vão,

Hoje, vou confessar, quero sentir-me

Definitivamente ser ninguém,

E de mim mesmo, altivo, demitir-me

Por não ter procedido bem.

Falhei a tudo, mas sem galhardias,

Nada fui, nada ousei e nada fiz,

Nem colhi nas urtigas dos meus dias

A flor de parecer feliz.

Mas fica sempre, porque o pobre é rico

Em qualquer cousa, se procurar bem,

A grande indiferença com que fico.

Escrevo-o para o lembrar bem.

A ÁGUA DA CHUVA DESCE A LADEIRA

A água da chuva desce a ladeira.

É uma água ansiosa.

Faz lagos e rios pequenos, e cheira

A terra a ditosa.

Há muitos que contam a dor e o pranto

De o amor os não querer...

Mas eu, que também não os tenho, o que canto

É outra coisa qualquer.

A ARANHA

A aranha do meu destino

Faz teias de eu não pensar.

Não soube o que era em menino,

Sou adulto sem o achar.

É que a teia, de espalhada

Apanhou-me o querer ir...

Sou uma vida baloiçada

Na consciência de existir.

A aranha da minha sorte

Faz teia de muro a muro...

Sou presa do meu suporte.

ACONTECEU-ME DO ALTO DO INFINITO

Aconteceu-me do alto do infinito

Esta vida. Através de nevoeiros,

Do meu próprio ermo ser fumos primeiros,

Vim ganhando, e través estranhos ritos

De sombra e luz ocasional, e gritos

Vagos ao longe, e assomos passageiros

De saudade incógnita, luzeiros

De divino, este ser fosco e proscrito...

Caiu chuva em passados que fui eu.

Houve planícies de céu baixo e neve

Nalguma cousa de alma do que é meu.

Narrei-me à sombra e não me achei sentido.

Hoje sei-me o deserto onde Deus teve

Outrora a sua capital de olvido...

A CRIANÇA QUE RI NA RUA

A criança que ri na rua,

A música que vem no acaso,

A tela absurda, a estátua nua,

A bondade que não tem prazo –

Tudo isso excede este rigor

Que o raciocínio dá a tudo,

E tem qualquer cousa de amor,

Ainda que o amor seja mudo

ADAGAS CUJAS JOIAS VELHAS GALAS

Adagas cujas joias velhas galas...

Opalesci amar-me entre mãos raras,

E fluido a febres entre um lembrar de aras,

O convés sem ninguém cheio de malas...

O íntimo silêncio das opalas

Conduz orientes até joias caras,

E o meu anseio vai nas rotas claras

De um grande sonho cheio de ócio e salas...

Passa o cortejo imperial, e ao longe

O povo só pelo cessar das lanças

Sabe que passa o seu tirano, e estruge

Sua ovação, e erguem as crianças

Mas o teclado as tuas mãos pararam

E indefinidamente repousaram...

A ESTRADA

A estrada, como uma senhora,

Só dá passagem legalmente.

Escrevo ao sabor quente da hora

Baldadamente.

Não saber bem o que se diz

É um pouco sol e um pouco alma.

Ah, quem me dera ser feliz

Teria isto, mais a calma.

Bom campo, estrada com cadastro,

Legislação entre erva nata.

Vou atar a lama com um nastro

Só para ver quem ma desata.

ESTA ALMA QUE NÃO ARDE

Ah, esta alma que não arde

Não envolve, porque ama,

A esperança, ainda que vã,

O esquecimento que vive

Entre o orvalho da tarde

E o orvalho da manhã

COMO INCERTA, NA NOITE EM FRENTE

Ah, como incerta, na noite em frente,

De uma longínqua tasca vizinha

Uma ária antiga, subitamente,

Me faz saudade do que as não tinha.

A ária é antiga? É-o a guitarra.

Da ária mesma não sei, não sei.

Sinto a dor-sangue, não vejo a garra.

Não choro, e sinto que já chorei.

Qual o passado que me trouxeram?

Nem meu nem de outro, é só passado:

Todas as coisas que já morreram

A mim e a todos, no mundo andado.

É o tempo, o tempo que leva a vida

Que chora e choro na noite triste.

É a mágoa, a queixa mal definida

De quanto existe, só porque existe.

AH, A FRESCURA NA FACE DE NÃO CUMPRIR UM DEVER!

Ah, já está tudo lido,

Mesmo o que falta ler!

Sonho, e ao meu ouvido

Que música vem ter?

Se escuto, nenhuma.

Se não ouço ao luar

Uma voz que é bruma

Entra em meu sonhar

E esta é a voz que canta

Se não sei ouvir...

Tudo em mim se encanta

E esquece sentir.

O que a voz canta

Para sempre agora

Na alma me fica

Se a alma me ignora.

Sinto, quero, sei que

Só há ter perdido -

E o eco de onde sonhei-me

Esquece do meu ouvido.

CANTO A LEOPARDI

Ah, Mas da voz exânime pranteia

O coração aflito respondendo:

"Se é falsa a ideia, quem me deu a ideia?

Se não há nem bondade nem justiça

Por que é que anseia o coração na liça

Os seus inúteis mitos defendendo?

Se é falso crer num deus ou num destino

Que saiba o que é o coração humano,

Por que há o humano coração e o tino

Que tem do bem e o mal? Ah, se é insano

Querer justiça, por que na justiça

Querer o bem, para que o bem querer?

Que maldade, que [...], que injustiça

Nos fez pra crer, se não devemos crer?

Se o dúbio e incerto mundo,

Se a vida transitória

Têm noutra parte o íntimo e profundo

Sentido, e o quadro último da história,

Por que há um mundo transitório e incerto

Onde ando por incerteza e transição,

Hoje um mal, uma dor, e [...], aberto

Um só dorido coração?"

Assim, na noite abstrata da Razão,

Inutilmente, majestosamente,

Dialoga consigo o coração,

Fala alto a si mesma a mente;

E não há paz nem conclusão,

Tudo é como se fora inexistente.

A OUTRA

Amamos sempre no que temos

O que não temos quando amamos.

O barco pára, largo os remos

E, um a outro, as mãos nos damos.

A quem dou as mãos?

À Outra.

Os teus beijos são de mel de boca,

São os que sempre pensei dar,

E agora e minha boca toca

A boca que eu sonhei beijar.

De quem é a boca?

Da Outra.

Os remos já caíram na água,

O barco faz o que a água quer.

Meus braços vingam minha mágoa

No abraço que enfim podem ter.

Quem abraço?

A Outra.

Bem sei, és bela, és quem desejei...

Não deixe a vida que eu deseje

Mais que o que pode ser teu beijo

E poder ser eu que te beije.

Beijo, e em quem penso?

Na Outra.

Os remos vão perdidos já,

O barco vai não sei para onde.

Que fresco o teu sorriso está,

Ah, meu amor, e o que ele esconde!

Que é do sorriso

Da Outra?

Ah, talvez, mortos ambos nós,

Num outro rio sem lugar

Em outro barco outra vez sós

Possamos nos recomeçar

Que talvez sejas

A Outra.

Mas não, nem onde essa paisagem

É sob eterna luz eterna

Te acharei mais que alguém na viagem

Que amei com ansiedade terna

Por ser parecida

Com a Outra.

Ah, por ora, idos remo e rumo,

Dá-me as mãos, a boca, o ter ser.

Façamos desta hora um resumo

Do que não poderemos ter.

Nesta hora, a única,

Sê a Outra.

A MÃO POSTA SOBRE A MESA

A mão posta sobre a mesa,

A mão abstrata, esquecida,

Imagem da minha vida...

A mão que pus sobre a mesa

Para mim mesmo é surpresa.

Porque a mão é o que temos

Ou define quem não somos.

Com ela aquilo que fazemos

AMEAÇOU CHUVA

Ameaçou chuva. E a negra

Nuvem passou sem mais...

Todo o meu ser se alegra

Em alegrias iguais.

Nuvem que passa... Céu

Que fica e nada diz...

Vazio azul sem véu

Sobre a terra feliz...

E a terra é verde, verde...

Por que então minha vista

Por meus sonhos se perde?

De que é que a minha alma dista?

AMIEL

Não nem no sonho a perfeição sonhada

Existe, pois que é sonho. Ó Natureza,

Tão monotonamente renovada,

Que cura dás a esta tristeza?

O esquecimento temporário, a estrada

Por engano tomada,

O meditar na ponte na incerteza...

Inúteis dias que consumo lentos

No esforço de pensar na ação,

Sozinho com meus frios pensamentos

Nem com uma esperança mão em mão.

É talvez nobre ao coração

Este vazio ser que anseia o mundo,

Este prolixo ser que anseia em vão,

Exânime e profundo

Tanta grandeza que em si mesma é morta!

Tanta nobreza inútil de ânsia e dor!

Nem se ergue a mão para a fechada porta,

Nem o submisso olhar para o amor.

A MINHA CAMISA ROTA

A minha camisa rota

(Pois não tenho quem me a cosa)

É parte minha na rota

Que vai para qualquer cousa,

Pois o estar rota denota

Que a minha [...]

Para muita coisa de volta.

Mas sei que a camisa é nada,

Que um rasgão não é mal,

E que a camisa rasgada

Não traz a alma enganada,

Em busca do Santo Graal.

A MONTANHA POR ACHAR

A montanha por achar

Há de ter, quando a encontrar,

Um templo aberto na pedra

Da encosta onde nada medra.

O santuário que tiver,

Quando o encontrar, há de ser

Na montanha procurada

E na gruta ali achada.

A verdade, se ela existe,

Ver-se-á que só consiste

Na procura da verdade,

Porque a vida é só metade.

ANÁLOGO COMEÇO

Análogo começo.

Uníssono me peço.

Gaia ciência o assomo -

Falha no último tomo.

Onde prolixo ameaço

Paralelo transpasso

O entreaberto haver

Diagonal a ser.

E interlúdio vernal,

Conquista do fatal,

Onde, veludo, afaga

A última que alaga.

Timbre do vespertino.

Ali, carícia, o hino

Outonou entre preces,

Antes que, água, comeces.

ANDAVAM DE NOITE AOS SEGREDOS

Andavam de noite aos segredos

Só porque era noite...

Os bosques enchiam de medos

Quem quer que se afoite...

Diziam [?] palavras que pesam [?]

À sombra de alguém...

Ninguém os conhece, e passam...

Não eram ninguém...

Fica só na aragem e na ânsia

Saudade a fingir...

Foi como se fora distância...

Eu torno a dormir.

A NOVELA INACABADA

A novela inacabada,

Que o meu sonho completou,

Não era de rei ou fada

Mas era de quem não sou.

Para além do que dizia

Dizia eu quem não era...

A primavera floria

Sem que houvesse primavera.

Lenda do sonho que vivo,

Perdida por a salvar...

Mas quem me arrancou o livro

Que eu quis ter sem acabar?

AZUL OU VERDE OU ROXO

Azul, ou verde, ou roxo quando o sol

O doura falsamente de vermelho,

O mar é áspero (?), casual (?) ou mol(e),

É uma vez abismo e outra espelho.

Evoco porque sinto velho

O que em mim quereria mais que o mar

Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros

Com que fizeram a navegação,

Jazem longínquos, lúgubres parceiros

Do nosso esquecimento e ingratidão.

Só o mar às vezes, quando são

Grandes as ondas e é deveras mar

Parece incertamente recordar.

Mas sonho... O mar é água, é água nua,

Serva do obscuro ímpeto distante

Que, como a poesia, vem da lua

Que uma vez o abate outra o levanta.

Mas, por mais que descante

Sobre a ignorância natural do mar,

Pressinto-o, vazante, a murmurar.

Quem sabe o que é a alma ? Quem conhece

Que alma há nas coisas que parecem mortas.

Quanto em terra ou em nada nunca esquece.

Quem sabe se no espaço vácuo há portas?

O sonho que me exortas

A meditar assim a voz do mar,

Ensina-me a saber-te meditar.

Capitães, contramestres - todos nautas

Da descoberta infiel de cada dia

Acaso vos chamou de ignotas flautas

A vaga e impossível melodia.

Acaso o vosso ouvido ouvia

Qualquer coisa do mar sem ser o mar

Sereias só de ouvir e não de achar?

Quem atrás de intérminos oceanos

Vos chamou à distância ou quem

Sabe que há nos corações humanos

Não só uma ânsia natural de bem

Mas, mais vaga, mais sutil também

Uma coisa que quer o som do mar

E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é e se vós e o mar imenso

Sois qualquer coisa, vós por o sentir

E o mar por o ser, disto que penso;

Se no fundo ignorado do existir

Há mais alma que a que pode vir

À tona vã de nós, como à do mar

Fazei-me livre, enfim , de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,

Fazei que eu tenha, como o capitão

Ou o contramestre, ouvidos para a flauta

Que chama ao longe o nosso coração,

Fazei-me ouvir , como a um perdão,

Numa reminiscência de ensinar,

O antigo português que fala o mar!

BALADAS DE UMA OUTRA TERRA

Baladas de uma outra terra, aliadas

Às saudades das fadas, amadas por gnomos idos,

Retinem lívidas ainda aos ouvidos

Dos luares das altas noites aladas...

Pelos canais barcas erradas

Segredam-se rumos descridos...

E tresloucadas ou casadas com o som das baladas,

As fadas são belas e as estrelas

São delas... Ei-las alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,

Nos canais fatais iguais de erradas,

As barcas parcas das fadas,

Das fadas aladas e hiemais

E caladas...

Toadas afastadas, irreais, de baladas...

Ais...

HOJE, NESTE ÓCIO INCERTO

Hoje, neste ócio incerto

Sem prazer nem razão ,

Como a um túmulo aberto

Fecho meu coração.

Na inútil consciência

De ser inútil tudo,

Fecho-o, contra a violência

Do mundo duro e rudo.

Mas que mal sofre um morto?

Contra que defendê-lo?

Fecho-o, em fechá-lo absorto,

E sem querer sabê-lo.

HOJE QUE A TARDE É CALMA E O CÉU TRANQUILO

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,

E a noite chega sem que eu saiba bem,

Quero considerar-me e ver aquilo

Que sou, e o que sou o que é que tem.

Olho por todo o meu passado e vejo

Que fui quem foi aquilo em torno meu,

Salvo o que o vago e incógnito desejo

Se ser eu mesmo de meu ser me deu.

Como a páginas já relidas, vergo

Minha atenção sobre quem fui de mim,

E nada de verdade em mim albergo

Salvo uma ânsia sem princípio ou fim.

Como alguém distraído na viagem,

Segui por dois caminhos par a par

Fui com o mundo, parte da paisagem;

Comigo fui, sem ver nem recordar.

Chegado aqui, onde hoje estou, conheço

Que sou diverso no que informe estou.

No meu próprio caminho me atravesso.

Não conheço quem fui no que hoje sou.

Serei eu, porque nada é impossível,

Vários trazidos de outros mundos, e

No mesmo ponto espacial sensível

Que sou eu, sendo eu por `'star aqui ?

Serei eu, porque todo o pensamento

Podendo conceber, bem pode ser,

Um dilatado e múrmuro momento,

De tempos-seres de quem sou o viver ?

CANÇÃO

Silfos ou gnomos tocam?...

Roçam nos pinheirais

Sombras e bafos leves

De ritmos musicais.

Ondulam como em voltas

De estradas não sei onde

Ou como alguém que entre árvores

Ora se mostra ou esconde.

Forma longínqua e incerta

Do que eu nunca terei...

Mal oiço e quase choro.

Por que choro não sei.

Tão tênue melodia

Que mal sei se ela existe

Ou se é só o crepúsculo,

Os pinhais e eu estar triste.

Mas cessa, como uma brisa

Esquece a forma aos seus ais;

E agora não há mais música

Do que a dos pinheirais.

CANSADO ATÉ OS DEUSES QUE NÃO SÃO

Cansado até os deuses que não são...

Ideais, sonhos... Como o sol é real

E na objetiva coisa universal

Não há o meu coração...

Eu ergo a mão.

Olho-a de mis, e o que ela é não sou eu.

Entre mim e o que sou há a escuridão.

Mas o que são isto a terra e o céu ?

Houvesse ao menos, visto que a verdade

É falsa, qualquer coisa verdadeira

De outra maneira

Que a impossível certeza ou realidade.

Houvesse ao menos, som o sol do mundo,

Qualquer postiça realidade não

O eterno abismo sem fundo,

Crível talvez, mas tenho coração.

Mas não há nada, salvo tudo sem mim.

Crível por fora da razão, mas sem

Que a razão acordasse e visse bem;

Real com o coração, inda que [...]

CANSA SER, SENTIR DÓI, PENSAR DESTRUIR

Cansa ser, sentir dói, pensar destruir.

Alheia a nós, em nós e fora,

Rui a hora, e tudo nela rui.

Inutilmente a alma o chora.

De que serve ? O que é que tem que servir ?

Pálido esboço leve

Do sol de inverno sobre meu leito a sorrir...

Vago sussurro breve.

Das pequenas vozes com que a manhã acorda,

Da fútil promessa do dia,

Morta ao nascer, na esperança longínqua e absurda

Em que a alma se fia.

CHEGUEI À JANELA

Cheguei à janela,

Porque ouvi cantar.

É um cego e a guitarra

Que estão a chorar.

Ambos fazem pena,

São uma coisa só

Que anda pelo mundo

A fazer ter dó.

Eu também sou um cego

Cantando na estrada,

A estrada é maior

E não peço nada.

CLAREIA CINZENTA A NOITE DE CHUVA

Clareia cinzenta a noite de chuva,

Que o dia chegou.

E o dia parece um traje de viúva

Que já desbotou.

Ainda sem luz, salvo o claro do escuro,

O céu chove aqui,

E ainda é um além, ainda é um muro

Ausente de si.

Não sei que tarefa terei este dia;

Que é inútil já sei...

E fito, de longe, minha alma, já fria

Do que não farei.

COMEÇA A IR SER DIA

Começa a ir ser dia,

O céu negro começa,

Numa menor negrura

Da sua noite escura,

A Ter uma cor fria

Onde a negrura cessa.

Um negro azul-cinzento

Emerge vagamente

De onde o oriente dorme

O seu tardo sono informe,

E há um frio sem vento

Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o mal dormido,

Não sinto noite ou frio,

Nem sinto vir o dia

Da solidão vazia.

Só sinto o indefinido

Do coração vazio.

Em vão o dia chega

Quem não dorme, a quem

Não tem que ter razão

Dentro do coração,

Que quando vive nega

E quando ama não tem.

Em vão, em vão, e o céu

Azula-se de verde

Acinzentadamente.

Que é isto que a minha alma sente ?

Nem isto, não, nem eu,

Na noite que se perde.

COMEÇA, NO AR DA ANTEMANHÃ

Começa, no ar da antemanhã,

A haver o que vai ser o dia.

É uma sombra entre as sombras vã.

Mais tarde, quanto é a manhã

Agora é nada, noite fria.

É nada, mas é diferente

Da sombra em que a noite está;

E há nela já a nostalgia

Não do passado, mas do dia

Que é afinal o que será.

COMO ÀS VEZES NUM DIA AZUL E MANSO

Como às vezes num dia azul e manso

No vivo verde da planície calma

Duma súbita nuvem o avanço

Palidamente as ervas escurece

Assim agora em minha pávida alma

Que súbito se evola e arrefece

A memória dos mortos aparece...

CRIANÇA, ERA OUTRO...

Criança, era outro...

Naquele em que me tornei

Cresci e esqueci.

Tenho de meu, agora, um silêncio, uma lei.

Ganhei ou perdi ?

DAQUI A POUCO ACABA O DIA

Daqui a pouco acaba o dia.

Não fiz nada.

Também, que coisa é que faria?

Fosse a que fosse, estava errada.

De aqui a pouco a noite vem.

Chega em vão

Para quem como eu só tem

Para o contar o coração.

E após a noite e irmos dormir

Torna o dia.

Nada farei senão sentir.

Também que coisa é que faria?

DEIXA-ME OUVIR O QUE NÃO OUÇO...

Deixa-me ouvir o que não ouço...

Não é a brisa ou o arvoredo;

É outra coisa intercalada...

É qualquer coisa que não posso

Ouvir senão em segredo,

E que talvez não seja nada...

Deixa-me ouvir... Não fales alto !

Um momento !... Depois o amor,

Se quiseres... Agora cala !

Tênue, longínquo sobressalto

Que substitui a dor,

Que inquieta e embala...

O quê? Só a brisa entre a folhagem?

Talvez... Só um canto pressentido?

Não sei, mas custa amar depois...

Sim, torna a mim, e a paisagem

E a verdadeira brisa, ruído...

Vejo-me, somos dois...

DEIXEI DE SER AQUELE QUE ESPERAVA

Deixei de ser aquele que esperava,

Isto é, deixei de ser quem nunca fui...

Entre onda e onda a onda não se cava,

E tudo, em ser conjunto, dura e flui.

A seta treme, pois que, na ampla aljava,

O presente ao futuro cria e inclui.

Se os mares erguem sua fúria brava

É que a futura paz seu rastro obstrui.

Tudo depende do que não existe.

Por isso meu ser mudo se converte

Na própria semelhança, austero e triste.

Nada me explica. Nada me pertence.

E sobre tudo a lua alheia verte

A luz que tudo dissipa e nada vence.

DEIXEI ATRÁS OS ERROS DO QUE FUI

Deixei atrás os erros do que fui,

Deixei atrás os erros do que quis

E que não pude haver porque a hora flui

E ninguém é exato nem feliz.

Tudo isso como o lixo da viagem

Deixei nas circunstâncias do caminho,

No episódio que fui e na paragem,

No desvio que foi cada vizinho.

Deixei tudo isso, como quem se tapa

Por viajar com uma capa sua,

E a certa altura se desfaz da capa

E atira com a capa para a rua.

DEIXEM-ME O SONO ! SEI QUE É JÁ MANHÃ

Deixem-me o sono ! Sei que é já manhã.

Mas se tão tarde o sono veio,

Quero, desperto, inda sentir a vã

Sensação do seu vago enleio.

Quero, desperto, não me recusar

A estar dormindo ainda,

E, entre a noção irreal de aqui estar,

Ver essa noção finda.

Quero que me não neguem quem não sou

Nem que, debruçado eu

Da varanda por sobre onde não estou,

Nem sequer veja o céu.

DEIXO AO CEGO E AO SURDO

Deixo ao cego e ao surdo

A alma com fronteiras,

Que eu quero sentir tudo

De todas as maneiras.

Do alto de ter consciência

Contemplo a terra e o céu,

Olho-os com inocência :

Nada que vejo é meu.

Mas vejo tão atento

Tão neles me disperso

Que cada pensamento

Me torna já diverso.

E como são estilhaços

Do ser, as coisas dispersas

Quebro a alma em pedaços

E em pessoas diversas.

E se a própria alma vejo

Com outro olhar,

Pergunto se há ensejo

De por isto a julgar.

Ah. tanto como a terra

E o mar e o vasto céu,

Quem se crê próprio erra,

Sou vário e não sou meu.

Se as coisas são estilhaços

Do saber do universo,

Seja eu os meus pedaços,

Impreciso e diverso.

Se quanto sinto é alheio

E de mim sou ausente,

Como é que a alma veio

A acabar-se em ente ?

Assim eu me acomodo

Com o que Deus criou,

Deus tem diverso modo

Diversos modos sou.

Assim a Deus imito,

Que quando fez o que é

Tirou-lhe o infinito

E a unidade até.

DEPOIS DA FEIRA

Vão vagos pela estrada,

Cantando sem razão

A última esperança dada

À última ilusão.

Não significam nada.

Mimos e bobos são.

Vão juntos e diversos

Sob um luar de ver,

Em que sonhos imersos

Nem saberão dizer,

E cantam aqueles versos

Que lembram sem querer.

Pajens de um morto mito,

Tão líricos!, tão sós!,

Não têm na voz um grito,

Mal têm a própria voz;

E ignora-os o infinito

Que nos ignora a nós.

DEPOIS QUE TODOS FORAM

Depois que todos foram

E foi também o dia,

Ficaram entre as sombras

Das áleas do ermo parque

Eu e minha agonia.

A festa fora alheia

E depois que acabou

Ficaram entre as sombras

Das áleas apertadas

Quem eu fui e quem sou.

Tudo fora por todos.

Brincaram, mas enfim

Ficaram entre as sombras

Das áleas apertadas

Só eu, e eu sem mim.

Talvez que no parque antigo

A festa volte a ser.

Ficaram entre as sombras

Das áleas apertadas

Eu e quem sei não ser.

DEPOIS QUE O SOM DA TERRA, QUE É NÃO TÊ-LO

Depois que o som da terra, que é não tê-lo,

Passou, nuvem obscura, sobre o vale

E uma brisa afastando meu cabelo

Me diz que fale, ou me diz que cale,

A nova claridade veio, e o sol

Depois, ele mesmo , e tudo era verdade,

Mas quem me deu sentir e a sua prole?

Quem me vendeu nas hastas da vontade?

Nada. Uma nova obliquação da luz,

Interregno factício onde a erva esfria.

E o pensamento inútil se conduz

Até saber que nada vale ou pesa.

E não sei se isto me ensimesma ou alheia,

Nem sei se é alegria ou se é tristeza.

DESFAZ A MALA FEITA PRA A PARTIDA!

Desfaz a mala feita pra a partida!

Chegaste a ousar a mala?

Que importa? Desesperar ante a inda

Pois tudo a ti iguala.

Sempre serás o sonho de mim mesmo.

Vives tentando ser,

Papel rasgado de um intento, a esmo

Atirado ao descrer.

Como as correias cingem

Tudo o que vais levar!

Mas é só a mala e não a ida [?]

Que há de sempre ficar!

DESPERTO SEMPRE ANTES QUE RAIE O DIA

Desperto sempre antes que raie o dia

E escrevo com o sono que perdi.

Depois, neste torpor em que a alma é fria,

Aguardo a aurora, que já quantas vi.

Fito-a sem atenção, cinzento verde

Que se azula de galos a cantar.

Que mau é não dormir ? A gente perde

O que a morte nos dá pra começar.

Oh Primavera quietada, aurora,

Ensina ao meu torpor, em que a alma é fria,

O que é que na alma lívida a colora

Com o que vai acontecer no dia.

DEUS NÃO TEM UNIDADE

Deus não tem unidade,

Como a terei eu?

DEVE CHAMAR-SE TRISTEZA

Deve chamar-se tristeza

Isto que não sei que seja

Que me inquieta sem surpresa

Saudade que não deseja.

Sim, tristeza - mas aquela

Que nasce de conhecer

Que ao longe está uma estrela

E ao perto está não a Ter.

Seja o que for, é o que tenho.

Tudo mais é tudo só.

E eu deixo ir o pó que apanho

De entre as mãos ricas de pó.

DO FUNDO DO FIM DO MUNDO

Do fundo do fim do mundo

Vieram me perguntar

Qual era o anseio fundo

Que me fazia chorar.

E eu disse, "É esse que os poetas

Têm tentado dizer

Em obras sempre incompletas

Em que puseram seu ser.

Ë assim com um gesto nobre

Respondi a quem não sei

Se me houve por rico ou pobre.

DÓI VIVER, NADA SOU QUE VALHA SER

Dói viver, nada sou que valha ser.

Tardo-me porque penso e tudo rui.

Tento saber, porque tentar é ser.

Longe de isto ser tudo, tudo flui.

Mágoa que, indiferente, faz viver.

Névoa que, diferente, em tudo influi.

O exílio nado do que fui sequer

Ilude, fixa, dá, faz ou possui.

Assim, noturno, a árias indecisas,

O prelúdio perdido traz à mente

O que das ilhas mortas foi só brisas,

E o que a memória análoga dedica

Ao sonho, e onde, lua na corrente,

Não passa o sonho e a água inútil fica

DÓI-ME NO CORAÇÃO

Dói-me no coração

Uma dor que me envergonha

Quê ! Esta alma que sonha

O âmbito todo do mundo

Sofre de amor e tortura

Por tão pequena coisa...

Uma mulher curiosa

E o meu tédio profundo?

DÓI-ME QUEM SOU. E EM MEIO DA EMOÇÃO

Dói-me quem sou. E em meio da emoção

Ergue a fronte de torre um pensamento

É como se na imensa solidão

De uma alma a sós consigo, o coração

Tivesse cérebro e conhecimento.

Numa amargura artificial consisto,

Fiel a qualquer ideia que não sei,

Como um fingido cortesão me visto

Dos trajes majestosos em que existo

Para a presença artificial do rei.

Sim tudo é sonhar quanto sou e quero.

Tudo das mãos caídas se deixou.

Braços dispersos, desolado espero.

Mendigo pelo fim do desespero,

Que quis pedir esmola e não ousou.

DO MEIO DA RUA

Do meio da rua

(Que é, aliás, o infinito)

Um pregão flutua,

Música num grito...

Como se no braço

Me tocasse alguém

Viro-me num espaço

Que o espaço não tem.

Outrora em criança

O mesmo pregão...

Não lembres... Descansa,

Dorme, coração!...

DORME, CRIANÇA, DORME

Dorme, criança, dorme,

Dorme que eu velarei;

A vida é vaga e informe,

O que não há é rei.

Dorme, criança, dorme,

Que também dormirei.

Bem sei que há grandes sombras

Sobre áleas de esquecer,

Que há passos sobre alfombras

De quem não quer viver;

Mas deixa tudo às sombras,

Vive de não querer.

DORMIR! NÃO TER DESEJOS NEM ESPERANÇAS

Dormir! Não Ter desejos nem esperanças

Flutua branca a única nuvem lenta

E na azul quiescência sonolenta

A deusa do não-ser tece ambas as tranças.

Maligno sopro de árdua quietude

Perene a fronte e os olhos aquecidos,

E uma floresta-sonho de ruídos

Ensombra os olhos mortos de virtude.

Ah, não ser nada conscientemente!

Prazer ou dor? Torpor o traz e alonga,

E a sombra conivente se prolonga

No chão interior, que à vida mente.

Desconheço-me. Embrenha-me futuro,

Nas veredas sombrias do que sonho.

E no ócio em que diverso me suponho,

Vejo-me errante, demorado e obscuro.

Minha vida fecha-se como um leque.

Meu pensamento seca como um vago

Ribeiro no verão . Regresso , e trago

Nas mão flores que a vida prontas seque.

Incompreendida vontade absorta

Em nada querer... Prolixo afastamento

Do escrúpulo e da vida no momento...

DO SEU LONGÍNQUO REINO COR-DE-ROSA

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,

Voando pela noite silenciosa,

A fada das crianças vem, luzindo.

Papoulas a coroam, e , cobrindo

O seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,

E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,

Os seus cabelos de ouro acaricia -

E sonhos lindos, como ninguém teve,

A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam

Em coisas vivas, e um cortejo formam:

Cavalos e soldados e bonecas,

Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,

E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas

Que brincam e dão saltos e passadas...

Mas vem o dia, e, leve e graciosa,

Pé ante pé, volta a melhor das fadas

Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

DOURA O DIA. SILENTE, O VENTO DURA

Doura o dia. Silente, o vento dura.

Verde as árvores, mole a terra escura,

Onde flores, vazia a álea e os bancos.

No pinal erva cresce nos barrancos.

Nuvens vagas no pérfido horizonte.

O moinho longínquo no ermo monte.

Eu alma, que contempla tudo isto,

Nada conhece e tudo reconhece.

Nestas sombras de me sentir existo,

E é falsa a teia que tecer me tece.

DOZE SIGNOS DO CÉU O SOL PERCORRE

Doze signos do céu o Sol percorre,

E, renovando o curso, nasce e morre

Nos horizontes do que contemplamos.

Tudo em nós é o ponto de onde estamos.

Ficções da nossa mesma consciência,

Jazemos o instinto e a ciência.

E o sol parado nunca percorreu

Os doze signos que não há no céu.

DURMO, CHEIO DE NADA, E AMANHÃ

Durmo, cheio de nada, e amanhã

é, em meu coração,

Qualquer coisa sem ser, pública e vã

Dada a um público vão.

O sono! este mistério entre dois dias

Que traz ao que não dorme

À terra que de aqui visões nuas, vazias,

Num outro mundo enorme.

O sono! que cansaço me vem dar

O que não mais me traz

Que uma onda lenta, sempre a ressacar,

Sobre o que a vida faz?!

DURMO. REGRESSO OU ESPERO?

Durmo. Regresso ou espero?

Não sei. Um outro flui

Entre o que sou e o que quero

Entre o que sou e o que fui.

E A EXTENSA E VÁRIA NATUREZA É TRISTE

E a extensa e vária natureza é triste

Quando no vau da luz as nuvens passam.

É BOA! SE FOSSEM MALMEQUERES!

É boa! Se fossem malmequeres!

E é uma papoula

Sozinha, com esse ar de "queres?"

Veludo da natureza tola.

Coitada !

Por ela

Saí da marcha pela estrada.

Não a ponho na lapela.

Oscila ao leve vento, muito

Encarnada a arroxear.

Deixei no chão o meu intuito.

Caminharei sem regressar.

DURMO. SE SONHO, AO DESPERTAR NÃO SEI

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei

Que coisas eu sonhei.

Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto

Para um espaço aberto

Que não conheço, pois que despertei

Para o que inda não sei.

Melhor é nem sonhar nem não sonhar

E nunca despertar.

O LOUCO

E fala aos constelados céus

De trás das mágoas e das grades

Talvez com sonhos como os meus ...

Talvez, meu Deus!, com que verdades!

As grades de uma cela estreita

Separam-no de céu e terra...

Às grades mãos humanas deita

E com voz não humana berra...

EH, COMO OUTRORA ERA OUTRA A QUE EU NÃO TINHA!

Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!

Como amei quando amei! Ah, como eu via

Como e com olhos de quem nunca lia

Tinha o trono onde ter uma rainha.

Sob os pés seus a vida me espezinha.

Reclinando-te tão bem? A tarde esfria...

Ó mar sem cais nem lado na maresia,

Que tens comigo, cuja alma é a minha?

Sob uma umbela de chá embaixo estamos

E é súbita a lembrança

Da velha Quinta e do espalmar dos ramos

Fecharam-me os olhos para toda a história!

Como sapos saltamos e erramos...

É AINDA QUENTE

É ainda quente o fim do dia...

Meu coração tem tédio e nada...

Da vida sobe maresia...

Uma luz azulada e fria

Pára nas pedras da calçada...

Uma luz azulada e vaga

Um resto anônimo do dia...

Meu coração não se embriaga

Vejo como quem vê e divaga...

E uma luz azulada e fria.

EM OUTRO MUNDO, ONDE A VONTADE É LEI

Em outro mundo, onde a vontade é lei,

Livremente escolhi aquela vida

Com que primeiro neste mundo entrei.

Livre, a ela fiquei preso e eu a paguei

Com o preço das vidas subsequentes

De que ela é a causa, o deus; e esses entes,

Por ser quem fui, serão o que serei.

Por que pesa em meu corpo e minha mente

Esta miséria de sofrer ? Não foi

Minha a culpa e a razão do que me dói.

Não tenho hoje memória, neste sonho

Que sou de mim, de quanto quis ser eu.

Nada de nada surge do medonho

Abismo de quem sou em Deus, do meu

Ser anterior a mim, a me dizer

Quem sou, esse que fui quando no céu,

Ou o que chamam céu, pude querer.

Sou entre mim e mim o intervalo _

Eu, o que uso esta forma definida

De onde para outra ulterior resvalo,

Em outro mundo...

ENTRE O LUAR E O ARVOREDO

Entre o luar e o arvoredo,

Entre o desejo e não pensar

Meu ser secreto vai a medo

Entre o arvoredo e o luar.

Tudo é longínquo, tudo é enredo.

Tudo é não ter nem encontrar.

Entre o que a brisa traz e a hora,

Entre o que foi e o que a alma faz,

Meu ser oculto já não chora

Entre a hora e o que a brisa traz.

Tudo não foi, tudo se ignora.

Tudo em silêncio se desfaz.

E OU JAZIGO HAJA

E ou jazigo haja

Ou sótão com pó.

Bebé foi-se embora.

Minha alma está só.

E, Ó VENTO VAGO

E, ó vento vago

Das solidões,

Minha alma é um lago

De indecisões.

Ergue-a em ondas

De iras ou de ais,

Vento que rondas

Os pinheirais!

EPITÁFIO DESCONHECIDO

Quanta mais alma ande no amplo informe,

A ti, seu lar anterior, do fundo

Da emoção regressam, ó Cristo, e dormem

Nos braços cujo amor é o fim do mundo.

ERA ISSO MESMO

Era isso mesmo -

O que tu dizias,

E já nem falo

Do que tu fazias...

Era isso mesmo...

Eras outra já,

Eras má deveras,

A quem chamei má...

Eu não era o mesmo

Para ti, bem sei.

Eu não mudaria,

Não - nem mudarei...

Julgas que outro é outro.

Não: somos iguais.

ERAM VARÕES TODOS

Eram varões todos,

Andavam na floresta

Sem motivo e sem modos

E a razão era esta.

E andando iam cantando

O que não pude ser,

Nesse tom mole e brando

Como um anoitecer

Em que se canta quanto

Não há nem é e dói

E que tem disso o encanto

De tudo quanto foi.

E TODA A NOITE A CHUVA VEIO

E toda a noite a chuva veio

E toda a noite não parou,

E toda a noite o meu anseio

No som da chuva triste e cheio

Sem repousar se demorou.

E toda a noite ouvi o vento

Por sobre a chuva irreal soprar

E toda a noite o pensamento

Não me deixou um só momento

Como uma maldição do ar.

E toda a noite não dormida

Ouvi bater meu coração

Na garganta da minha vida.

EU

Sou louco e tenho por memória

Uma longínqua e infiel lembrança

De qualquer dita transitória

Que sonhei ter quando criança.

Depois, malograda trajetória

Do meu destino sem esperança,

Perdi, na névoa da noite inglória,

O saber e o ousar da aliança.

Só guardo como um anel pobre

Que a todo herdeiro só faz rico

Um frio perdido que me cobre

Como um céu dossel de mendigo,

Na curva inútil em que fico

Da estrada certa que não sigo.

É UMA BRISA LEVE

É uma brisa leve

Que o ar um momento teve

E que passa sem ter

Quase por tudo ser.

Quem amo não existe.

Vivo indeciso e triste.

Quem quis ser já me esquece

Quem sou não me conhece.

E em meio disto o aroma

Que a brisa traz me assoma

Um momento à consciência

Como uma confidência.

É UM CAMPO VERDE E VASTO

É um campo verde e vasto,

Sozinho sem saber,

De vagos gados pasto,

Sem águas a correr.

Só campo, só sossego,

Só solidão calada.

Olho-o, e nada nego

E não afirmo nada.

Aqui em mim me exalço

No meu fiel torpor.

O bem é pouco e falso,

O mal é erro e dor.

Agir é não ter casa,

Pensar é nada Ter.

Aqui nem luzes (?) ou asa

Nem razão para a haver.

E um vago sono desce

Só por não ter razão,

E o mundo alheio esquece

À vista e ao coração.

Torpor que alastra e excede

O campo e o gado e os ver.

A alma nada pede

E o corpo nada quer.

Feliz sabor de nada,

Inconsciência do mundo,

Aqui sem porto ou estrada,

Nem horizonte no fundo.

EU ME RESIGNO. HÁ NO ALTO DA MONTANHA

Eu me resigno. Há no alto da montanha

Um penhasco saído,

Que, visto de onde toda coisa é estranha,

Deste vale escondido,

Parece posto ali para o não termos,

Para que, vendo-o ali,

Nos contentemos só com o aí vermos

No nosso eterno aqui...

Eu me resigno. Esse penhasco agudo

Talvez alcançarão

Os que na força de irem põe m tudo.

De teu próprio silêncio nulo e mudo,

Não vás, meu coração.

EXÍGUA LÂMPADA TRANQUILA

Exígua lâmpada tranquila,

Quem te alumia e me dá luz,

Entre quem és e eu sou oscila.

FALHEI. OS ASTROS SEGUEM SEU CAMINHO

Falhei. Os astros seguem seu caminho.

Minha alma, outrora um universo meu,

É hoje, sei, um lúgubre escaninho

De consciência sob a morte e o céu.

Falhei. Quem sou vivi só de supô-lo.

O que tive por meu ou por haver

Fica sempre entre um pólo e o outro pólo

Do que nunca há de pertencer.

Falhei. Enfim! Consegui ser quem sou,

O que é já nada, com a lenha velha

Onde, pois valho só quando me dou,

Pegarei facilmente uma centelha.

FITO-ME FRENTE A FRENTE I

Fito-me frente a frente,

Conheço que estou louco.

Não me sinto doente.

Fito-me frente a frente.

Evoco a minha vida.

Fantasma, quem és tu?

Uma coisa erguida.

Uma força traída.

Neste momento claro, Abdique a alma bem!

Saber não ser é raro.

Quero ser raro e claro.

FITO-ME FRENTE A FRENTE II

Fito-me frente a frente

E conheço quem sou.

Estou louco, é evidente,

Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta

Que gente que sou louco?

Ou é por ter completa

A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto

O ser vivo que tenho.

Nasci como um aborto,

Salvo a hora e o tamanho.

FLUI, INDECISO NA BRUMA

Flui, indeciso na bruma,

Mais do que a bruma indeciso,

Um ser que é coisa a achar

E a quem nada é preciso.

Quer somente consistir

No nada que o cerca ao ser,

Um começo de existir

Que acabou antes de o Ter.

É o sentido que existe

Na aragem que mal se sente

E cuja essência consiste

Em passar incertamente.

GNOMOS DO LUAR QUE FAZ SELVAS

Gnomos no luar que faz selvas

As florestas sossegadas,

Que sois silêncios nas relvas,

E em aléas abandonadas

Fazeis sombras enganadas,

Que sempre se a gente olha

Acabastes de passar

E só um tremor de folha

Que o vento pode explicar

Fala de vós sem falar,

Levai-me no vosso rastro,

Que em minha alma quero ser

Como vosso corpo, um astro

Que só brilha quando houver

Quem o suponha sem ver.

Assim eu que canto ou choro

Quero velar-me a partir.

Lembrando o que não memoro,

Alguns me saibam sentir,

Mas ninguém me definir.

GOSTARA, REALMENTE

Gostara, realmente,

De sentir com uma alma só,

Não ser eu só tanta gente

De muitos, meto-me dó.

Não Ter lar, vá. Não ter calma

Está bem, nem ter pertencer

Mas eu, de ter tanta alma,

Nem minha alma chego a ter.

GRADUAL, DESDE QUE O CALOR

Gradual, desde que o calor

Teve medo,

A brisa ganhou alma, à flor

Do arvoredo.

Primeiro, os ramos ajeitaram

As folhas que há,

Depois, cinzentas, oscilaram,

E depois já

Toda a árvore era um movimento

E o fresco viera.

Medita sem Ter pensamento !

Ignora e espera!

GRADUAL, DESDE QUE O CALOR

Grande sol a entreter

Meu meditar sem ser

Neste quieto recinto...

Quanto não pude ter

Forma a alma com que sinto...

Se vivo é que perdi...

Se amo é que não amei...

E o grande bom sol ri...

E a sombra está aqui

Onde eu sempre estarei...

HÁ DOENÇAS PIORES QUE AS DOENÇAS

Há doenças piores que as doenças,

Há dores que não doem, nem na alma

Mas que são dolorosas mais que as outras.

Há angústias sonhadas mais reais

Que as que a vida nos traz, há sensações

Sentidas só com imaginá-las

Que são mais nossas do que a própria vida.

Há tanta coisa que, sem existir,

Existe, existe demoradamente,

E demoradamente é nossa e nós...

Por sobre o verde turvo do amplo rio

Os circunflexos brancos das gaivotas...

Por sobre a alma o adejar inútil

Do que não foi, nem pôde ser, e é tudo.

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

HÁ LUZ NO TOJO E NO BREJO

HÁ luz no tojo e no brejo

Luz no ar e no chão...

Há luz em tudo que vejo,

Não no meu coração...

E quanto mais luz lá fora

Quanto mais quente é o dia

Mais por contrário chora

Minha íntima noite fria.

HÁ MÚSICA. TENHO SONO

Há música. Tenho sono.

Tenho sono com sonhar.

Estou num longínquo abandono

Sem me sentir nem pensar.

A música é pobre mas

Não será mais pobre a vida?

Que importa que eu durma? Faz

Sono sentir a descida.

HÁ NO FIRMAMENTO

Há no firmamento

Um frio lunar.

Um vento nevoento

Vem de ver o mar.

Quase maresia

A hora interroga,

E uma angústia fria

Indistinta voga.

Não sei o que faça,

Não sei o que penso,

O frio não passa

E o tédio é imenso.

Não tenho sentido,

Alma ou intenção...

Estou no meu olvido...

Dorme, coração...

HÁ QUANTO TEMPO NÃO CANTO

Há quanto tempo não canto

Na muda voz de sentir.

E tenho sofrido tanto

Que chorar fora sorrir.

Há quanto tempo não sinto

De maneira a o descrever,

Nem em ritmos vivos minto

O que não quero dizer...

Há quanto tempo me fecho

À chave dentro de mim.

E é porque já não me queixo

Que as queixas não têm fim.

Há quanto tempo assim duro

Sem vontade de falar!

Já estou amigo do escuro

Não quero o sal nem o ar.

Foi-me tão pesada e crescida

A tristeza que ficou

Que ficou toda a vida

Para cantar não sonhou.

HÁ QUASE UM ANO NÃO ESCREVO

Há quase um ano não escrevo.

Pesada, a meditação

Torna-me alguém que não devo

Interromper na atenção.

Tenho saudades de mim.

De quando, de alma alheada,

Eu era não ser assim,

E os versos vinham de nada.

Hoje penso quando faço,

Escrevo sabendo o que digo...

Para quem desce do espaço

Este crepúsculo antigo?

HÁ UMA MÚSICA DO POVO

Há uma música do povo,

Nem sei dizer se é um fado

Que ouvindo-a há um ritmo novo

No ser que tenho guardado...

Ouvindo-a sou quem seria

Se desejar fosse ser...

É uma simples melodia

Das que se aprendem a viver...

E ouço-a embalado e sozinho...

É isso mesmo que eu quis ...

Perdi a fé e o caminho...

Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora

A vaga e triste canção ...

Que a minha alma já não chora

Nem eu tenho coração ...

Sou uma emoção estrangeira,

Um erro de sonho ido...

Canto de qualquer maneira

E acabo com um sentido!

HÁ UM FRIO E UM VÁCUO NO AR

Há um frio e um vácuo no ar.

Está sobre tudo a pairar,

Cinzento-preto, o luar.

Luar triste de antemanhã

De outro dia e sua vã

Esperança e inútil afã.

É como a morte de alguém

Que era tudo que a alma tem

E que não era ninguém.

HÁ UM GRANDE SOM NO ARVOREDO

Há um grande som no arvoredo.

Parece um mar que há lá em cima.

É o vento, e o vento faz um medo...

Não sei se um coração me estima...

Sozinho sob os astros certos

Meu coração não sai da vida...

Ó vastos céus, iguais e abertos,

Que é esta alma indefinida?

HÁ UM MURMÚRIO NA FLORESTA

Há um murmúrio na floresta,

Há uma nuvem e não já.

Há uma nuvem e nada resta

Do murmúrio que ainda está

No ar a parecer que há.

É que a saudade faz viver,

E faz ouvir, e ainda ver,

Tudo o que foi e acabará

Antes que tenha o que esquecer

Como a floresta esquece já.

HÁ UM PAÍS IMENSO MAIS REAL

Há um país imenso mais real

Do que a vida que o mundo mostra Ter

Mais do que a Natureza natural

À verdade tremendo de viver.

Sob um céu uno e plácido e normal

Onde nada se mostra haver ou ser

Onde nem vento geme, nem fatal

A ideias de uma nuvem se faz crer,

Jaz - uma terra não - não há um solo

Mas estranha, gelando em desconsolo

À alma que vê esse país sem véu,

Hirtamente silente nos espaços

Uma floresta de escarnados braços

Inutilmente erguidos para o céu.

HÁ UM POETA EM MIM QUE DEUS ME DISSE

Há um poeta em mim que Deus me disse...

A Primavera esquece nos barrancos

As grinaldas que trouxe dos arrancos

Da sua efêmera e espectral ledice...

Pelo prado orvalhado a meninice

Faz soar a alegria os seus tamancos...

Pobre de anseios teu ficar nos bancos

Olhando a hora como quem sorrisse...

Florir do dia a capitéis de Luz...

Violinos do silêncio enternecidos...

Tédio onde o só ter tédio nos seduz...

Minha alma beija o quadro que pintou...

Sento-me ao pé dos séculos perdidos

E cismo o seu perfil de inércia e vôo...

HOJE ESTOU TRISTE, ESTOU TRISTE

Hoje estou triste, estou triste.

Estarei alegre amanhã...

O que se sente consiste

Sempre em qualquer coisa vã.

Ou chuva, ou sol, ou preguiça...

Tudo influi, tudo transforma...

A alma não tem justiça,

A sensação não tem forma.

Uma verdade por dia...

Um mundo por sensação...

Estou triste. A tarde está fria.

Amanhã, sol e razão.

HORA MORTA

Lenta e lenta a hora

Por mim dentro soa

(Alma que se ignora !)

Lenta e lenta e lenta,

Lenata e sonolenta

A lua se escoa...

Tudo tão inútil !

Tão como que doente

Tão divinamente

Fútil - ah, tão fútil

Sonho que se sente

De si próprio ausente...

Naufrágio ante o ocaso...

Hora de piedade...

Tudo é névoa e acaso

Hora oca e perdida,

Cinza de vivida

(Que Poente me invade?)

Porque lenta ante olha

Lenta em seu som,

Que sinto ignorar?

Por que é que me gela

Meu próprio pensar

Em sonhar amar?

HOUVE UM RITMO NO MEU SONO

Houve um ritmo no meu sono.

Quando acordei o perdi.

Por que saí do abandono

De mim mesmo, em que vivi?

Não sei que era o que não era.

Sei que suave me embalou,

Como se o embalar quisera

Tornar-me outra vez quem sou.

Houve uma música finda

Quando acordei de a sonhar,

Mas não morreu : dura ainda

No que me faz não pensar.

INICIAÇÃO

Não dormes sob os ciprestes,

Pois não há sono no mundo.

....

O corpo é a sombra das vestes

Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,

E a sombra acabou sem ser.

Vais na noite só recorte,

Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro

Tiram-te os Anjos a capa :

Segues sem capa no ombro,

Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada

Despem-te e deixam-te nu.

Não tens vestes, não tens nada :

Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,

Os Deuses despem-te mais.

O teu corpo cessa, alma externa,

Mas vês que são teus iguais.

....

A sombra das tuas vestes

Ficou entre nós na Sorte.

Não estás morto, entre ciprestes.

....

Neófito, não há morte.

IGNORADO FICASSE O MEU DESTINO

Ignorado ficasse o meu destino

Entre pálios (e a ponte sempre à vista),

E anel concluso a chispas de ametista

A frase falha do meu póstumo hino...

Florescesse em meu glabro desatino

O himeneu das escadas da conquista

Cuja preguiça, arrecadada, dista

Almas do meu impulso cristalino...

Meus ócios ricos assim fossem, vilas

Pelo campo romano, e a toga traça

No meu soslaio anônimas (desgraça

A vida) curvas sob mãos intranquilas...

E tudo sem Cleópatra teria

Findado perto de onde raia o dia...

JÁ NÃO VIVI EM VÃO

Já não vivi em vão

Já escrevi bem

Uma canção.

A vida o que tem?

Estender a mão

A alguém?

Nem isso, não.

Só o escrever bem

Uma canção.

JÁ OUVI DOZE VEZES DAR A HORA

Já ouvi doze vezes dar a hora

No relógio que diz que é meio dia

A toda a gente que aqui mora.

(O comentário é do Camões agora:)

«Tanto que espera! Tanto que confia!»

Como o nosso Camões, qualquer podia

Ter dito aquilo, até outrora.

E ainda é uma grande coisa a ironia.

O ÚLTIMO SORTILÉGIO

"Já repeti o antigo encantamento,

E a grande Deusa aos olhos se negou.

Já repeti, nas pausas do amplo vento,

As orações cuja alma é um ser fecundo.

Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.

Só o vento volta onde estou toda e só,

E tudo dorme no confuso mundo.

"Outrora meu condão fadava, as sarças

E a minha evocação do solo erguia

Presenças concentradas das que esparsas

Dormem nas formas naturais das coisas.

Outrora a minha voz acontecia.

Fadas e elfos, se eu chamasse, via.

E as folhas da floresta eram lustrosas.

"Minha varinha, com que da vontade

Falava às existências essenciais,

Já não conhece a minha realidade.

Já, se o círculo traço, não há nada.

Murmura o vento alheio extintos ais,

E ao luar que sobe além dos matagais

Não sou mais do que os bosques ou a estrada.

"Já me falece o Dom com que me amavam.

Já me não torno a forma e o fim da vida

A quantos que, buscando-os, me buscavam.

Já, praia, o mar dos braços não me inunda.

Nem já me vejo ao sol saudado erguida,

Ou, em êxtase mágico perdida,

Ao luar, à boca da caverna funda.

"Já as sacras potências infernais,

Que dormentes sem deuses nem destino,

À substância das coisas são iguais,

Não ouvem minha voz ou os nomes seus.

A música partiu-se do meu hino.

Já meu furor astral não é divino

Nem meu corpo pensado é já um deus.

"E as longínquas deidades do atro poço,

Que tantas vezes, pálida, evoquei

Com a raiva de amar em alvoroço,

Enevoadas hoje ante mim estão.

Como, sem que as amasse, eu as chamei,

Agora, que não amo, as tenho, e sei

Que meu vendido ser consumirão.

"Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,

Tu, Lua, cuja prata converti,

Se já não podeis dar-me essa beleza

Que tantas vezes tive por querer,

Ao menos meu ser findo dividi -

Meu ser essencial se perca em si,

Só o meu corpo sem mim fique alma e ser!

"Converta-me a minha última magia

Numa estátua de mim em corpo vivo!

Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,

Anônima presença que se beija,

Carne do meu abstrato amor cativo,

Seja a morte de mim em que revivo :

E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!"

LADRAM UNS CÃES A DISTÂNCIA

Ladram uns cães a distância

Cai uma tarde qualquer,

Do campo vem a fragrância

De campo, e eu deixo de ver.

Um sonho meio sonhado,

Em que o campo transparece,

Está em mim, está a meu lado,

Ora me lembra ou me esquece,

E assim neste ócio profundo

Sem males vistos ou bens,

Sinto que todo este mundo

É um largo onde ladram cães.

LÁ FORA ONDE ÁRVORES SÃO

Lá fora onde árvores são

O que se mexe a parar

Não vejo nada senão,

Depois das árvores, o mar.

É azul intensamente,

Salpicado de luzir,

E tem na onda indolente

Um suspirar de dormir.

Mas nem durmo eu nem o mar,

Ambos nós, no dia brando,

E ele sossega a avançar

E eu não penso e estou pensando.

LÂMPADA DESERTA

Lâmpada deserta,

No átrio sossegado.

Há sombra desperta

Onde se ergue o estrado.

Na estrada está posto

Um caixão floral.

No átrio está exposto

O corpo fatal.

Não dizem quem era

No sonho que teve.

E a sombras que o espera

É a vida em que esteve.

LEMBRO-ME OU NÃO? OU SONHEI?

Lembro-me ou não? Ou sonhei?

Flui como um rio o que sinto.

Sou já quem nunca serei

Na certeza em que me minto.

O tédio de horas incertas

Pesa no meu coração,

Paro ante as portas abertas

Sem escolha nem decisão.

LEVE, BREVE, SUAVE,

Leve, breve, suave,

Um canto de ave

Sobe no ar com que principia

O dia.

Escuto, e passou...

Parece que foi só porque escutei

Que parou.

Nunca, nunca em nada,

Raie a madrugada,

Ou esplenda o dia, ou doure no declive,

Tive

Prazer a durar

Mais do que o nada, a perda, antes de eu o ir

Gozar.

LEVE NO CIMO DAS ERVAS

Leve no cimo das ervas

O dedo do vento roça...

Elas dizem-me que sim...

Mas eu já não sei de mim

Nem do que queira ou que possa.

E o alto frio das ervas

Fica no ar a tremer...

Parece que me enganaram

E que os ventos me levaram

O com que me convencer.

Mas no relvado das ervas

Nem bole agora uma só.

Porque pus eu uma esperança

Naquela inútil mudança

De que nada ali ficou?

Não: o sossego das ervas

Não é o de há pouco já.

Que inda a lembrança do vento

Me as move no pensamento

E eu tenho porque não há.

LEVES VÉUS VELAM, NUVENS VÃS, A LUA

Leves véus velam, nuvens vãs, a lua.

Crepúsculo na noite..., e é triste ver,

Em vez da límpida amplitude nua

Do céu, a noite e o céu a escurecer.

A noite é húmida de conhecer,

Sem que humidade de água seja sua.

LONGE DE MIM EM MIM EXISTO

Longe de mim em mim existo

À parte de quem sou,

A sombra e o movimento em que consisto.

MAIS TRISTE DO QUE O QUE ACONTECE

Mais triste do que o que acontece

É o que nunca aconteceu.

Meu coração, quem o entristece?

Quem o faz meu?

Na nuvem vem o que escurece

O grande campo sob o céu.

Memórias? Tudo é o que esquece.

A vida é quanto se perdeu.

E há gente que não enlouquece!

Ai do que em mim me chamo eu!

MARAVILHA-TE, MEMÓRIA!

Maravilha-te, memória!

Lembras o que nunca foi,

E a perda daquela história

Mais que uma perda me dói.

Meus contos de fadas meus -

Rasgaram-lhe a última folha...

Meus cansaços são ateus

Dos deuses da minha escolha...

Mas tu, memória, condizes

Com o que nunca existiu...

Torna-me aos dias felizes

E deixa chorar quem riu.

MAS O HÓSPEDE INCONVIDADO

Mas o hóspede inconvidado

Que mora no meu destino,

Que não sei como é chegado,

Nem de que honras é dino.

Constrange meu ser de casa

A adaptações de disfarce.

MELODIA TRISTE SEM PRANTO

Melodia triste sem pranto,

Diluída, antiga, feliz

Manhã de sentir a alma como um canto

De D. Dinis.

MENDIGO DO QUE NÃO CONHECE

Mendigo do que não conhece,

Meu ser na estrada sem lugar

Entre estragos amanhece...

Caminha só sem procurar...

MEU CORAÇÃO ESTEVE SEMPRE

Meu coração esteve sempre

Sozinho. Morri já...

Para que é preciso um nome ?

Fui eu a minha sepultura.

MEU RUÍDO DE ALMA CALA

Meu raído de alma cala.

E aperto a mão no peito,

Porque sob o efeito

Da arte que faz trejeito,

O que é de Cristo fala.

Cega, porca, lixo

Da vida que n'alma tem,

Esta criança vem.

Que Deus é que do além

Teve este mau capricho?

MEU SER VIVE NA NOITE NO DESEJO

Meu ser vive na Noite e no Desejo.

Minha alma é uma lembrança que há em mim.

MEUS DIAS PASSAM, MINHA FÉ TAMBÉM

Meus dias passam, minha fé também.

Já tive céus e estrelas em meu manto.

As grandes horas, se as viveu alguém,

Quando as viveu, perderam já o encanto.

MEUS VERSOS SÃO MEU SONHO DADO

Meus versos são meu sonho dado.

Quero viver, não sei viver,

Por isso, anônimo e encantado,

Canto para me pertencer.

O que soubemos, o perdemos.

O que pensamos, já o fomos.

Ah, e só guardamos o que demos

E tudo é sermos quem não somos.

Se alguém souber sentir meu canto

Meu canto eu saberei sentir.

Viverei com minha alma tanto

Quanto outros vivem (?)

MAS EU, ALHEIO SEMPRE, SEMPRE ENTRANDO

Mas eu, alheio sempre, sempre entrando

O mais íntimo ser da minha vida,

Vou dentro em mim a sombra procurando.

MOMENTO IMPERCETÍVEL

Momento impercetível,

Que coisa foste, que há

Já em mim qualquer coisa

Que nunca passará?

Sei que, passados anos,

O que isto é lembrarei,

Sem saber já o que era,

Que até já o não sei.

Mas, nada só que fosse,

Fica dele um ficar

Que será suave ainda

Quando eu o não lembrar.

MÚSICA... QUE SEI EU DE MIM?

Música... Que sei eu de mim?

Que sei eu de haver ser ou estar?

Música... sei só que sem fim

Quero saber só de sonhar...

Música... Bem no que faz mal

À alma entregar-se a nada...

Mas quero ser animal

Da insuficiência enganada

Música... Se eu pudesse ter,

Não o que penso ou desejo,

Mas o que não pude haver

E que até nem em sonhos vejo,

Se também eu pudesse fruir

Entre as algemas de aqui estar!

Não faz mal. Flui,

Para que eu deixe de pensar!

NADA. PASSARAM NUVENS E EU FIQUEI

Nada. Passaram nuvens e eu fiquei...

No ar limpo não há rasto.

Surgiu a lua de onde já não sei,

Num claro luar vasto.

Todo o espaço da noite fica cheio

De um peso sossegado...

Onde porei o meu futuro, e o enleio

Que o liga ao meu passado?

NADA QUE SOU ME INTERESSA

Nada que sou me interessa.

Se existe em meu coração

Qualquer que tem pressa

Terá pressa em vão.

Nada que sou me pertence.

Se existo em que me conheço

Qualquer cousa que me vence

Depressa a esqueço.

Nada que sou eu serei.

Sonho, e só existe em meu ser,

Um sonho do que terei.

Só que o não hei de ter.

NADA SOU, NADA POSSO, NADA SIGO

Nada sou, nada posso, nada sigo.

Trago, por ilusão, meu ser comigo.

Não compreendo compreender, nem sei

Se hei de ser, sendo nada, o que serei.

Fora disto, que é nada, sob o azul

Do lato céu um vento vão do sul

Acorda-me e estremece no verdor.

Ter razão, ter vitória, ter amor

Murcharam na haste morta da ilusão.

Sonhar é nada e não saber é vão.

Dorme na sombra, incerto coração.

NA MARGEM VERDE DA ESTRADA

Na margem verde da estrada

Os malmequeres são meus.

Já trago a alma cansada -

Não é de si: é de Deus.

Se Deus me quisesse dá-la

Havia de achar maneira...

A estrada de cá da vala

Tem malmequeres à beira.

Se os quer, colho-os, e tenho

Cuidado com os partir.

Cada um que vejo e apanho

Dá um estalinho ao sair.

São malmequeres aos molhos,

Igualzinhos para ver.

E nem põe neles os olhos,

Dá a mão pra os receber.

Não é esmola que envergonhe,

Nem coisa dada sem mais,

É pra que a menina os ponha

Onde o peito faz sinais.

Tirei-os do campo ao lado

Para a menina os trazer...

E nem me mostra o agrado

De um olhar para me ver...

É assim a minha sina.

Tirei-os de onde iam bem,

Só para os dar à menina -

E agradeceu-me a ninguém.

NA NOITE QUE ME DESCONHECE

Na noite que me desconhece

O luar vago, transparece

Da lua ainda por haver.

Sonho. Não sei o que me esquece,

Nem sei o que prefiro ser.

Hora intermédia entre o que passa,

Que névoa incógnita esvoaça

Entre o que sinto e o que sou?

A brisa alheiamento abraça.

Durmo. Não sei quem é que estou.

Dói-me tudo por não ser nada.

Da grande noite. embainhada

Ninguém tira a conclusão.

Coração, queres?

Tudo enfada Antes só sintas, coração.

NÃO FIZ NADA, BEM SEI, NEM O FAREI

Não fiz nada, bem sei, nem o farei,

Mas de não fazer nada isto tirei,

Que fazer tudo e nada é tudo o mesmo,

Quem sou é o espectro do que não serei.

Vivemos ao encontros do abandono

Sem verdade, sem dúvida nem dono.

Boa é a vida, mas melhor é o vinho.

O amor é bom, mas é melhor o sono.

NÃO MEU, NÃO MEU É QUANTO ESCREVO

Não meu, não meu é quanto escrevo.

A quem o devo?

De quem sou o arauto nado?

Por que, enganado,

Julguei ser meu o que era meu?

Que outro mo deu?

Mas, seja como for, se a sorte

For eu ser morte

De uma outra vida que em mim vive,

Eu, o que estive

Em ilusão toda esta vida

Aparecida,

Sou grato Ao que do pó que sou

Me levantou.

(E me fez nuvem um momento

De pensamento.)

(Ao que de quem sou, erguido pó,

Símbolo só.)

NÃO, NÃO É NESSE LAGO ENTRE ROCHEDOS

Não, não. É nesse lago entre rochedos,

Nem nesse extenso e espúmeo beira-mar.

Nem na floresta ideal cheia de medos

Que me fito a mim mesmo e vou pensar.

É aqui, neste quarto de uma casa,

Aqui entre paredes sem paisagem,

Que vejo o romantismo, que foi asa

Do que ignorei de mim, seguir viagem.

É em nós que há os lagos todos e as florestas

Se vemos claro no que somos, é

Não porque as ondas quebrem as arestas

Verdes em branco[...]

NÃO QUERO IR ONDE NÃO HÁ A LUZ

Não quero ir onde não há a luz,

Do outro lado abóbada do solo,

Ínfera imensa cripta, não mais ver

As flores, nem o curso ao sol de rios,

Nem onde as estações que se sucedem

Mudam no campo o campo. Ali, no escuro,

Só sombras múrmuras, êxuis de tudo,

Salvo da saudade, eternas moram;

Região aos mesmo íncolas incógnita,

Dos naturais, se os tem, desconhecida.

Ali talvez só lírios cor de cinza

Surgirão pálidos da noite imota.

Ali talvez só pelo som as águas,

Como a cegos, serão, e o surdo curso,

No côncavo sossego lamentoso,

Se acaso à vista habituada aclare,

Será como um cinzento tédio externo.

Não quero o pátrio sol de toda a terra

Deixar atrás, descendo, passo a passo,

A escadaria cujos degraus são

Sucessivos aumentos de negrume,

Até ao extremo solo e noite inteira.

Para que vim a esta clara vida?

Para que vim, se um dia hei de cair

De haste dela? Para que no solo

Se abre o poço da ida? Por que não

Será sem fim[?...]

NÃO QUERO MAIS QUE UM SOM DE ÁGUA

Não quero mais que um som de água

Ao pé de um adormecer.

Trago sonho, trago mágoa,

Trago com que não querer.

Como nada amei nem fiz

Quero descansar de nada.

Amanhã serei feliz

Se para manhã há estrada.

Por enquanto, na estalagem

De não ter cura de mim,

Gozarei só pela aragem

As flores do outro jardim.

Por enquanto, por enquanto,

Por enquanto não sei quê...

Pobre alma, choras sem pranto,

E ouves como quem vê.

NÃO SEI SER TRISTE A VALER

Não sei ser triste a valer

Nem ser alegre deveras.

Acreditem: não sei ser.

Serão as almas sinceras

Assim também, sem saber?

Ah, ante a ficção da alma

E a mentira da emoção,

Com que prazer me dá calma

Ver uma flor sem razão

Florir sem ter coração!

Mas enfim não há diferença.

Se a flor flore sem querer,

Sem querer a gente pensa.

O que nela é florescer

Em nós é ter consciência.

Depois, a nós como a ela,

Quando o Fado a faz passar,

Surgem as patas dos deuses

E ambos nos vêm calcar.

Está bem, enquanto não vêm

Vamos florir ou pensar.

NÃO TENHO QUE SONHAR QUE POSSAM DAR-ME

Não tenho que sonhar que possam dar-me

Um dia, vero ou falso, as rosas vãs

Entre que em sonhos mortos fui achar-me

No alvorecer de incógnitas manhãs.

Não tenho que sonhar o que renego

Antes do sonho e o recusar a ter,

Sou no que sou como na vida é um cego

A quem causou horror o poder ver.

Isto, ou quase isto... Só do sonho morto

Me fica uma imprecisa hesitação -

Como se a nau [...]

NÃO TRAGAS FLORES, QUE EU SOFRO

Não tragas flores, que eu sofro...

Rosas, lírios, ou vida...

Tênue e insensível sopro.

O céu que não olvida!

Não tragas flores, nem digas...

Sempre há de haver cessar...

Deixa tudo acabar...

Crescem só urtigas.

NA PAZ DA NOITE, CHEIA DE TANTO DURAR

Na paz da noite, cheia de tanto durar,

Dos livros que li,

Que os li a sonhar, a mal meditar,

Nem vendo que os vi,

Ergo a cabeça [...] estonteada

Do lido e do vão

Do ler e vazio que há e quis na noite acabada -

Não no meu coração.

NÃO VENHAS SENTAR-TE À MINHA FRENTE, NEM A MEU LADO

Não venhas sentar-se à minha frente, nem a meu lado

Não venhas falar, nem sorrir.

Estou cansado de tudo, estou cansado,

Quero só dormir.

Dormir até acordado, sonhando

Ou até sem sonhar,

Mas envolto num vago abandono brando

A não ter que pensar.

Nunca soube querer, nunca soube sentir, até

Pensar não foi certo em mim.

Deitei fora entre urtigas o que era a minha fé,

Escrevi numa página em branco, "Fim".

As princesas incógnitas ficaram desconhecidas,

Os tronos prometidos não tiveram carpinteiro.

Acumulei em mim um milhão difuso de vidas,

Mas nunca encontrei parceiro.

Por isso, se vieres, não te sentes a meu lado, nem fales.

Só quero dormir, uma morte que seja

Uma coisa que me não rale nem com que tu te rales -

Que ninguém deseja nem não deseja.

Pus o meu Deus no prego. Embrulhei em papel pardo

As esperanças e ambições que tive,

E hoje sou apenas um suicídio tardo,

Um desejo de dormir que ainda vive.

Mas dormir a valer, sem dignificação nenhuma,

Como um barco abandonado,

Que naufraga sozinho entre as trevas e a bruma

Sem se lhe saber o passado.

E o comandante do navio que segue deveras

Entrevê na distância do mar

fim do último representante das galeras,

Que não sabia nadar.

NAS ENTRES SOMBRAS DE ARVOREDO

Nas entres sombras de arvoredo

Onde mosqueia a incerta luz

E a noite ocupa a medo

O incerto espaço em que transluz...

NATAL

O sino da minha aldeia,

Dolente na tarde calma,

Cada tua badalada

Soa dentro de minha alma.

E é tão lento o teu soar,

Tão como triste da vida,

Que já a primeira pancada

Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto

Quando passo, sempre errante,

És para mim como um sonho.

Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,

Vibrante no céu aberto,

Sinto mais longe o passado,

Sinto a saudade mais perto.

NÁUSEA. VONTADE DE NADA

Náusea. Vontade de nada.

Existir por não morrer.

Como as casas têm fachada,

Tenho este modo de ser.

Náusea. Vontade de nada.

Sento-me à beira da estrada,

Cansado já no caminho

Passo pra o lugar vizinho.

Mas náusea. Nada me pesa

Senão a vontade presa

Do que deixei de pensar

Como quem fica a olhar...

NA VÉSPERA DE NADA

Na véspera de nada

Ninguém me visitou.

Olhei atento a estrada

Durante todo o dia

Mas ninguém vinha ou via,

Ninguém aqui chegou.

Mas talvez não chegar

Queira dizer que há

Outra estrada que achar,

Certa estrada que está,

Como quando da festa

Se esquece quem lá está.

NESTA GRANDE OSCILAÇÃO

Nesta grande oscilação

Entre crer e mal descrer

Transtorna-se o coração

Cheio de nada saber;

E, alheado do que sabe

Por não saber o que é,

Só um instante lhe cabe,

Que é o reconhecer a fé -

A fé, que os astros conhecem

Porque é a aranha que está

Na teia, que todos tecem,

E é a vida que antes há.

NESTA VIDA, EM QUE SOU MEU SONO

Nesta vida, em que sou meu sono,

Não sou meu dono,

Quem sou é quem me ignoro e vive

Através desta névoa que sou eu

Todas as vidas que eu outrora tive,

Numa só vida.

Mar sou; baixo marulho ao alto rujo,

Mas minha cor vem do meu alto céu,

E só me encontro quando de mim fujo.

Quem quando eu era infante me guiava

Senão a vera alma que em mim estava?

Atada pelos braços corporais,

Não podia ser mais.

Mas, certo, um gesto, olhar ou esquecimento

Também, aos olhos de quem bem olhasse

A Presença Real sob disfarce

Da minha alma presente sem intento.

NO CÉU DA NOITE QUE COMEÇA

No céu da noite que começa

Nuvens de um vago negro brando

Numa ramagem pouco espessa

Vão no ocidente tresmalhando.

Aos sonhos que não sei me entrego

Sem nada procurar sentir

E estou em mim como em sossego,

Pra sono falta-me dormir.

Deixei atrás nas horas ralas

Caídas uma outra ilusão

Não volto atrás a procurá-las,

Já estão formigas onde estão.

NO FIM DA CHUVA E DO VENTO

No Fim da chuva e do vento

Voltou ao céu que voltou

A lua, e o luar cinzento

De novo, branco, azulou.

Pela imensa estilação

Do céu dobrado e profundo,

Os meus pensamentos vão

Buscando sentir o mundo.

Mas perdem-se como uma onda

E o sentimento não sonda

O que o pensamento vale

Que importa? Tantos pensaram

Como penso e pensarei.

NO MEU SONHO ESTIOLARAM

No meu sonho estiolaram

As maravilhas de ali,

No meu coração secaram

As lágrimas que sofri.

Mas os que amei não acharam

Quem eu era, se era em si,

E a sombra veio e notaram

Quem fui e nunca senti.

NOS JARDINS MUNICIPAIS

Nos jardins municipais

As flores também são flores.

Assim, na vida e no mais,

Que a vida é de estupores,

Podemos todos ser nossos

E fluir como quem somos.

Quando a casa é só destroços

É que a fruta é dó de gomos.

PARA ALÉM DOUTRO OCEANO DE C[OELHO] PACHECO

Num sentimento de febre de ser para além doutro oceano

Houve posições dum viver mais claro e mais límpido

E aparências duma cidade de seres

Não irreais mas lívidos de impossibilidade, consagrados em pureza e em nudez

Fui pórtico desta visão irrita e os sentimentos eram só o desejo de os ter

A noção das coisas fora de si, tinha-as cada um adentro

Todos viviam na vida dos restantes

E a maneira de sentir estava no modo de se viver

Mas a forma daqueles rostos tinha a placidez do orvalho

A nudez era um silêncio de formas sem modo de ser

E houve pasmos de toda a realidade ser só isto

Mas a vida era a vida e só era a vida

O meu pensamento muitas vezes trabalha silenciosamente

Com a mesma doçura duma máquina untada que se move sem fazer barulho

Sinto-me bem quando ela assim vai e ponho-me imóvel

Para não desmanchar o equilíbrio que me faz tê-lo desse modo

Pressinto que é nesses momentos que o meu pensamento é claro

Mas eu não o oiço e silencioso ele trabalha sempre de mansinho

Como uma máquina untada movida por uma correia

E não posso ouvir senão o deslizar sereno das peças que trabalham

Eu lembro-me às vezes de que todas as outras pessoas devem sentir isto como eu

Mas dizem que lhes dói a cabeça ou sentem tonturas

Esta lembrança veio-me como me podia vir outra qualquer

Como por exemplo a de que eles não sentem esse deslizar

E não pensam em que o não sentem

Neste salão antigo em que as panóplias de armas cinzentas

São a forma dum arcaboiço em que há sinais doutras eras

Passeio o meu olhar materializado e destaco de escondido nas armaduras,

Aquele segredo de alma que é a causa de eu viver

Se fito na panóplia o olhar mortificado em que há desejos de não ver

Toda a estrutura férrea desse arcaboiço que eu pressinto não sei por quê

Se apossa do meu senti-la como um clarão de lucidez

Há som no serem iguais dois elmos que me escutam

A sombra das lanças de ser nítida marca a indecisão das palavras

Dísticos de incerteza bailam incessantemente sobre mim

Oiço já as coroações de heróis que hão de celebrar-me

E sobre este vício de sentir encontro-me nos mesmos espasmos

Da mesma poeira cinzenta das armas em que há sinais doutras eras

Quando entro numa sala grande e nua à hora do crepúsculo

E que tudo é silêncio ela tem para mim a estrutura duma alma

É vaga e poeirenta e os meus passos têm ecos estranhos

Como os que ecoam na minha alma quando eu ando

Por suas janelas tristes, entra a luz adormecida de lá de fora

E projeta na parede escura em frente as sombras e as penumbras

Uma sala grande e vazia é uma alma silenciosa

E as correntes de ar que levantam pó são os pensamentos

Um rebanho de ovelhas, é uma coisa triste

Porque lhe não, devemos poder associar outras ideias que não sejam tristes

E porque assim é e só porque assim é porque é verdade

Que devemos associar ideias tristes a um rebanho de ovelhas

Por esta razão e só por esta razão é que as ovelhas são realmente tristes

Eu roubo por prazer quando me dão um objeto de valor

E eu dou em troca uns bocados de metal. Esta ideia não é comum nem banal

Porque eu encaro-a de modo diferente e não há relação entre um metal e outro objeto

Se eu fosse comprar latão e desse alcachofras prendiam-me

Eu gostava de ouvir qualquer pessoa expor e explicar

O modo como se pode deixar de pensar em que se pensa que se faz uma coisa

E assim perderia o receio que tenho de que um dia venha a saber

Que o pensar eu em coisas e no pensar não passa duma coisa material e perfeita

A posição dum corpo não é indiferente para o seu equilíbrio

E a esfera não é um corpo porque não tem forma

Se é assim e se todos ouvimos um som em qualquer posição

Infiro que ele não deve ser um corpo

Mas os que sabem por intuição que o som não é um corpo

Não seguiram o meu raciocínio e essa noção assim não lhes serve para nada

Quando me lembro que há pessoas que jogam as palavras para fazerem espírito

E se riem por isso e contam casos particulares da vida de cada um

Para assim se desenfastiarem e que acham graça aos palhaços de circo

E se incomodam por lhes cair uma nódoa de azeite no fato novo

Sinto-me feliz por haver tanta coisa que eu não compreendo

Na arte de cada operário vejo toda uma geração a esbater-se

E por isso eu não compreendo arte nenhuma e vejo essa geração

O operário não vê na sua arte nada duma geração

E por isso ele é operário e conhece a sua arte

O meu físico é muitas vezes causa de eu me amargurar

Eu sei que sou uma coisa a porque não sou diferente de uma coisa qualquer

Sei que as outras coisas serão como eu e têm de pensar que eu sou uma coisa comum

Se portanto assim é eu não penso mas julgo que penso

E esta maneira de me eu acondicionar é boa e alivia-me

Eu amo as alamedas de árvores sombrias e curvas

E ao caminhar em alamedas extensas que o meu olhar afeiçoa

Alamedas que o meu olhar afeiçoa sem que eu saiba como

Elas são portas que se abrem no meu ser incoerente

E são sempre alamedas que eu sinto quando o pasmo de ser assim me distingue

Muitas vezes oculto-me sensações e gostos

E então elas variam e estão em acordo com as dos outros

Mas eu não as sinto e também não sei que me engano

Sentir a poesia é a maneira figurada de se viver

Eu não sinto a poesia não porque não saiba o que ela é

Mas porque não posso viver figuradamente

E se o conseguisse tinha de seguir outro modo de me acondicionar

A condição da poesia é ignorar como se pode senti-la

Há coisas belas que são belas em si

Mas a beleza íntima dos sentimentos espelha-se nas coisas

E se elas são belas nós não as sentimos

Na sequência dos passos não posso ver mais que a sequência dos passos

E eles seguem-se como se eu os visse seguirem-se realmente

Do fato deles serem tão iguais a si mesmo

E de não haver uma sequência de passos que o não seja

É que eu vejo a necessidade de nos não iludirmos sobre o sentido claro das coisas

Assim havíamos de julgar que um corpo inanimado sente e vê diferentemente de nós

E esta noção pode ser admissível demais seria incômoda e fútil

Se quando pensamos podemos deixar de fazer movimento e de falar

Para que é preciso supor que as coisas não pensam

Se esta maneira de as ver é incoerente e fácil para o espírito?

Devemos supor e este é o verdadeiro caminho

Que nós pensamos pelo fato de o podermos fazer sem nos mexermos nem falar

Como fazem as coisas inanimadas

Quando me sinto isolado a necessidade de ser uma pessoa qualquer surge

E redemoinha em volta de mim em espirais oscilantes

Esta maneira de dizer não é figurada

E eu sei que ela redemoinha em volta de mim como uma borboleta em volta de uma luz

Vejo-lhe sintomas de cansaço e horrorizo-me quando julgo que ela vai cair

Mas de nunca suceder isso acontece eu estar às vezes isolado

Há pessoas a quem o arranhar das paredes impressiona

E outras que se não impressionam

Mas o arranhar das paredes é sempre igual

E a diferença vem das pessoas. Mas se há diferença entre este sentir

Haverá diferença pessoal no sentir das outras coisas

E quando todos, pensem igual duma coisa é porque ela é diferente para cada um

A memória é a faculdade de saber que havemos de viver

Portanto os amnésicos não podem saber que vivem

Mas eles são como eu infelizes e eu sei que estou vivendo e hei de viver

Um objeto que se atinge um susto que se tem

São tudo maneiras de se viver para os outros

Eu desejaria viver ou ser adentro de mim como vivem ou são os espaços

Depois de comer quantas pessoas se sentam em cadeiras de balanço

Ajeitam-se nas almofadas fecham os olhos e deixam-se viver

Não há luta entre o viver e a vontade de não viver

Ou então - e isto é horroroso para mim - se há realmente essa luta

Com um tiro de pistola matam-se tendo primeiro, escrito cartas

Deixar-se viver é absurdo como um falar em segredo

Os artistas de circo são superiores a mim

Porque sabem fazer pinos e saltos mortais a cavalo

E dão os saltos só por os dar

E se eu desse um salto havia de querer saber por que o dava

E não os dando entristecia-me

Eles não são capazes de dizer como é que os dão

Mas saltam como só eles sabem saltar

E nunca perguntaram a si mesmos se realmente saltam

Porque eu quando vejo alguma coisa

Não sei se ela se dá ou não nem posso sabê-lo

Só sei que para mim é como se ela acontecesse porque a vejo

Mas não posso saber se vejo coisas que não aconteçam

E se as visse também podia supor que elas sucediam

Uma ave é sempre bela porque é uma ave

E as aves são sempre belas

Mas uma ave sem penas é repugnante como um sapo

E um montão de penas não é belo

Deste fato tão nu em si não sei induzir nada

E sinto que deve haver nele alguma grande verdade

O que eu penso duma vez nunca pode ser igual ao que eu penso doutra vez

E deste modo eu vivo para que os outros saibam que vivem

Às vezes ao pé dum muro vejo um pedreiro a trabalhar

E a sua maneira de existir e de poder ser visto é sempre diferente do que julgo

Ele trabalha e há um incitamento dirigido que move os seus braços

Como é que acontece estar ele trabalhando por uma vontade que tem disso

E eu não esteja trabalhando nem tenha vontade disso

E não possa ter compreensão dessa possibilidade?

Ele não sabe nada destas verdades mas não é mais feliz do que eu com certeza

Em áleas doutros parques pisando as folhas secas

Sonho às vezes que sou para mim e que tenho de viver

Mas nunca passa este ver-me de ilusão

Porque me vejo afinal nas áleas desse parque

Pisando as folhas secas que me escutam

Se pudesse ao menos ouvir estalar as folhas secas

Sem ser eu que as pisasse ou sem que elas me vissem

Mas as folhas secas redemoinham e eu tenho de as pisar

Se ao menos nesta travessia eu tivesse um outro como toda a gente

Uma obra-prima não passa de ser uma obra qualquer

E portanto uma obra qualquer é uma obra-prima

Se este raciocínio é falso não é falsa a vontade

Que eu tenho de que ele seja de fato verdadeiro

E para os usos do meu pensar isso me basta

Que importa que uma ideia seja obscura se ela é uma ideia

E uma ideia não pode ser menos bela do que outra

Porque não pode haver diferença entre duas ideias

E isto é assim porque eu vejo que isto tem de ser assim

Um cérebro a sonhar é o mesmo que pensa

E os sonhos não podem ser incoerentes porque não passam de pensamentos

Como outros quaisquer. Se vejo alguém olhando-me

Começo sem querer a pensar como toda a gente

E é tão doloroso isso como se me marcassem a alma a ferro em brasa

Mas como posso eu saber se é doloroso marcar a alma a ferro em brasa

Se um ferro em brasa é uma ideia que eu não compreendo

O descaminho que levaram as minhas virtudes comove-me

Compunge-me sentir que posso notar se quiser a falta delas

Eu gostava de ter as minhas virtudes gostosas que me preenchessem

Mas só para poder gozar e possuí-las e serem minhas essas virtudes

Há pessoas que dizem sentir o coração despedaçado

Mas não entrevistam sequer o que seria de bom

Sentir despedaçarem-nos o coração

Isso é uma coisa que se não sente nunca

Mas não é essa a razão por que seria uma felicidade sentir o coração despedaçado

Num salão nobre de penumbra em que há azulejos

Em que há azulejos azuis colorindo as paredes

E de que o chão é escuro e pintado e com passadeiras de juta

Dou entrada às vezes coerente por demais

Sou naquele salão como qualquer pessoa

Mas o sobrado é côncavo e as portas não acertam

A tristeza das bandeiras crucificadas nos entrevãos das portas

É uma tristeza feita de silêncio desnivelada

Pelas janelas reticuladas entre a luz quando é dia,

Que entorpece os vidros das bandeiras e recolhe a recantos montões de negrume

Correm às vezes frios ventosos pelos extensos corredores

Mas há cheiro a vernizes velhos e estalados nos recantos dos salões

E tudo é dolorido neste solar de velharias

Alegra-me às vezes passageiramente pensar que hei de morrer

E serei encerrado num caixão de pau cheirando a resina

O meu corpo há de derreter-se para líquidos espantosos

As feições desfar-se-ão em vários podres coloridos

E irá aparecendo a caveira ridícula por baixo

Muito suja e muito cansada a pestanejar

NUNCA SUPUS QUE ISTO QUE CHAMAM MORTE

Nunca supus que isto que chamam morte

Tivesse qualquer espécie de sentido...

Cada um de nós, aqui aparecido,

Onde manda a lei certa e falsa sorte,

Tem só uma demora de passagem

Entre um comboio e outro , entroncamento

Chamado o mundo, ou a vida, ou o momento;

Mas, seja como for, segue a viagem.

Passei, embora num comboio expresso

Seguisses, e adiante do em que vou;

No términus de tudo, ao fim lá estou

Nessa ida que afinal é um regresso.

Porque na enorme gare onde Deus manda

Grandes acolhimentos se darão

Para cada prolixo coração

Que com seu próprio ser vive em demanda.

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.

Há almas pares, as que conheceram

Onde os seres são almas.

Como éramos só um, falando! Nós

Éramos como um diálogo numa alma.

Não sei se dormes [...] calma,

Sei que, falho de ti, estou um a sós.

É como se esperasse eternamente

A tua vinda certa e combinada

Aí embaixo, no Café Arcada -

Quase no extremo deste continente.

Aí onde escreveste aqueles versos

Do trapézio, doriu-nos [...]

Aquilo tudo que dizes no Orpheu.

Ah, meu maior amigo, nunca mais

Na paisagem sepulta desta vida

Encontrarei uma alma tão querida

Às coisas que em meu ser são as reais.

[...]

Não mais, não mais, e desde que saíste

Desta prisão fechada que é o mundo,

Meu coração é inerte e infecundo

E o que sou é um sonho que está triste.

Porque há em nós, por mais que consigamos

Ser nós mesmos a sós sem nostalgia,

Um desejo de termos companhia -

O amigo como esse que a falar amamos.

NUVENS SOBRE A FLORESTA...

Nuvens sobre a floresta...

Sombra com sombra a mais...

Minha tristeza é esta -

A das coisas reais.

A outra, a que pertence

Aos sonhos que perdi,

Nesta hora não me vence,

Se a há, não a há aqui.

Mas esta, a do arvoredo

Que o céu sem luz invade,

Faz-me receio e medo...

Quem foi minha saudade?

O AMOR É QUE É ESSENCIAL

O AMOR é que é essencial.

O sexo é só um acidente.

Pode ser igual

Ou diferente.

O homem não é um animal:

É uma carne inteligente,

Embora às vezes doente.

O AMOR

O amor, quando se revela,

Não se sabe revelar.

Sabe bem olhar para ela,

Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente

Não sabe o que há de *dizer.

Fala: parece que mente

Cala: parece esquecer

Ah, mas se ela adivinhasse,

Se pudesse ouvir o olhar,

E se um olhar lhe bastasse

Para saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;

Quem quer dizer quanto sente

Fica sem alma nem fala,

Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe

O que não lhe ouso contar,

Já não terei que falar-lhe

Porque lhe estou a falar...

O CÉU DE TODOS OS INVERNOS

O céu de todos os invernos

Cobre em meu ser todo o verão...

Vai paras profundas dos infernos

E deixa em paz meu coração!

Por ti meu pensamento é triste,

Meu sentimento anda estrangeiro;

A tua ideia em mim insiste

Como uma falta de dinheiro.

Não posso dominar meu sonho.

Não te posso obrigar a amar.

Que hei de fazer? Fico tristonho.

Mas a tristeza há de acabar.

Bem sei, bem sei...

A dor de corno

Mas não fui eu que lho chamei.

Amar-te causa-me transtorno,

Lá que transtorno é que não sei...

Ridículo? É claro. E todos?

Mas a consciência de o ser,

fi-la bastante clara deitando-a a rodos

Em cinco quadras de oito sílabas.

O CONTRA SÍMBOLO

Uma só luz sombreia o cais.

Há um som de barco que vai indo.

Horror! Não nos vemos mais!

A maresia vem subindo.

E o cheiro prateado a mar morto

Cerra a atmosfera de pensar

Até tomar-se este como porto

E este cais a bruxulear

Um apeadeiro universal

Onde cada um espera isolado

Ao ruído - mar ou pinheiral? -

O expresso inútil atrasado.

E no desdobre da memória

O viajante indefinido

Ouve contar-se só a história

Do cais morto do barco ido.

Ó CURVA DO HORIZONTE, QUEM TE PASSA

Ó curva do horizonte, quem te passa,

Passa da vista,

não de ser ou estar.

Não chameis à alma, que da vida esvoaça,

Morta. Dizei: Sumiu-se além no mar.

Ó mar, sê símbolo da vida toda -

Incerto, o mesmo e mais que o nosso ver!

Finda a viagem da morte e a terra à roda,

Voltou a alma e a nau a aparecer.

Ó ERVAS FRESCAS QUE COBRIS

Ó ervas frescas que cobris

As sepulturas,

Vosso verde tem cores vis

A meus olhos, já servis

De conjeturas.

Sabemos bem de quem viveis

Ervas do chão,

Que sossego é esse que fazeis

Verde na forma que trazeis

Sem compaixão.

Ó verdes ervas, como o azul medo

Do céu sem Ser,

Cunhado como entre segredo

Da vida viva, e outro degredo

Do infinito haver.

Tenho um terror como todo eu

Do verde chão...

Ó sol, não baixes já no céu,

Quero um momento ainda meu

Como um perdão.

O GRANDE SOL NA EIRA

O grande sol na eira

Talvez seja o remédio...

Não quero quem me queria,

Amarem-me faz tédio.

Baste-me o beijo intacto

Que a luz dá a luzir

E o amor alheio e abstrato

De campos a florir.

O resto é gente e alma:

Complica, fala, vê.

Tira-me o sonho e a calma

E nunca é o que é.

OIÇO, COMO SE O CHEIRO

Oiço, como se o cheiro

De flores me acordasse...

É música - um canteiro

De influência e disfarce.

Impalpável lembrança,

Sorriso de ninguém,

Com aquela esperança

Que nem esperança tem...

Que importa, se sentir

É não se conhecer?

Oiço, e sinto sorrir

O que em mim nada quer.

OIÇO PASSAR O VENTO NA NOITE

Oiço passar o vento na noite

Sente-se no ar, alto, o açoute

De não sei quem em não sei quê.

Tudo se ouve, nada se vê.

Ah, tudo é igualdade e analogia.

O vento que passa, esta noite fria.

São outra coisa que a noite e o vento -

Sonhos de Ser e de Pensamento.

Tudo no narra o que nos não diz.

Não sei que drama a pensar desfiz

Que a noite e o vento passados são.

Ouvi. Pensando-o, ouvi-o em vão.

Tudo é uníssono e semelhante.

O vento cessa e, noite adiante,

Começa o dia e ignorado existo.

Mas o que foi não é nada isto.

OLHA-ME RINDO UMA CRIANÇA

Olha-me rindo uma criança

E na minha alma madrugou.

Tenho razão, tenho esperança

Tenho o que nunca bastou.

Bem sei. Tudo isto é um sorriso

Que e nem sequer sorriso meu.

Mas para meu não o preciso

Basta-me ser de quem mo deu.

Breve momento em que um olhar

Sorriu ao certo para mim...

És a memória de um lugar,

Onde já fui feliz assim.

O MAU AROMA ÁLACRE

O mau aroma álacre

Da maresia

Sobe no esplendor acre

Do dia.

Falsa, a ribeira é lodo

Ainda a aguar.

Olho, e o que sou está todo

A não olhar.

E um mal de mim a deixa.

Tenho lodo em mim -

Ribeira que se queixa

De o rio ser assim.

O MEU CORAÇÃO QUEBROU-SE

O meu coração quebrou-se

Como um bocado de vidro

Quis viver e enganou-se...

Ó NAUS FELIZES, QUE DO MAR VAGO

Ó naus felizes, que do mar vago

Volveis enfim ao silêncio do porto

Depois de tanto noturno mal -

Meu coração é um morto lago,

E à margem triste do lago morto

Sonha um castelo medieval...

E nesse, onde sonha, castelo triste,

Nem sabe saber a, de mãos formosas

Sem gosto ou cor, triste castelã

Que um porto além rumoroso existe,

Donde as naus negras e silenciosas

Se partem quando é no mar amanhã...

Nem sequer sabe que há o, onde sonha,

Castelo triste... O seu espírito monge

Para nada externo é perto e real...

E enquanto ela assim se esquece, tristonha,

Regressam, velas no mar ao longe,

As naus ao porto medieval...

ONDA QUE, ENROLADA

Onda que, enrolada, tornas,

Pequena, ao mar que te trouxe

E ao recuar te transtornas

Como se o mar nada fosse,

Porque é que levas contigo

Só a tua cessação,

E, ao voltar ao mar antigo,

Não levas meu coração?

Há tanto tempo que o tenho

Que me pesa de o sentir.

Leva-o no som sem tamanho

Com que te oiço fugir!

ONDE, EM JARDINS EXAUSTOS

Onde, em jardins exaustos

Nada já tenha fim,

Forma teus fúteis faustos

De tédio e de cetim.

Meus sonhos são exaustos,

Dorme comigo e em mim.

ONDE PUS A ESPERANÇA

Onde pus a esperança, as rosas

Murcharam logo.

Na casa, onde fui habitar,

O jardim, que eu amei por ser

Ali o melhor lugar,

E por quem essa casa amei -

Decerto o achei,

E, quando o tive, sem razão para o ter

Onde pus a feição, secou

A fonte logo.

Da floresta, que fui buscar

Por essa fonte ali tecer

O seu canto de rezar -

Quando na sombra penetrei,

Só o lugar achei

Da fonte seca, inútil de se ter.

Para quê, pois, afeição, esperança,

Se tê-las sabe a não as ter?

Que as uso, a causa para as usar,

Se tê-las sabe a não as ter?

Crer ou amar -

Até à raiz, do peito onde alberguei

Tais sonhos e os gozei,

O vento arranque e leve onde quiser

E eu os não possa achar!

ONDE QUER QUE O ARADO O SEU TRAÇO CONSIGA

Onde quer que o arado o seu traço consiga

E onde a fonte, correndo, com a sua água siga

O caminho que, justo, as calhas lhe darão,

Aí, porque há a paz, está meu coração.

Bem sei que o som do mar vem de além dos outeiros

E que do seu bom som os ímpetos primeiros

Turvam de ser diverso o natural da hora,

Quando o campo a não ouve e a solidão a ignora.

Mas qualquer cousa falsa desce e se insinua

Nos anos que são vestígios sob a Lua.

O PESO DE HAVER O MUNDO

Passa no sopro da aragem

Que um momento o levantou

Um vago anseio de viagem

Que o coração me toldou.

Será que em seu movimento

A brisa lembre a partida,

Ou que a largueza do vento

Lembre o ar livre da ida?

Não sei, mas subitamente

Sinto a tristeza de estar

O sonho triste que há rente

Entre sonhar e sonhar.

O PONTEIRO DOS SEGUNDOS

O ponteiro dos segundos

É o exterior de um coração.

Conta a minutos os mundos,

Que os mundos são sensação.

Vejo, como quem não vê

O seu curso em círculo dar

Um sentido aqui ao pé

Do universo todo no ar.

O QUE É VIDA E O QUE É MORTE

O que é vida e o que é morte

Ninguém sabe ou saberá

Aqui onde a vida e a sorte

Movem as cousas que há.

Mas, seja o que for o enigma

De haver qualquer cousa aqui,

Terá de mim próprio o estigma

Da sombra em que eu o vivi.

O QUE EU FUI O QUE É?

O que eu fui o que é?

Relembro vagamente

O vago não sei quê

Que passei e se sente.

Se o tempo é longe ou perto

Em que isso se passou,

Não sei dizer ao certo.

Que nem sei o que sou.

Sei só que me hoje agrada

Rever essa visão

Sei que não vejo nada

Senão o coração.

O QUE O SEU JEITO REVELA

O que o seu jeito revela

Sabe à vista como um gomo,

E a vida tem fome dela

Nos dentes do seu assomo.

E nele mesmo, vibrante

A esse corpo de amor,

Espreita, próximo e distante,

O seu tigre interior.

O RIO QUE PASSA DURA

O rio que passa dura

Nas ondas que há em passar,

E cada onda figura

O instante de um lugar.

Pode ser que o rio siga,

Mas a onda que passou

É outra quando prossiga.

Não continua: durou.

Qual é o ser que subsiste

Sob estas formas de 'star,

A onde que não existe.

O rio que é só passar?

Não sei, e o meu pensamento

Também não sabe se é,

Como a onda o meu momento

Como o rio

O RUÍDO VÁRIO DA RUA

O ruído vário da rua

Passa alto por mim que sigo.

Vejo: cada coisa é sua.

Oiço: cada som é consigo.

Sou como a praia a que invade

Um mar que torna a descer.

Ah, nisto tudo a verdade

É só eu ter que morrer.

Depois de eu cessar, o ruído.

Não, não ajusto nada

Ao meu conceito perdido

Como uma flor na estrada.

OSCILA O INCENSÓRIO ANTIGO

Oscila o incensório antigo

Em fendas e ouro ornamental.

Sem atenção, absorto sigo

Os passos lentos do ritual.

Mas são os braços invisíveis

E são os cantos que não são

E os incensórios de outros níveis

Que vê e ouve o coração.

Ah, sempre que o ritual acerta

Os seus passos e seus ritmos bem,

O ritual que não há desperta

E a alma é o que é, não o que tem.

Oscila o incensório visto,

Ouvidos cantos estão no ar,

Mas o ritual a que eu assisto

É um ritual de relembrar.

No grande Templo ante-natal,

Antes de vida e alma e Deus...

E o xadrez do chão ritual

É o que é hoje a terra e os céus...

OS DEUSES, NÃO OS REIS, SÃO OS TIRANOS

Os deuses, não os reis, são os tiranos.

É a lei do Fado, a única que oprime.

Pobre criança de maduros anos.

Que pensas que há revolta que redime!

Enquanto pese, e sempre pesará,

Sobre o homem a serva condição

De súdito no Fado.

O SOL ÀS CASAS, COMO A MONTES

O sol às casas, como a montes,

Vagamente doura.

Na cidade sem horizontes

Uma tristeza loura.

Com a sombra da tarde desce

E um pouco dói

Porque quanto é tarde

Tudo quanto foi.

Nesta hora mais que em outra choro

O que perdi.

Em cinza e ouro o rememoro

E nunca o vi.

Felicidade por nascer,

Mágoa a acabar,

Ânsia de só aquilo ser

Que há de ficar -

Sussurro sem que se ouça, palma

Da isenção.

Ó tarde, fica noite, e alma

Tenha perdão.

O SOL DOIRAVA-TE A CABEÇA LOURA

O sol doirava-te a cabeça loura

És morta. Eu vivo. Ainda há mundo e aurora.

O SOL QUE DOURA AS NEVES AFASTADAS

O sol que doura as neves afastadas

No inútil cume de altos montes quedos

Faz no vale luzir rios e estradas

E torna as verdes árvores brinquedos...

Tudo é pequeno, salvo o cume frio,

De onde quem pensa que do alto não vê

Vê tudo mínimo, num desvario

De quem da altura olhe quanto é.

O SOL QUEIMA O QUE TOCA

O sol queima o que toca.

O verde à luz desenverdece.

Seca-me a sensação da boca.

Nas minhas papilas esquece.

O SOM DO RELÓGIO

O som do relógio

Tem a alma por fora,

Só ele é a noite

E a noite se ignora.

Não sei que distância

Vai de som a som

Pegando, no tique,

Do taque do tom.

Mas oiço de noite

A sua presença

Sem ter onde acoite

Meu ser sem ser.

Parece dizer

Sempre a mesma coisa

Como o que se senta

E se não repousa.

OUÇO SEM VER, E ASSIM, ENTRE O ARVOREDO

Ouço sem ver, e assim, entre o arvoredo,

Vejo ninfas e faunos entremear

As árvores que fazem sombra ou medo

E os ramos que sussurram de eu olhar.

Mas que foi que passou? Ninguém o sabe.

Desperto, e ouço bater o coração -

Aquele coração em que não cabe

O que fica da perda da ilusão.

Eu quem sou, que não sou meu coração?

O VENTO SOPRA LÁ FORA

O vento sopra lá fora.

Faz-me mais sozinho, e agora

Porque não choro, ele chora.

É um som abstrato e fundo.

Vem do fim vago do mundo.

O seu sentido é ser profundo.

Diz-me que nada há em tudo.

Que a virtude não é escudo

E que o melhor é ser mudo.

O VENTO TEM VARIEDADE

O vento tem variedade

Nas formas de parecer.

Se vens dizer-me a verdade,

Porque é que ma vens dizer?

Verdades, quem é que as quer?

Se a vida é o que é,

Então está bem o que está.

Para que ir pé ante pé

Até onde e até já

E até onde nada há?

Enrola o cordão à roda

Do teu dedo sem razão.

Tudo é uma espécie de moda

E acaba na ocasião.

Quem te deu esse cordão?

PAIRA NO AMBÍGUO DESTINAR-SE

Paira no ambíguo destinar-se

Entre longínquos precipícios,

A ânsia de dar-se preste a dar-se

Na sombra vaga entre suplícios,

Roda dolente do parar-se

Para, velados sacrifícios,

Não ter terraços sobre errar-se

Nem ilusões com interstícios,

Tudo velado, e o ócio a ter-se

De leque em leque, a aragem fina

Com consciência de perder-se...

Tamanha a flama e pequenina

Pensar na mágoa japonesa

Que ilude as sirtes da Certeza.

PAISAGENS, QUERO-AS COMIGO

Paisagens, quero-as comigo.

Paisagens, quadros que são...

Ondular louro do trigo,

Faróis de sóis que sigo,

Céu mau, juncos, solidão...

Umas pela mão de Deus,

Outras pelas mãos das fadas,

Outras por acasos meus,

Outras por lembranças dadas...

Paisagens... Recordações,

Porque até o que se vê

Com primeiras impressões

Algures foi o que é,

No ciclo das sensações.

Paisagens... Enfim, o teor

Da que está aqui é a rua

Onde ao sol bom do torpor

Que na alma se me insinua

Não vejo nada melhor

PÁLIDA, A LUA PERMANECE

Pálida, a Lua permanece

No céu que o Sol vai invadir.

Ah, nada interessante esquece.

Saber, pensar - tudo é existir.

Mas pudesse o meu coração

Saber à tona do que eu sou

Que existe sempre a sensação

Ainda quando ela acabou...

PÁLIDA SOMBRA ESVOAÇA

Pálida sombra esvoaça

Como só fingindo ser

Por entre o vento que passa

E altas nuvens a correr.

Mal se sabe se existiu,

Se foi erro tê-la visto,

Sombra de sombra fluiu

Entre tudo de onde disto.

Nem me resta uma memória.

É como se alguém confuso

Se não lembrasse da história.

PARECE ÀS VEZES QUE DESPERTO

Parece às vezes que desperto

E me pergunto o que vivi;

Fui claro, fui real, é certo,

Mas como é que cheguei aqui?

A bebedeira às vezes dá

Uma assombrosa lucidez

Em que como outro a gente está.

Estive ébrio sem beber talvez.

E de aí, se pensar, o mundo

Não será feito só de gente

No fundo cheia de este fundo

De existir clara e ebriamente?

Entendo, como um carrocel;

Giro em meu torno sem me achar...

(Vou escrever isto num papel

Para ninguém me acreditar...)

PARECE ESTAR CALOR, MAS NASCE

Parece estar calor, mas nasce

Subitamente

Contra a minha face

Uma brisa fresca que se sente.

Assim também - poder comparar

É que é poesia -

A alma sente-se a esperar,

Mas não conhece em que confia.

PARECE QUE ESTOU SOSSEGANDO

Parece que estou sossegando

Estarei talvez para morrer.

Há um cansaço novo e brando

De tudo quanto quis querer.

Há uma surpresa de me achar

Tão conformado com sentir.

Súbito vejo um rio

Entre arvoredo a luzir.

E são uma presença certa

O rio, as árvores e a luz.

PASSA UMA NUVEM PELO SOL

Passa uma nuvem pelo sol

Passa uma pena por quem vê.

A alma é como um girassol:

Vira-se ao que não está ao pé.

Passou a nuvem; o sol volta.

A alegria girassolou.

Pendão latente de revolta,

Que hora maligna te enrolou?

PASSAVA EU NA ESTRADA PENSANDO IMPRECISO

Passava eu na estrada pensando impreciso,
Triste à minha moda.
Cruzou um garoto, olhou-me, e um sorriso
Agradou-lhe a cara toda.

Bem sei, bem sei, sorrirá assim
A um outro qualquer.
Mas então sorriu assim para mim...
Que mais posso eu querer?

Não sou nesta vida nem eu nem ninguém,
Vou sem ser nem prazo...
Que ao menos na estrada me sorria alguém

Ainda que por acaso.

PELA RUA JÁ SERENA

Pela rua já serena

Vai a noite

Não sei de que tenho pena,

Nem se é pena isto que tenho...

Pobres dos que vão sentindo

Sem saber do coração!

Ao longe, cantando e rindo,

Um grupo vai sem razão...

E a noite e aquela alegria

E o que medito a sonhar

Formam uma alma vazia

Que paira na orla do ar...

PASSAVA EU NA ESTRADA PENSANDO IMPRECISO

Pelo plaino sem caminho

O cavaleiro vem.

Caminha quieto e de mansinho,

Com medo de Ninguém.

PIERROT BÊBADO

Nas ruas da feira,

Da feira deserta,

Só a lua cheia

Branqueia e clareia

As ruas da feira

Na noite entreaberta.

Só a lua alva

Branqueia e clareia

A paisagem calva

De abandono e alva

Alegria alheia.

Bêbada branqueia

Como pela areia

Nas ruas da feira,

Da feira deserta,

Na noite já cheia

De sombra entreaberta.

A lua branqueia

Nas ruas da feira

Deserta e incerta...

POEMA

O céu, azul de luz quieta,

As ondas brandas a quebrar,

Na praia lúcida e completa -

Pontos de dedos a brincar.

No piano anónimo da praia

Tocam nenhuma melodia

De cujo ritmo por fim saia

Todo o sentido deste dia.

Que bom, se isto satisfizesse!

Que certo, se eu pudesse crer

Que esse mar e essas ondas e esse

Céu têm vida e têm ser.

POIS CAI UM GRANDE E CALMO EFEITO

Pois cai um grande e calmo efeito

De nada ter razão de ser

Do céu, nulo como um direito,

Na terra vil como um dever.

PORQUE ABREM AS COISAS ALAS PARA EU PASSAR?

Porque abrem as coisas alas para eu passar?

Tenho medo de passar entre elas, tão paradas conscientes.

Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem a Máscara.

Mas há sempre coisas atrás de mim.

Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.

Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.

Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.

Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.

Luze a sorrir com visíveis lábios invisíveis

A porta abrindo-se conscientemente

Sem que a mão seja mais que o caminho para abrir-se.

De onde é que estão olhando para mim?

Que coisas incapazes de olhar estão olhando para mim?

Quem espreita de tudo?

As arestas fitam-me.

Sorriem realmente as paredes lisas.

Sensação de ser só a minha espinha.

As espadas.

PORQUE É QUE UM SONO AGITA

Porque é que um sono agita

Em vez de repousar

O que em minha alma habita

E a faz não descansar?

Que externa sonolência,

Que absurda confusão,

Me oprime sem violência

Me faz ver sem visão?

Entre o que vivo e a vida,

Entre quem estou e sou,

Durmo numa descida,

Descida em que não vou.

E, num infiel regresso

Ao que já era bruma,

Sonolento me apresso

Para coisa nenhuma.

PORQUE ESQUECI QUEM FUI QUANDO CRIANÇA?

Porque esqueci quem fui quando criança?

Porque deslembra quem então era eu?

Porque não há nenhuma semelhança

Entre quem sou e fui?

A criança que fui vive ou morreu?

Sou outro? Veio um outro em mim viver?

A vida, que em mim flui, em que é que flui?

Houve em mim várias almas sucessivas

Ou sou um só inconsciente ser?

PORQUE, Ó SAGRADO, SOBRE A MINHA VIDA

Porque, ó Sagrado, sobre a minha vida

Derramaste o teu verbo?

Porque há de a minha partida

A coroa de espinhos da verdade [?]

Antes eu era sábio sem cuidados,

Ouvia, à tarde finda, entrar o gado

E o campo era solene e primitivo.

Hoje que da verdade sou o escravo

Só no meu ser tenho[,] de a ter[,] o travo,

Estou exilado aqui e morto vivo.

Maldito o dia em que pedi a ciência!

Mais maldito o que a deu porque me a deste!

Que é feito dessa minha inconsciência

Que a consciência, como um traje, veste?

Hoje sei quase tudo e fiquei triste...

Porque me deste o que pedi, ó Santo?

Sei a verdade, enfim, do Ser que existe.

Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!

POR TRÁS DAQUELA JANELA

Por trás daquela janela

Cuja cortina não muda

Coloco a visão daquela

Que a alma em si mesma estuda

No desejo que a revela.

Não tenho falta de amor.

Quem me queira não me falta.

Mas teria outro sabor

Se isso fosse interior

Àquela janela alta.

Porquê? Se eu soubesse, tinha

Tudo o que desejo ter.

Amei outrora a Rainha,

E há sempre na alma minha

Um trono por preencher.

Sempre que posso sonhar,

Sempre que não vejo, ponho

O trono nesse lugar;

Além da cortina é o lar,

Além da janela o sonho.

Assim, passando, entreteço

O artifício do caminho

E um pouco de mim me esqueço

Pois mais nada à vida peço

Do que ser o seu vizinho.

POUSA UM MOMENTO

Pousa um momento,

Um só momento em mim,

Não só o olhar, também o pensamento.

Que a vida tenha fim

Nesse momento!

No olhar a alma também

Olhando-me, e eu a ver

Tudo quanto de ti teu olhar tem.

A ver até esquecer

Que tu és tu também.

Só tua alma sem tu

Só o teu pensamento

E eu onde, alma sem eu. Tudo o que sou

Ficou com o momento

E o momento parou.

PUDESSE EU COMO O LUAR

Pudesse eu como o luar

Sem consciência encher

A noite e as almas e inundar

A vida de não pertencer!

QUALQUER CAMINHO LEVA A TODA A PARTE

Qualquer caminho leva a toda a parte

Qualquer caminho

Em qualquer ponto seu em dois se parte

E um leva a onde indica a estrada

Outro é sozinho.

Uma leva ao fim da mera estrada. Pára

Onde acabou.

Outra é a abstrata margem

......

No inútil desfilar de sensações

Chamado a vida.

No cambalear coerente de visões

Do [...]

Ah! os caminhos estão todos em mim.

Qualquer distância ou direção, ou fim

Pertence-me, sou eu. O resto é a parte

De mim que chamo o mundo exterior.

Mas o caminho Deus eis se biparte

Em o que eu sou e o alheio a mim

QUALQUER MÚSICA

Qualquer Música, ah, qualquer,

Logo que me tire da alma

Esta incerteza que quer

Qualquer impossível calma!

Qualquer música - guitarra,

Viola, harmônio, realejo...

Um canto que se desgarra...

Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não vida!

Jota, fado, a confusão

Da última dança vivida...

Que eu não sinta o coração!

QUANDO AS CRIANÇAS BRINCAM

Quando as crianças brincam

E eu as oiço brincar,

Qualquer coisa em minha alma

Começa a se alegrar.

E toda aquela infância

Que não tive me vem,

Numa onda de alegria

Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,

E quem serei visão,

Quem sou ao menos sinta

Isto no coração.

QUANDO, DESPERTOS DESTE SONO, A VIDA

Quando, despertos deste sono, a vida,

Soubermos o que somos, e o que foi

Essa queda até Corpo, essa descida

Até à Noite que nos a Alma obstrui,

Conheceremos pois toda a escondida

Verdade do que é tudo que há ou flui?

Não: nem na Alma livre é conhecida...

Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.

Deus é o Homem de outro Deus maior:

Adam Supremo, também teve Queda;

Também, como foi nosso Criador;

Foi criado, e a Verdade lhe morreu...

De além o Abismo, Espírito Seu, Lha veda;

Aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.

QUANDO ELA PASSA

Quando eu me sento à janela

Pelos vidros que a neve embaça

Vejo a doce imagem dela

Quando passa... passa.... passa...

N'esta escuridão tristonha

Duma travessa sombria

Quando aparece risonha

Brilha mais que a luz do dia.

Quando está noite ceifada

E contemplo imagem sua

Que rompe a treva fechada

Como um reflexo da lua,

Penso ver o seu semblante

Com funda melancolia

Que o lábio embriagante

Não conheceu a alegria

E vejo curvado à dor

Todo o seu primeiro encanto

Comunica-mo o palor

As faces, aos olhos pranto.

Todos os dias passava

Por aquela estreita rua

E o palor que m'aterrava

Cada vez mais se acentua

Um dia já não passou

O outro também já não

A sua ausência cavou

Ferida no meu coração

Na manhã do outro dia

Com o olhar amortecido

Fúnebre cortejo via

E o coração dolorido

Lançou-me em pesar profundo

Lançou-me a mágoa seu véu:

Menos um ser n'este mundo

E mais um anjo no céu.

Depois o carro funério

Esse carro d'amargura

Entrou lá no cemitério

Eis ali a sepultura:

Epitáfio.

Cristãos! Aqui jaz no pó da sepultura

Uma jovem filha da melancolia

O seu viver foi repleto d'amargura

O seu rir foi pranto, dor sua alegria.

Quando eu me sento à janela

Pelos vidros que a neve embaça

Julgo ver imagem dela

Que já não passa... não passa.

QUANDO ERA CRIANÇA

Quando era criança

Vivi, sem saber,

Só para hoje ter

Aquela lembrança.

E hoje que sinto

Aquilo que fui.

Minha vida flui,

Feita do que minto.

Mas nesta prisão,

Livro único, leio

O sorriso alheio

De quem fui então

QUANDO ERA JOVEM, EU A MIM DIZIA

Quando era jovem, eu a mim dizia:

Como passam os dias, dia a dia,

E nada conseguido ou intentado!

Mais velho, digo, com igual enfado:

Como, dia após dia, os dias vão,

Sem nada feito e nada na intenção!

Assim, naturalmente, envelhecido,

Direi, e com igual voz e sentido:

Um dia virá o dia em que já não

Direi mais nada.

Quem nada foi nem é não dirá nada.

QUANDO JÁ NADA NOS RESTA

Quando já nada nos resta

É que o mudo sol é bom.

O silêncio da floresta

É de muitos sons sem som.

Basta a brisa pra sorriso.

Entardecer é quem esquece.

Dá nas folhas o impreciso,

E mais que o ramo estremece.

Ter tido esperança fala

Como quem conta a cantar.

Quando a floresta se cala

Fica a floresta a falar.

TREME EM LUZ A ÁGUA

Treme em luz a água.

Mal vejo. Parece

Que uma alheia mágoa

Na minha alma desce –

Mágoa erma de alguém

De algum outro mundo

Onde a dor é um bem

E o amor é profundo,

E só punge ver,

Ao longe, iludida,

A vida a morrer

O sonho da vida.

RALA CAI CHUVA

Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora

Inclina-se na haste; e depois volta.

Que bem a fantasia se me solta!

Com que vestígios me descobre agora!

Tédio dos interstícios, onde mora

A fazer de lagarto. - O muro escolta

A minha eterna angústia de revolta

E esse muro sou eu e o que em mim chora.

Não digas mais, pois te ignorei cativo...

Os teus olhos lembram o que querem ser,

Murmúrio de águas sobre a praia, e o esquivo

Langor do poente que me faz esquecer.

Que real que és! Mas eu, que vejo e vivo,

Perco-te, e o som do mar faz-te perder.

REDEMOINHA O VENTO

Redemoinha o vento,

Anda à roda o ar.

Vai meu pensamento

Comigo a sonhar.

Vai saber na altura

Como no arvoredo

Se sente a frescura

Passar alta a medo.

Vai saber de eu ser

Aquilo que eu quis

Quando ouvi dizer

O que o vento diz.

RENEGO, LÁPIS PARTIDO

Renego, lápis partido,

Tudo quanto desejei.

E nem sonhei ser servido

Para onde nunca irei.

Pajem metido em farrapos

Da glória que outros tiveram,

Poderei amar os trapos

Por ser tudo que me deram.

E irei, príncipe mendigo,

Colher, com a boa gente,

Entre o ondular do trigo

A papoila inteligente.

REPOUSA SOBRE O TRIGO

Repousa sobre o trigo

Que ondula um sol parado.

Não me entendo comigo.

Ando sempre enganado.

Tivesse eu conseguido

Nunca saber de mim,

Ter-me-ia esquecido

De ser esquecido assim.

O trigo mexe leve

Ao sol alheio e igual.

Como a alma aqui é breve

Com o seu bem e mal!

SABES QUEM SOU? EU NÃO SEI

Sabes quem sou? Eu não sei.

Outrora, onde o nada foi,

Fui o vassalo e o rei.

É dupla a dor que me dói.

Duas dores eu passei.

Fui tudo que pode haver.

Ninguém me quis esmolar;

E entre o pensar e o ser

Senti a vida passar

Como um rio sem correr.

SAUDADE DADA

Em horas inda louras, lindas

Clorindas e Helindas, brandas,

Brincam no tempo das berlindas,

As vindas vendo das varandas.

De onde ouvem vir a rir as vindas

Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno à tarde se entorna

A atordoar o ar que arde

Que a eterna tarde já não torna!

E em tom de atoarda todo o alarde

Do adornado ardor transtorna

No ar de torpor da tarda tarde.

E há nevoentos desencantos

Dos encantos dos pensamentos

Nos santos lentos dos recantos

Dos bentos cantos dos conventos...

Prantos de intentos, lentos, tantos

Que encantam os atentos ventos.

SE ESTOU SÓ, QUERO NÃO ESTAR

Se estou só, quero não estar,

Se não estou, quero estar só,

Enfim, quero sempre estar

Da maneira que não estou.

Ser feliz é ser aquele.

E aquele não é feliz,

Porque pensa dentro dele

E não dentro do que eu quis.

A gente faz o que quer

Daquilo que não é nada,

Mas falha se o não fizer,

Fica perdido na estrada.

SE EU, AINDA QUE NINGUÉM

Se eu, ainda que ninguém,

Pudesse ter sobre a face

Aquele clarão fugace

Que aquelas árvores têm,

Teria aquela alegria

Que as coisas têm de fora,

Porque a alegria é da hora;

Vai com o sol quando esfria.

Qualquer coisa me valera

Melhor que a vida que tenho -

Ter esta vida de estranho

Que só do sol me viera!

RELÓGIO, MORRE

Quem vende a verdade, e a que esquina?

Quem dá a hortelã com que temperá-la?

Quem traz para casa a menina

E arruma as jarras da sala?

Quem interroga os baluartes

E conhece o nome dos navios?

Dividi o meu estudo inteiro em partes

E os títulos dos capítulos são vazios...

Meu pobre conhecimento ligeiro,

Andas buscando o estandarte eloquente

Da filarmônica de um Barreiro

Para que não há barco nem gente.

Tapeçarias de parte nenhuma

Quadros virados contra a parede ...

Ninguém conhece, ninguém arruma

Ninguém dá nem pede.

Ó coração epitélico e macio,

Colcha de crochê do anseio morto,

Grande prolixidade do navio

Que existe só para nunca chegar ao porto.

SE EU PUDESSE NÃO TER O SER QUE TENHO

Se eu pudesse não ter o ser que tenho

Seria feliz aqui...

Que grande sonho

Ser quem não sabe quem é e sorri!

Mas eu sou estranho

Se em sonho me vi

Tal qual no tamanho

O que nunca vi...

SEI BEM QUE NÃO CONSIGO

Sei bem que não consigo

O que não quero ter,

Que nem até prossigo

Na estrada até querer.

Sei que não sei da imagem

Que era o saber que foi

Aquela personagem

Do drama que me dói.

Sei tudo. Era presente

Quando abdiquei de mim...

E o que a minha alma sente

Ficou nesse jardim.

SEI QUE NUNCA TEREI O QUE PROCURO

Sei que nunca terei o que procuro

E que nem sei buscar o que desejo,

Mas busco, insciente, no silêncio escuro

E pasmo do que sei que não almejo.

SE JÁ NÃO TORNA A ETERNA PRIMAVERA

Se já não torna a eterna primavera

Ser consciente é talvez um esquecimento

Sim, já sei...

Soam vãos, dolorido epicurista

SIM, JÁ SEI...

Sim, já sei...

Há uma lei

Que manda que no sentir

Haja um seguir

Uma certa estrada

Que leva a nada.

Bem sei. É aquela

Que dizem bela

E definida

Os que na vida

Não querem nada

De qualquer estrada,

Vou no caminho

Que é meu vizinho

Porque não sou

Quem aqui estou.

SEPULTO VIVE QUEM É A OUTREM DADO

Sepulto vive quem é a outrem dado.

E quem ao outrem que há em si, sepulto

Não poderei, Senhor, alguma vez

Desalgemar de mim as minhas mãos?

SE SOU ALEGRE OU SOU TRISTE?...

Se sou alegre ou sou triste?...

Francamente, não o sei.

A tristeza em que consiste?

Da alegria o que farei?

Não sou alegre nem triste.

Verdade, não sou o que sou.

Sou qualquer alma que existe

E sente o que Deus fadou.

Afinal, alegre ou triste?

Pensar nunca tem bom fim...

Minha tristeza consiste

Em não saber bem de mim...

Mas a alegria é assim...

SE TUDO O QUE HÁ É MENTIRA

Se tudo o que há é mentira

É mentira tudo o que há.

De nada nada se tira,

A nada nada se dá.

Se tanto faz que eu suponha

Uma coisa ou não com fé,

Suponho-a se ela é risonha,

Se não é, suponho que é.

Que o grande jeito da vida

É pôr a vida com jeito.

Fana a rosa não colhida

Como a rosa posta ao peito.

Mais vale é o mais valer,

Que o resto ortigas o cobrem

E só se cumpra o dever

Para que as palavras sobrem.

SIM, TUDO É CERTO LOGO QUE O NÃO SEJA

Sim, tudo é certo logo que o não seja.

Amar, teimar, verificar, descrer.

Quem me dera um sossego à beira-ser

Como o que à beira-mar o olhar deseja.

SOU UM EVADIDO

Sou um evadido.

Logo que nasci

Fecharam-me em mim,

Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa

Do mesmo lugar,

Do mesmo ser

Por que não se cansar?

Minha alma procura-me

Mas eu ando a monte

Oxalá que ela

Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,

Ser eu é não ser.

Viverei fugindo

Mas vivo a valer.

TALVEZ QUE SEJA A BRISA

Talvez que seja a brisa

Que ronda o fim da estrada,

Talvez seja o silêncio,

Talvez não seja nada...

Que coisa é que na tarde

Me entristece sem ser?

Sinto como se houvesse

Um mal que acontecer.

Mas sinto o mal que vem

Como se já passasse...

Que coisa é que faz isto

Sentir-se e recordar-se?

TÃO VAGO É O VENTO QUE PARECE

Tão vago é o vento que parece

Que as folhas fremem só por vida.

Dorme um calar em que se esquece.

Em que é que o campo nos convida?

Não sei. Anônimo de mim,

Não posso erguer uma intenção

Do saco em que me sinto assim,

Caído nesse verde chão.

Com a alma feita em animal,

A quem o sol é um lombo quente,

Aceito como a brisa real

A sensação de ser quem sente.

E os olhos que me pesam baixo

Olham pela alma o campo e a estrada.

No chão um fósforo é o que acho.

Nas sensações não acho nada.

TENHO DITO TANTAS VEZES

Tenho dito tantas vezes

Quanto sofro sem sofrer

Que me canso dos revezes

Que sonho só para os não ter

TENHO ESCRITO MUITOS VERSOS

Tenho escrito muitos versos, muitas coisas a rimar,
dadas em ritmos diversos ao mundo e ao se olvidar.

Nada sou, ou fui de tudo. Quanto escrevi ou pensei é
como o filho de um mudo- "amanhã eu te direi".

E isto só por gesto e esgar, feito de nadas em dedos
como uma luz ao passar por onde havia arvoredos.

TENHO ESPERANÇA?

Tenho esperança? Não tenho.

Tenho vontade de a ter?

Não sei. Ignoro a que venho,

Quero dormir e esquecer.

Se houvesse um bálsamo da alma,

Que a fizesse sossegar,

Cair numa qualquer calma

Em que, sem sequer pensar,

Pudesse ser toda a vida,

Pensar todo o pensamento -

Então [...]

TENHO PENA ATÉ... NEM SEI. . .

Tenho pena até... nem sei. . .

Do próprio mal que passei

Pois passei quando passou.

TENHO SONO EM PLENO DIA.

Tenho sono em pleno dia.

Não sei de que, tenho pena.

Sou como uma maresia.

Dormi mal e a alma é pequena.

Nos tanques da quinta de outrem

É que gorgoleja bem.

Quanto as saudades encontrem,

Tanto minha alma não tem.

TORNAR-TE-ÁS SÓ QUEM TU SEMPRE FOSTE

Tornar-te-ás só quem tu sempre foste.

O que te os deuses dão, dão no começo.

De uma só vez o Fado

Te dá o fado, que é um.

A pouco chega pois o esforço posto

na medida da tua força nata -

a pouco, se não foste

para mais concebido.

Contenta-te com seres quem não podes

Deixar de ser. Ainda te fica o vasto

Céu pra cobrir-te, e a terra,

Verde ou seca a seu tempo.

O fausto repúdio, porque o compram.

O amor porque acontece.

Comigo fico, talvez não contente.

Porém nato e sem erro.

Eu não procuro o bem que me negaram.

As flores dos jardins herdadas de outros.

Como hão de mais que perfumar de longe

Meu desejo de tê-las?

Não quero a fama, que comigo a têm

Eróstrato e o pretor

Ser olhado de todos - que se eu fosse

Só belo, me olhariam.

TUDO QUE SINTO, TUDO QUANTO PENSO

Tudo que sinto, tudo quanto penso,

sem que eu o queira se me converteu

numa vasta planície, um vago extenso

onde há só nada sob o nulo céu.

Não existo senão para saber

que não existo, e, como a recordar,

vejo boiar a inércia do meu ser

no meu ser sem inércia, inútil mar.

Sargaço fluído de uma hora incerta,

quem me dará que o tenha por visão?

Nada, nem o que tolda a descoberta

como o saber que existe o coração.

UMA NÉVOA DE OUTONO O AR RARO VELA

Uma névoa de Outono o ar raro vela,

Cores de meia-cor pairam no céu.

O que indistintamente se revela,

Árvores, casas, montes, nada é meu.

Sim, vejo-o, e pela vista sou seu dono.

Sim, sinto-o eu pelo coração, o como.

Mas entre mim e ver há um grande sono.

De sentir é só a janela a que eu assomo.

Amanhã, se estiver um dia igual,

Mas se for outro, porque é amanhã,

Terei outra verdade, universal,

E será como esta [...]

UM DIA BAÇO MAS NÃO FRIO...

Um dia baço mas não frio...

Um dia como

Se não tivesse paciência pra ser dia,

E só num assomo,

Num ímpeto vazio

De dever, mas com ironia,

Se desse luz a um dia enfim

Igual a mim,

Ou então

Ao meu coração,

Um coração vazio,

Não de emoção

Mas de buscar, enfim -

Um coração baço mas não frio.

UNIVERSAL LAMENTO

Universal lamento

Aflora no teu ser.

Só tem de ti a voz e o momento

Que o fez em tua voz aparecer.

VAGA SAUDADE, TANTO

Vaga saudade, tanto

Dóis como a outra que é

A saudade de quanto

Existiu aqui ao pé.

Tu, que és do que nunca houve,

Punges como o passado

A que existir não aprouve.

VAI ALTA A NUVEM QUE PASSA

Vai alta a nuvem que passa,

Branca, desfaz-se a passar,

Até que parece no ar

Sombra branca que esvoaça.

Assim no pensamento

Alta vai a intuição,

Mas desfaz-se em sonho vão

Ou em vago sentimento.

E se quero recordar

O que foi nuvem ou sentido

Só vejo alma ou céu despido

Do que se desfez no ar.

VAI ALTO PELA FOLHAGEM

Vai alto pela folhagem

Um rumor de pertencer,

Como se houvesse na aragem

Uma razão de querer.

Mas, sim, é como se o som

Do vento no arvoredo

Tivesse um intuito, ou bom

Ou mau, mas feito em segredo,

E que, pensando no abismo

Onde os ventos são ninguém,

Subisse até onde cismo,

E, alto, alado, num vaivém

De tormenta comovesse

As árvores agitadas

Até que delas me viesse

Este mau conto de fadas.

VAI LÁ LONGE, NA FLORESTA

Vai lá longe, na floresta,

Um som de sons a passar,

Como de gnomos em festa

Que não consegue durar...

É um som vago e distinto.

Parece que entre o arvoredo

Quando seu rumor é extinto

Nasce outro som em segredo.

Ilusão ou circunstância?

Nada? Quanto atesta, e o que há

Num som, é só distância

Ou o que nunca haverá.

VAI PELA ESTRADA QUE NA COLINA

Vai pela estrada que na colina

É um risco branco na encosta verde -

Risco que em arco sobe e declina

E, sem que iguale, se à vista perde -

A cavalgada, formigas, cores,

De gente grande que aqui passou.

Eram dois sexos multicolores

E riram muitos por onde estou.

Por certo alegres assim prosseguem.

Quem porém sabe se o não sou mais -

Eu, só de vê-los e como seguem;

Eu, só de achá-los todos iguais?

Eles para eles são um do outro;
Pra mim são todos - a cavalgada -,
Numa alegria, distante e neutro,
Que a nenhum deles pode ser dada.

Os sentimentos não têm medida,
Nem, de uns para outros, comparação.
Vai já na curva que é a descida
A cavalgada meu coração.

...VAGA HISTÓRIA

...Vaga História comezinha

Que, pela voz das vozes, era a minha...

Quem sou eu? Eles sabem e passaram.

VAI LEVE A SOMBRA

Vai leve a sombra

Por sobre a água.

Assim meu sonho

Na minha mágoa.

Como quem dorme

Esqueço a viver.

Despertarei

Ao sol volver.

Nuvem ou brisa,

Sonho ou [...] dada

Faz sentir; passa

E não foi nada.

VÃO BREVES PASSANDO

Vão breves passando

Os dias que tenho.

Depois de passarem

Já não os apanho.

De aqui a tão pouco

Ainda acabou.

Vou ser um cadáver

Por quem se rezou.

E entre hoje e esse dia

Farei o que fiz:

Ser qual quero eu ser,

Feliz ou infeliz.

VÊ-LA FAZ PENA DE ESPERANÇA

Vê-la faz pena de esperança.

Loura, olha azul com expansão

Tem um sorriso de criança:

Sorri até ao coração.

Não saberia ter desdém.

Criança adulta, [...]

Parece quase mal que alguém

Venha a violá-la por mulher.

Os seus olhos, lagos de alma de água,

Têm céus de uma intenção menina.

De eu vê-la, ri-me a minha mágoa

Tornada loura e feminina.

VEM DOS LADOS DA MONTANHA

Vem dos lados da montanha

Uma canção que me diz

Que, por mais que a alma tenha,

Sempre há de ser infeliz.

O mundo não é seu lar

E tudo que ele lhe der

São coisas que estão a dar

A quem não quer receber.

Diz isto? Não sei. Nem voz

Ouço, música, à janela

Onde me medito a sós

Como o luzir de uma estrela.

VENHO DE LONGE E TRAGO NO PERFIL

Venho de longe e trago no perfil,

Em forma nevoenta e afastada,

O perfil de outro ser que desagrada

Ao meu atual recorte humano e vil.

Outrora fui talvez, não Boabdil,

Mas o seu mero último olhar, da estrada

Dado ao deixado vulto de Granada,

Recorte frio sob o unido anil...

Hoje sou a saudade imperial

Do que já na distância de mim vi...

Eu próprio sou aquilo que perdi...

E nesta estrada para Desigual

Florem em esguia glória marginal

Os girassóis do império que morri...

VERDADEIRAMENTE

Verdadeiramente

Nada em mim sinto.

Há uma desolação

Em quanto eu sinto.

Se vivo, parece que minto.

Não sei do coração

Outrora, outrora

Fui feliz, embora

Só hoje saiba que o fui.

E este que fui e sou,

Margens, tudo passou

Porque flui.

VINHA ELEGANTE, DEPRESSA

Vinha elegante, depressa,

Sem pressa e com um sorriso.

E eu, que sinto co a cabeça,

Fiz logo o poema preciso.

No poema não falo dela

Nem como, adulta menina,

Virava a esquina daquela

Rua que é a eterna esquina...

No poema falo do mar,

Descrevo a onda e a mágoa.

Relê-lo faz-me lembrar

Da esquina dura - ou da água.

VI PASSAR, NUM MISTÉRIO CONCEDIDO

Vi passar, num mistério concedido,

Um cavaleiro negro e luminoso

Que, sob um grande pálio rumoroso,

Seguia lento com o seu sentido.

Quatro figuras que lembrando olvido

Erguiam alto as varas, e um lustroso

Torpor de luz dormia tenebroso

Nas dobras desse pano estremecido.

Na fronte do vencido ou vencedor

Uma coroa pálida de espinhos

Lhe dava um ar de ser rei e senhor.

VELO, NA NOITE EM MIM

Velo, na noite em mim,

Meu próprio corpo morto.

Velo, inútil absorto.

Ele tem o seu fim

Inutilmente, enfim.

VEM DO FUNDO DO CAMPO, DA HORA

Vem do fundo do campo, da hora,

E do modo triste como ouço,

Uma voz que canta, e se demora.

Escuto alto, mas não posso

Distinguir o que diz; é música só,

Feita de coração, sem dizer:

Murmúrio de quem embala, com um vago dó

De o menino ter de crescer.

VENTO QUE PASSAS

Vento que passas

Nos pinheirais

Quantas desgraças

Lembram teus ais.

Quanta tristeza,

Sem o perdão

De chorar, pesa

No coração.

E ó vento vago

Das solidões

Traze um afago

Aos corações.

À dor que ignoras

Presta os teus ais,

Vento que choras

Nos pinheirais.

VOU COM UM PASSO COMO DE IR PARAR

Vou com um passo como de ir parar

Pela rua vazia

Nem sinto como um mal ou mal-estar

A vaga chuva fria...

Vou pela noite da indistinta rua

Alheio a andar e a ser

E a chuva leve em minha face nua

Orvalha de esquecer ...

Sim, tudo esqueço. Pela noite sou

Noite também

E vagaroso eu vou,

Fantasma de magia.

No vácuo que se forma de eu ser eu

E da noite ser triste

Meu ser existe sem que seja meu

E anônimo persiste ...

Qual é o instinto que fica esquecido

Entre o passeio e a rua?

Vou sob a chuva, amargo e diluído

E tenho a face nua.

Pia, pia, pia

O mocho.

Que pertencia

A um coxo.

E meteu o mocho

Na pia, pia, pia...

***

Levava eu um jarrinho

Para ir buscar vinho

Levava um tostão

Para comprar pão:

E levava uma fita

Para ir bonita.

Correu atrás

De mim um rapaz:

Foi o jarro para o chão,

Perdi o tostão,

Rasgou-se-me a fita...

Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,

Nem fosse buscar vinho,

Nem trouxesse uma fita

Pra ir bonita,

Nem corresse atrás

De mim um rapaz

Para ver o que eu fazia,

Nada disto acontecia.

POEMA PIAL

Casa Branca - Barreiro a Moita

(Silêncio ou estação, à escolha do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias

Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM

Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,

Para quem bebe bifes de bois.

Pia número TRÊS,

Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,

Para quem manda as ventas ao teatro.

Pia número CINCO,

Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,

Para quem se penteia com bolos-reis

Pia número SETE,

Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,

Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,

Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,

Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,

Tampa nas pias!

QUADRAS AO GOSTO POPULAR

A quadra é o vaso de flores que o Povo põe à janela da sua alma. Da órbita triste do vaso escuro a graça exilada das flores atreve o seu olhar de alegria.

Quem faz quadras portuguesas comunga a alma do povo, humildemente de todos nós e errante dentro de si próprio.

Fernando Pessoa

Cantigas de portugueses

São como barcos no mar -

Vão de uma alma para outra

Com riscos de naufragar.

***

A terra é sem vida, e nada

Vive mais que o coração

E envolve-te a terra fria

E a minha saudade não!

***

O moinho de café

Mói grãos e faz deles pó.

O pó que a minha alma é

Moeu quem me deixa só.

***

Se eu te pudesse dizer

O que nunca te direi,

Tu terias que entender

Aquilo que nem eu sei.

***

O teu vestido porque é teu,

Não é de cetim nem chita.

É de sermos tu e eu

E de tu seres bonita.

***

Vem cá dizer-me que sim.

Ou vem dizer-me que não.

Porque sempre vens assim

Para ao pé do meu coração.

***

Tenho um segredo a dizer-te

Que não te posso dizer.

E com isso já te o disse

Estavas farta de o saber...

***

Dona Rosa, Dona Rosa,

De que roseira é que vem,

Que não tem senão espinhos

Para quem só lhe quer bem?

Dona Rosa, Dona Rosa,

Quando eras inda botão

Disseram-te alguma coisa

De flor não ter coração?

***

Trazes uma cruz no peito.

Não sei se é por devoção.

Antes tivesses o jeito

De ter lá um coração.